

UNVIERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Mauro da Silva de Carvalho

A SAUDADE DO RIO E O AMOR AO PÚBLICO: ALMAS CONSUMISTAS
E ALMAS REBELDES DA LAPA DO DESTERRO

MESTRADO DE PSICOLOGIA EM ESTUDOS DA SUBJETIVIDADE

Orientador: Luís Antônio dos Santos Baptista

NITERÓI-RJ
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MAURO DA SILVA DE CARVALHO

A SAUDADE DO RIO E O AMOR AO PÚBLICO: Almas Consumistas e Almas Rebeldes da Lapa do Desterro

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de concentração: Estudo da Subjetividade. Sob orientação do Professor Doutor Luís Antônio dos Santos Baptista.

NITERÓI-RJ
2006

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

M685 Carvalho, Mauro Silva.

A Saudade do Rio e Amor ao Público: Almas Consumistas e Almas
Consumistas da Lapa do Desterro /

Carvalho, Mauro Silva. – 2006.

115 f.

Orientador: Luis Antonio Baptista.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense,
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de
Psicologia, 2006.

Bibliografia: f. 110-114.

1. Sociologia urbana – Rio de Janeiro (RJ). 2. Cidade –
Aspecto social. 3. Vida urbana – Rio de Janeiro (RJ). 4. Arquitetura\

MAURO DA SILVA DE CARVALHO

A SAUDADE DO RIO E O AMOR AO PÚBLICO: Almas Consumistas e Almas
Rebeldes da Lapa do Desterro

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado de Psicologia da Universidade
Federal Fluminense como requisito parcial
para obtenção do Grau de Mestre em
Psicologia. Área de concentração: Estudos
da Subjetividade

Aprovada em setembro de 2006

BANCA EXAMINADORA

Prof. Doutor Luís Antônio dos Santos Baptista - Orientador
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof. Dr. José Novaes
Universidade Federal Fluminense - UFF

Prof(a). Dra. Maria Helena Navas Zamora
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ

Niterói
2006

DEDICATÓRIA

Aos meus pais – Seu apoio e carinho incondicionais foram fundamentais nesta longa caminhada

AGRADECIMENTOS

A Luís Antônio do Santos Baptista – orientador, professor e amigo, que abraçou este projeto acreditando na sua viabilidade.

A Luiza Borges Theodoro – Minha Gatinha de olhos doces e brilhantes que, com seu amor, carinho e compreensão, tornou mais tranquilos os dias conturbados deste curso, além de todo meu carinho e agradecimento pelo apoio ao revisar o texto dessa dissertação.

Aos colegas da Turma de Mestrado 2004 – Pela intensidade das discussões e contribuições inestimáveis nas disciplinas, além do cuidado e incentivo ao desenvolvimento desta dissertação.

A todos amigos e colegas - Que torceram e se alegraram com esta nova jornada.

“... Ousa! A cidade o quer...”

“Compreendes as possibilidades encantadoras que podemos ler em todos os olhos, no ritmo de todos os corpos que florescem na cidade... Se soubesses! A felicidade é um bem que se atinge aqui... Porque a cidade é inocente no seu instinto de pecado...”.

Ribeiro Couto: *A Cidade do Vicio e da Graça: Vagabundagem pelo Rio noturno* (1921).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
PREÂMBULO.	23
CAPÍTULO I.....	36
I.I A ALMA VICIOSA DA LAPA DO DESTERRO	36
I.II A ALMA DECADENTE: LUGAR DOS MALDITOS.....	55
I.III A ALMA NOSTÁLGICA: A CIDADE OBJETO.....	70
CAPÍTULO II: A CIDADE DE FRAGMENTOS – NAS TRAMAS DE UMA CIDADE CAMBIANTE.	90
O REBOCO, O VARAL E O RESTAURANTE JAPONÊS.....	91
CORES DA LAPA OPERÁRIA.....	97
O AMOR DO (ESPAÇO) PÚBLICO – CARTOGRAFIAS E MAPAS URBANOS.....	102
PEQUENOS APONTAMENTAMENTOS DE UMA BREVE CONCLUSÃO.....	108
BIBLIOGRAFIA.....	112

RESUMO

Desde o início da década de 90 vem se instituindo na Lapa o movimento de “renascimento” da vida boêmia que marcara o bairro no início do séc. XX. Através de obras de revitalização da Prefeitura Municipal e ao incentivo à instalação de estabelecimento de lazer e entretenimento (bares, boates, casas de show, etc), o bairro tornado famoso pela boemia do início do século XX, que fora tratado como “maldito” na história da cidade, sofrendo décadas de abandono, novamente passa a ser reintegrado à cidade como patrimônio cultural. Através da implementação de uma estética urbana voltada para o consumo, o passado do bairro e seus personagens são transformados em objetos de fetiche do capitalismo contemporâneo, reintegrados ao espaço através da idealização da imagem da boêmia e do malandro como personificação da “essência da alma carioca”. A cidade idealizada por estes projetos é uma metrópole onde as contingências e tensões no espaço público são substituídas pelo apaziguamento e aturdimiento dos corpos e vontades, premindo pela captura e cristalização das narrativas advindas da tradição popular, onde as diferentes formas de narrar a cidade e a memória urbana dão lugar a um cotidiano imutável, aprisionado num “eterno presente” referenciado pelo retorno idílico ao passado boêmio. Esta dissertação analisa as implicações políticas e subjetivas contidas nestes projetos de restauração bem como a proposta de transformar as singularidades dos lugares em “bens de consumo cultural”, visando sua “preservação”. Objetiva-se, portanto, analisar a história e o cotidiano do bairro recolhendo-se, nesta trajetória, os inúmeros passados esquecidos ou apagados pelos urbanistas e patrimonialistas, dando-lhes usos que apontem para a construção de diferentes possibilidades e para a formulação de cidades onde as singularidades dos lugares e as alteridades do cotidiano possam gerar sensibilidades e subjetividades capazes de romper com o aturdimiento do sujeito contemporâneo.

Palavras chave: Cidade, Subjetividade, Espaço Público.

ABSTRACT

Since the beginning of the 90's, the movement of "rebirth" of the bohemian life that marked the burgh in the beginning of the twentieth century has been instituted in Lapa. Through revitalization works made by the municipal government and the stimulus to installing leisure and entertainment places (bars, boites, concert arenas, etc), the burgh made famous by its bohemia in the early XX century, that had been treated as damned in the history of the city, suffering decades of dereliction, once again is integrated to the city as a cultural estate. Through implementing urban looks facing towards consuming, the past of the neighborhood and its characters are transformed into fetish objects of contemporary capitalism, re-integrated to the space through the idealization of bohemian image and the "malandro" as a personification of "the essence of carioca soul". The city that has been idealized by these projects is a metropolis where the contingences and tensions of the public space are replaced by the settlement and the fuddle of bodies and wishes, pressing down for the capture and crystallization of narratives come from folk tradition, where the different ways of narrating the city and the urban memory make room for an immutable everyday, enclosed in an "eternal present" referred by idyllic return to the bohemian past. This essay analyzes the political and subjective implications within these restoration projects, as well as the proposal of transforming the singularities of the places in "cultural consume goods", aiming at their "preservation". The objective is, therefore, to analyze the history and everyday of the burgh collecting, along the way, the countless pasts forgotten or deleted by urbanists and patrimonialists, giving them uses which point at the construction of different possibilities and to the formulation of cities where the singularities of the places and the otherness of the everyday may generate sensibilities and subjectivities able to break the fuddle of the contemporary subject.

Keywords: City, Subjectivity, Public Space

INTRODUÇÃO :

Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua? Qual de vós já sentiu o mistério, o sono, o vício, as idéias de cada bairro?

João do Rio – A Rua

“As ruas têm alma”, nos afirma o cronista João do Rio, mas de que são feitas as almas das ruas? Será a alma da Barra da Tijuca uma alma “emergente”, de novos ricos, veloz, vertical, confinada atrás de grades de condomínios? A alma de Copacabana, a dos velhos e da solidão das quitinetes? A alma dos morros e favelas, criminosa, repleta de samba? De que é feita a alma das ruas?

No ano de 1990 foi inaugurada, com grande alarde, a restauração do Largo da Lapa. As obras realizadas visavam restituir as características coloniais da construção. Esse processo, além de propor um novo tratamento paisagístico no entorno da praça, incluía uma série de medidas que visavam criar um espaço de lazer cultural através da recuperação e preservação de áreas do centro antigo da cidade¹, iniciando o que foi chamado de “renascimento” da vida boêmia da Lapa.

Após anos de abandono, o Largo e o antigo aqueduto, restaurados, passavam a emanar a “aura” cultural que tornava nobre a degradação das redondezas, impregnando o bairro com um fetichismo capitalista transformado em sedução consumista que, uma vez alimentada pelas memórias e histórias urbanas “resgatadas” e moldadas em formatos atraentes e belos, transformava a cidade em um objeto de consumo.

Formas pasteurizadas, que misturam fachadas e corpos, digeridos e transmutados em formas sensíveis ao toque dos turistas - cidadãos globalizados ávidos por novidades. Formas cheias de saudosismos e nostalgia, que impregnam o bairro e transformam tudo que tocam em mercadorias cobiçadas por “consumidores de memórias”. Mas a mesma estratégia que reduz a eventualidade da contingência do urbano, na busca de um efeito

¹ O Programa “Corredor Cultural”, criado em 1984, visava preservar áreas do Centro histórico como a Lapa, Cinelândia, Largo de São Francisco, região do Saara e Praça Quinze, esquadrinhando a cidade em quatro eixos de preservação, sendo a Lapa incluída no corredor Lapa- Cinelândia. As premissas básicas deste projeto consistem em propostas de revitalização para o resgate das referências sociais, culturais e arquitetônicas, estimulando a renovação urbana, respeitando a “memória” da cidade com a proibição da descaracterização do conjunto arquitetônico. Além deste projeto, ainda ativo, outras obras de revitalização mantendo as mesmas premissas dos corredores, vêm sendo implantadas no bairro como parte do projeto municipal chamado “Rio Cidade”.

estético necessário², produz seu paradoxo, extrapola os limites da morfologia dos urbanistas e governantes, perverte as “boas intenções” do capitalismo, recria ruas, praças, vontades e desejos a partir dos escombros e vazios deixados pela urbanização.

A cidade que surge deste processo de conservação da arquitetura de diferentes épocas é a cidade “patrimonializada”, que busca na preservação da história manter vivas as origens constituintes da “alma carioca”, ameaçada de desaparecer com a destruição de antigas formas de habitar o urbano e da necessidade de novos espaços.

Segundo Jeudy(2006. p14):

A conservação patrimonial se encarrega do depósito das lembranças e nos libera do peso das responsabilidades infligidas à memória. A profusão de locais de memória oferece uma garantia real contra o esquecimento.

A esse comentário soma-se ao de Aggio(1998, p5):

A reedição do passado no presente decorre de um mecanismo de defesa, através do qual os homens temerosos de enfrentar o novo e lançar-se em tarefas inéditas voltam-se ao passado. A identificação do passado, por sua vez, é própria do historicismo que, concebendo o curso do mundo como um arquivo de fatos petrificados, produz uma representação contínua e linear da história.

A partir destes fragmentos cabe-nos perguntar que cidade era essa que os projetos de conservação buscavam preservar? De forma bem ampla podemos afirmar que esta cidade resgatada corresponde a uma imagem, uma representação cuja única finalidade é manter vivo um estilo de vida representado pelo mobiliário urbano, elevado a patrimônio, em via de desaparecer no rastro do progresso, que avançava, inelutavelmente, em direção a um futuro utópico que nunca chegava. Este movimento começa a tomar forma a partir da constatação de que os novos prédios comerciais que começavam a surgir na região central, a partir da década de 1980, com suas fachadas lisas e espelhadas, não tinham rosto, eram impessoais, não convidavam ao convívio e à fabulação; só à rápida permanência.

A história expressa pelo patrimônio, neste sentido, assume um caráter de objeto, que, segundo a intenção dos urbanistas, seria capaz, por si só, de expressar a evolução das formas de viver e habitar, reconstruindo os diferentes momentos da evolução urbana, num

² *Se antes o reconhecimento da qualidade estética de um objeto tinha relação com a sua inutilidade presumida, a partir de agora ele mudou sua razão de ser: a função do objeto consagra seu valor estético porque traduz a beleza retrospectiva de um savor-faire.* Jeudy: 2006, p 109

movimento “linear e evolutivo”: a história das origens dos monumentos e bustos que contam os grandes feitos dos “heróis” da humanidade e suas inabaláveis determinações; patrimônio enquanto espelho capaz de refletir os ideais da grandeza humana.

Exposta numa vitrine³, a antiga escultura de madeira que marcava a entrada de uma aldeia africana, assumia um ar ameaçador e repugnante aos visitantes. A figura ameaçadora, de dentes escancarados e feições ameaçadoras, contrastava com os inúmeros pregos presos em seu corpo. Cada pedaço de metal fixado, uma lembrança: casamentos, juras, relações comerciais, promessas... Em cada prego um fragmento que narra a vida dos moradores da pequena aldeia perdida na imensidão do continente africano. Segundo a lenda que cerca o antigo objeto, se as promessas concretizadas no ato de espetar o ídolo fossem quebradas, o ídolo ganharia vida e roubaria a alma daqueles que descumprissem os pactos firmados.

O objeto resgatado, exposto na vitrine da exposição, produzia nos visitantes ares de repugnância e admiração. Suas feições grotescas, cheias de pregos, tornaram-se arte e as promessas e juras pregadas em seu corpo, adornos que completavam o conjunto da obra. Os visitantes que circulavam pelos corredores da exposição de arte africana paravam em frente à vitrine, admiravam a figura talhada em madeira, liam a pequena placa informativa e continuavam seu passeio pela exposição de arte africana. Seu encantamento vinha das pequenas e desconexas narrativas, de uma antiga aldeia, transformadas em objeto de veneração. Longe do cotidiano da aldeia os pactos perderam sua força e o ídolo sua magia: tornara-se apenas um pedaço de madeira entalhada. Sua força agora era o valor histórico de um passado esgotado, transformado em “era uma vez” de uma pequena aldeia tornada exótica.

Assim como no ídolo de madeira, a história dos patrimonialistas afirmava a idealização do passado transformando em imagem/objeto, elementos que dão forma à alma etérea do urbano, fonte que mantém vivas as lembranças, desprezando outras formas e possibilidades de leitura do passado. “Cidade museu”⁴ onde as possibilidades de construção de outras narrativas, através das experiências cotidianas, da insurgência da memória, dos fragmentos urbanos, dos passados negados ou esquecidos deveriam ser evitadas.

³ Exposição de arte africana realizada no CCBB - Centro Cultural Banco do Brasil no ano de 2005.

⁴ Judy : 2006

Tradições, formas de sociabilidade e práticas sociais, ou seja, tudo aquilo que não era “digno” de ser representado deveria ser esquecido ou reformatado em texturas mais agradáveis.

Estas novas práticas advindas do processo de purificação das tradições chamam-se “cultura”, esta forma dura, cristalizada que aprisiona os sentidos, referindo-se a si mesma, isolada de qualquer possibilidade de questionamentos ou mudanças que lhe deem movimento e vitalidade. Em outras palavras, instaura-se uma visão de cultura enquanto “essência” da vida urbana que, aliada à verve patrimonialista, garante a permanência do passado.

O que está em jogo nos projetos de preservação é a manutenção das memórias urbanas, representadas na idealização do patrimônio, e de uma determinada concepção cultural. Este processo, ao mesmo tempo em que busca garantir a transmissibilidade para gerações futuras, transforma o passado num espetáculo teatralizado, numa prisão onde o sentido é dado, a priori, desvinculado de qualquer “acidente” capaz de produzir fabulações. A ordem patrimonial transmite de forma maquinal o “puro em si”, produz “Verdades”, inventa realidades, reifica a busca das origens, aprisiona o presente num momento sem futuro, fruto da perpétua atualização da atualidade.

Após este breve atalho, que nos dá pistas para entendermos o “renascimento”, que tem início na década de 1990, retorno à Lapa, aos seus muitos, caminhos e descaminhos, com uma pergunta: Que subjetividades seriam produzidas pelos urbanistas desta Lapa renascida? Seria esta uma alma carioca “romântica”, repleta de nostalgia encarnada nos projetos que se insinuam pelas ruas do bairro, nas fachadas restauradas dos antigos sobrados, casas e lojas transformadas em ícones da beleza estética? A alma carioca cheia de samba, gingado, de antigas navalhas e boemia seria a Lapa “renascida” pelas mãos dos urbanistas? Pode uma alma ser marginal, insolente e capaz de romper o determinismo da cidade dos urbanistas?

Durante séculos acreditávamos que os homens mais velozes detinham a inteligência do Mundo. A literatura que glorifica a potência inclui a velocidade como essa força mágica que permitiu à Europa civilizar-se primeiro e empurrar, depois, a “sua” civilização para o resto do mundo. Agora, estamos descobrindo que, nas cidades, o tempo que comanda, ou vai comandar, é o tempo dos homens “lentos”. Na grande cidade, hoje, o que se dá é tudo ao contrário. A força é dos “lentos” e não dos que detêm a velocidade elogiada por um Virílio em delírio, na esteira de um Valéry sonhador. Quem, na cidade, tem mobilidade - e pode percorrê-la e

esquadrinhá-la – acaba por ver pouco da cidade e do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem, exatamente do convívio com estas imagens. Os homens “lentos” para quem tais imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com este imaginário perverso e ir descobrindo fabulações. Santos : 2005, p.325.

Vindo de uma cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro, optei por desenvolver esta dissertação não como um mestrando/pesquisador, muito menos como um turista consumidor, mas como caminhante de uma cidade – São Sebastião do Rio de Janeiro – que se abre, se esconde, se camufla, sobrevive, insiste. Cidade de muitas caras, rostos, histórias e narrativas.

Como mais um estrangeiro, misturei-me aos emaranhado de ruas, fachadas e prédios, mesclando pedras, corpos e memórias, usando a lentidão dos passos ao invés da pressa dos transeuntes, quase sempre atrasados, como ferramenta. Neste lento caminhar, deixei-me perder na cidade para reencontrá-la, na busca de desfazer o encanto sedutor de uma alma etérea e nostálgica, aceitando a tarefa de ser de fato estrangeiro; vagando sem raízes, estranhando a naturalidade dos lugares⁵ e tudo aquilo que chamam de natural, compondo e recompondo cidades a partir da mistura de fragmentos imprevisíveis e casuais.

Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia de comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado, isolado, antes de poder reconstruir uma nova identidade metropolitana. O desenraizamento e o estranhamento são momentos fundamentais que - mais sofridos do que predeterminados – permitem atingir novas possibilidades cognitivas, através de um resultado “sujo”, de misturas imprevisíveis e casuais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos, como unicamente a forma-cidade sabe conjugar. Canevacci : 1988, p15-16.

⁵ A noção de lugar, quanto conceito, utilizada nesta dissertação refere-se à formulação de Massey “*Nessa interpretação, o que dá a um lugar a sua especificidade não é sua história longa e internalizada, mas o fato de que ele se constroi a partir de uma constelação particular de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num locus particular (...)* Trata-se, na verdade, de um lugar de encontro. Assim, em vez de pensar os lugares com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido de lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local. (2000, p184). Em outras palavras, entendemos lugar como forma de se relacionar com o espaço urbano, que ocorre de forma única e particular, não delimitada por barreiras fixas (geográficas, morfológicas...) num movimento contínuo que mistura manifestações, relações e práticas particulares com estímulos externos, produzindo espaços dinâmicos e “singularidades”.

Nesta perspectiva a cidade deixa de ser apenas um aglomerado de prédios e corpos em trânsito, numa materialidade de formas geométricas, para dar formas a espaços preñes de vida e criação; campo onde se articulam fragmentos de memórias, histórias e narrativas, num emaranhado de possibilidades, capazes de tornar visíveis, em toda sua dimensão trágica, os fazeres humanos, seus atos de barbárie e criação, e também de insurgência e destruição.

“Destruição criativa” que põe abaixo a arrogância do sujeito iluminista e, a partir de suas ruínas, abre caminho para a construção de outros sentidos e sensibilidades, capazes de afirmar a potência de um sujeito político, historicamente constituído, capaz de intensificar a radicalidade das alteridades e romper a letargia do contemporâneo.

Por “destruição criativa” nos inspiramos na seguinte reflexão de Walter Benjamin (1987, p. 237).

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro.... Mas eis que precisamente porque vê caminhos por toda parte. Onde outros esbarram em muros e montanhas também aí ele vê caminho. Já que o vê, tem de desobstruí-lo também por toda parte. Nem sempre com brutalidade, às vezes com refinamento. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas...

Para conhecer estas cidades, optei por uma metodologia que, num primeiro momento, pode parecer estranha à academia e suas tradicionais práticas de pesquisa, que delimitam a fronteira entre sujeito pesquisador e objeto de pesquisa em momentos estanques. Optei por ignorar tais limites, fazendo do caminhar um método, onde cada passo marca a mistura, mescla sujeito e objeto da investigação, rompe os limites da neutralidade.

Ao caminhar pela cidade, cruzam-se constantemente fronteiras, atravessam-se territórios interpenetrados. O trajeto efetivamente percorrido (com afetividade) no chão é diverso daquele que se percebe num sobrevoo ou que se pode varrer com o olhar estrategicamente colocado, quando se mira do alto de algum ponto seguro. Os passos do caminhante atento não costuram simplesmente uns aos outros pontos desconexos e aleatórios da paisagem. Ele arrisca, cruzando umbrais, e assim fazendo ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se Arantes : 1994, p. 196.

Ou como nos aponta o poeta Fernando Pessoa; “*Vou pela rua afora, dorminhoco de minha vagabundagem folha. Qualquer vento me varreu do solo, e erro, como um fim de crepúsculo, entre acontecimentos da paisagem*” (Apud Viana 2006, p.113). Este caminhar de “passos lentos”, que se arrisca ao “cruzar umbrais”, “dorminhoco de uma vagabundagem folha” nos permite dar um primeiro contorno, ainda que inquieto, da metodologia seguida nesta dissertação.

A essa metodologia errante chamaremos, provisoriamente, de atitude “flâneur”, o personagem urbano da Paris das luzes, dos amplos boulevares abertos pelas reformas urbanas do barão Haussmann, onde brotam as “flores do mal” do poeta Baudelaire. Amante das multidões, o flâneur estudado por Walter Benjamin (1989)⁶ tem como propósito conhecer os sonhos do capitalismo por meio da experiência das ruas e galerias da Paris dos Boulevares. Ele se relaciona com o urbano num perambular incógnito por entre os corpos que transitam pelas ruas da grande metrópole, misturando-se, fazendo dela seu lar.

Seu prazer vem do perder-se, atento aos detalhes muitas vezes imperceptíveis aos transeuntes, compondo e recompondo cotidianos e memórias a partir dos fragmentos de uma sociedade marcada pelo esplendor da mercadoria no capitalismo.

Mas se por um lado o perambular deste personagem urbano era associado ao ócio e ao descompromisso, por outro a cidade que surge é cheia de nuances, fazendo emergir as contradições, tensões, paixões e desatinos de sua época. As sutilezas urbanas, despertadas ao caminhar, desfazem a rigidez das racionalidades urbanas e suas formas geométricas, a solidez dos prédios, os arranjos das fachadas, o sublime das grandes avenidas e cafés parisienses, que surgem dos escombros do passado.

Seu vagar dá vida às cidades que rejeitam o puro em si dos monumentos, recusam o fascínio das mercadorias e do entorpecimento dos sentidos, transforma a rigidez das estruturas em fragmentos que se misturam ao emaranhado de existências humanas. Atento às minúcias da vida cotidiana, mescla-se aos entulhos de uma cidade que lentamente vai

⁶ *As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que entre muros e prédios, vive, experimenta, reconhece, inventa tanto quanto os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes... Para este ser coletivo, as tabuletas das firmas, brilhantes e esmaltadas, constituem decoração mural tão boa ou melhor que o quadro a óleo do salão burguês (...). O gradil, onde os operários do asfalto penduram a jaqueta, é o vestibulo e o porão, que das linhas dos pátios leva ao ar livre, o longo corredor. O que assusta o burguês é para ele o acesso aos aposentos da cidade. A galeria é o seu salão: nela, mais do que em qualquer outro lugar, a rua se dá a conhecer como o interior mobiliado e habitado pelas massas. (idem, p195)*

desaparecendo, dando-lhe novos e imprevisíveis usos ou, como nos conta Viana (op. cit), ao comentar a Lisboa de Fernando Pessoa.

Sentindo-se em casa na cidade (...) observa tudo, não se cansa de observar todas as coisas, todas as sensações (pois, como já foi dito, nunca se estabeleceu claramente distinção entre a coisa e a sensação). Observar, olhar é mais do que seu meio de vida ou o sentido de sua vida “Viver não vale a pena. Só olhar vale a pena. Poder olhar sem viver realizaria a felicidade, mas é impossível como tudo quando costuma ser o que sonhamos. O êxtase que não incluísse a vida...” p 115.

As paisagens que surgem deste caminhar tencionam os ideais de grandeza da “alma humana”, das obras de um Hausmann em fúria demolidora, onde os indivíduos pudessem, pedagogicamente, contemplar a si mesmos como triunfantes; uma paisagem fruto da força inexorável do progresso da imaginação e utopia dos urbanistas.

A cidade que o flâneur desvenda ao caminhar, recusa a sanha totalizadora dos sentidos das grandes avenidas e suntuosos cafés. A metrópole que ele desvenda é a das infinitas sensações que se misturam à vida urbana, incorporando a existência humana aos entalhes de prédios, ao sublime das obras de arte, às misérias humanas, às memórias urbanas, aos passados esquecidos conjurando infinitos futuros. Sua persistência elimina as fronteiras que delimitam subjetividade e realidade objetiva como forças distintas e antagônicas, dilacera a cisão entre as Verdades interiorizadas e o espetáculo cambiante das cidades, dilui-se na infinidade de estímulos e sensações das ruas, misturando-se a ela em movimentos contínuos e incessantes, tornando-se paradoxalmente estranho à metrópole⁷.

Tal como na Paris de Baudelaire, a Lisboa de Fernando Pessoa é a das sensações e dos sentidos, não poderia ser diferente para um poeta em que “*Tudo é rua pela vida*” (Viana: 2006. p.112). Ruas do “humano” toque metálico dos carros “electricos”, do vestido da rapariga em trânsito, decomposto em linhas, estofos, bordados, costureiras, retroses, máquinas da fábrica e operários; das “costas vulgares” do homem desconhecido que passa pela calçada e desperta “ternura” no poeta, que se encanta com os detalhes banais do cotidiano, atento a mais ínfima sensação, às pequenas minúcias esquecidas no emaranhado de imagens da metrópole.

⁷ “Sou um homem para quem o mundo exterior é uma realidade interior” (Pessoa apud Viana, 2006, p110). “O mais pessoal, o sentimento mais ‘interior’, não deixa de estar misturado, confundido, por momentos até indistinguíveis da vida exterior”. (Idem).

“Ver é estar distante. Ver claro é parar. Analisar é ser estrangeiro” (Idem). O prazer de perder-se num vagar incerto e estar distante. Distante para poder ver. Se deixar afetar pela vida que passa e parar. Deixar-se livre a pensamento, decompondo o momento em pequenas partículas. Fragmentos tão pequenos do cotidiano de uma metrópole que passam despercebidos pelos transeuntes em movimento, mas que combinados em misturas improváveis, dão vida a cidades de poesia.

Talvez essa arte tenha um nome ou uma chave: ternura. Fernando Pessoa, em seus instantes mais otimistas, nos propõe uma antropologia terna que parta do princípio de que somos transeuntes “de tudo” “de que nada nos diz nada”, (...) [ternura] que possa, apesar de tudo (e não superando tudo), criar um espaço de compreensão do modo de vida e da visão de mundo de Outros. Viana, op. cit, 119.

Diferente de uma leitura individualizante ou romântica deste sentimento chamado “ternura”, o que o poeta/flâneur encontra pelas ruas é a afeição aos detalhes, ao corriqueiro e banal; afeto capaz de consumir seu “espírito”, provocar inquietudes em sua “alma”, dotando-a de argamassa e tijolos feitos de letras, com os quais constrói cidades em forma de poema.

Longe da Paris das luzes e do esplendor das mercadorias, distante da Lisboa do poeta, retorno à Lapa. Sigo pelos seus inúmeros caminhos, atento aos detalhes esquecidos, aos entulhos e restos das intervenções urbanísticas do século XX e início deste.

A primeira impressão é do fascínio dos arcos, da idealização da história (que se repete nostalgicamente em bares cenográficos, nas fachadas restauradas), do sujo transformado em nobre, do degradado transformado em glamouroso. Sigo pelas ruas a “passos lentos”. Deixo que os ventos da cidade carreguem-me pelos espaços, na minha “vagabundagem folha”. Outras cidades ganham vida. Nelas surgem Lapas que narram sabotagens aos dogmas que clamam a morte das ruas, incitam insurgências contra memórias pasteurizadas, aliadas à estética do cotidiano. Lapas de movimentos capazes de romper com a imobilidade e o aturdimento dos sentidos no contemporâneo.

Nestas cidades, corpos insubordinados fazem das ruas lugares de encontros e provocações, tomam escadarias, reivindicam esquinas, ocupam calçadas e ruas, transformam passados restaurados em adornos sem sentido. Constroem cidades a partir dos farrapos esquecidos pelos urbanistas, desprezadas pelos consumidores globalizados do capitalismo contemporâneo, dando outros usos às memórias urbanas, forjando almas

urbanas/humanas na tensão dinâmica dos “emaranhados de existências humanas” e “racionalidades geométricas”⁸ dos planejamentos urbanos.

Não buscaremos, portanto, a construção de uma historiografia sobre a Lapa ou mesmo descrever uma “essência” da alma urbana de uma metrópole. As linhas que darão forma a esta dissertação têm a cidade como campo de tensões onde o passado é o fio condutor que tece múltiplos presentes, articulados em arranjos descontínuos e imprevisíveis.

(...) a cidade não conta seu passado, ela o contém como linhas da mão. Escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. Calvino: 1990.

Começamos esta introdução com uma pergunta principal: De que é feita a alma das ruas? Após o longo percurso que trilhamos nestas notas introdutórias, podemos ter uma noção, ainda que parcial, da sua formulação, entendendo que nela habitam sonhos, desejos, ideais, corpos, sensibilidades, memórias e paixões que se esparramam pelas pedras da cidade. Poderiam as almas urbanas, na sua indissociabilidade das almas humanas, serem rebeldes, provocarem insubordinações e tecerem rebeliões? As forças que nela fremem seriam capazes de romper com os desígnios do capital, que transforma a cidade e suas histórias em objeto de consumo, produzindo o entorpecimento da vida contemporânea?

Para responder a tais perguntas iremos buscar nos vários momentos da história do bairro os elementos que servirão de molde para a fabricação desta alma etérea que paira sobre ele. Neste sentido seguiremos pelo mesmo caminho dos memorialistas, mas seguiremos por outras trilhas, resgatando destes discursos seus momentos de inflexão, suas contradições e tensões, fazendo da reminiscência uma ferramenta e da fúria da memória um instrumento capaz de reconstruir cidades a partir das ruínas de um urbano estéril, rompendo com a reificação das origens e da estetização das memórias propostas pelo capital.

Buscaremos, no primeiro momento desta dissertação (capítulo I), discutir os embates e tensões envolvidos na construção das memórias urbanas e das almas urbanas ao longo do século XX, delimitando, didaticamente, este extenso período em três fases

⁸ Gomes : 1994

distintas: a primeira delas, no início do século, a cidade pós-reforma do prefeito Pereira Passos, dos anos 1920 a meados da década de 40, ou seja, o período de construção da imagem do bairro boêmio de “alma viciosa”.

Um segundo momento, das décadas de 1950 ao final de 1980, período de “abandono” e degradação do bairro, transformado em “lugar dos malditos” e, por fim, da década de 1990 até os dias atuais, da Lapa do “Renascimento”, do resgate nostálgico da história e das almas boêmias atreladas à imagem do que é ser “carioca”; da estetização e fascínio da memória e da reinvenção do lugar.

Num breve resumo deste primeiro momento, iremos buscar na obra do escritor Machado de Assis uma primeira impressão do bairro, sendo ele descrito como sendo “um aprazível lugar entre o mar e a montanha”.

O bairro que fora ocupado tardiamente, em relação a outras áreas do centro, devido à insalubridade e dificuldades para a construção, proporcionadas pelos brejos que existiam no local. Começara a ser urbanizado somente no final do século XVIII⁹, com o saneamento das terras, sendo efetivamente ocupado por famílias de comerciantes e aristocratas a partir do século XIX.

Diferentemente do bairro aristocrático do século XIX, descrito por Machado de Assis, a alma que inspira os projetos de reurbanização e renascimento surge no contexto da urbe no início do século XX, sendo esta descrita por Ribeiro Couto (1988)¹⁰ lugar da “ruína dos homens pelos vícios da luxúria e do jogo”, de “alma viciosa” que conclama ao crime e à devassidão, sendo digna das cidades bíblicas de “Sodoma e Gomorra” destruídas pela “Ira Divina” .

- Eu queria presenciar um crime.
 - Começas a perverter-te. **É a alma viciosa da Lapa** a influir. (grifo nosso).
- Ribeiro Couto, p 33, 1988

Esta “alma viciosa de 20” marcará todo o século XX, seja pela idealização da vida noturna e boêmia atrelada aos questionamentos da vida burguesa, da sociabilidade e do convívio com marginais, lugar de encontro de intelectuais, estudantes, malandros, valentes, políticos - seja pela criminalização do cotidiano, através da repressão aos “vícios” e “maus

⁹ Até este período existia naquele local apenas algumas raras e esparsas chácaras conforme nos indica Coaracy : 1988

¹⁰ A primeira edição deste livro foi publicada em 1923, reeditada em publicação recente do Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (Coleção Fluminense). O cotidiano da cidade descrito pelo autor data de 1921

hábitos” da vida boêmia, transformada em fonte de perdição e degradação das almas urbanas/humanas.

O segundo período, entre as décadas de 50 e final de 80, historicamente pode ser descrito pela mudança da capital do país para Brasília, a afirmação da “boemia sadia” de Copacabana, em oposição à boemia viciosa do período anterior, surgimento do sentimento de nostalgia do bairro boêmio, através dos memorialistas da cidade e das intervenções urbanas que modificarão profundamente a fisionomia do bairro.

O espaço que surge da ação dos urbanistas deste período, é marcado pela velocidade dos carros, pela construção das largas avenidas que cruzarão a paisagem ligando vários bairros da cidade. Período de transformação do bairro em “não lugar” urbano, lugar isolado, que não faz parte da cidade, cuja convivência deve ser breve e se possível evitada; lugar dos malditos urbanos, para onde serão removidos os indesejáveis: invisíveis através da “ultra-visibilidade”; lugar de meninos de rua e práticas artísticas “subversivas” do Circo Voador; lugar de perigo e degradação, onde a arte da política dá lugar à contenção da polícia como forma de gestão social.

O terceiro e último período deste primeiro ato, se inicia nas reformas da década de 1990, culminando no olho do furacão das tensões da atualidade; numa cidade marcada pela intensidade dos embates cotidianos entre a estetização da vida e as tradições e narrativas urbanas.

Lapa do resgate da boemia, do “renascimento”, da idealização do passado, da aura nostálgica que conclama o retorno de uma cidade de outrora; Lapa da glamourização e do fetichismo, expressas na manutenção das memórias urbanas representadas pelo patrimônio, do passado, tornado objeto para deleite do capital.

Cidade suja e degradada, viciosa e temida. Cidade onde as mazelas urbanas são transformadas em exemplos de nobreza, máxima expressão da cultura urbana, espelho onde o “carioca” pode admirar-se em toda sua beleza e esplendor; bairro encarnação de uma “alma carioca” ou, conforme “slogan” de um grande empreendimento imobiliário erguido na esteira do fetichismo consumista do lugar, “o mais carioca dos bairros”.

No segundo ato desta dissertação trabalharemos pequenos fragmentos do cotidiano do bairro que articulados em misturas imprevisíveis produzem pequenas histórias, narram outras cidades, recriam espaços e questionam as boas intenções da preservação patrimonial.

Pequenas sabotagens do dia-a-dia que emperram a estetização da memória, dão vida a “cidades invisíveis”¹¹, afirmam o espaço público quanto tensão e criação, fazendo da reminiscência ferramenta que faz ruir o fascínio e a idealização da alma boêmia/carioca. Em suma, histórias que margeiam os embates entre o “amor ao público”, da alteridade das ruas, dos encontros casuais, da potência dos passados negados ou esquecidos e “a saudade do Rio”, expressa na cidade cenário, na nostalgia dos espaços, na estetização da vida.

¹¹ Pegando de empréstimo a expressão formulada por Ítalo Calvino (1990) e nome do livro homônimo.

PREÂMBULO

“... a vida da Lapa, reduto carioca tão diferente de tudo mais. Para compreender a Lapa é preciso viver algum tempo nela e não será qualquer que a compreenda”.

Manuel Bandeira em correspondência para Mario de Andrade

Parado perto da águia gigante e das esculturas das musas da cultura, cheias de fezes de pombo, do Teatro Municipal inicio mais uma “andança” rumo à Lapa. Adentro a Rua Evaristo da Veiga e ao longe, escondido ironicamente atrás dos prédios do Quartel General da Polícia Militar do Rio de Janeiro, os imensos arcos se sobressaem. Mais acima, em direção ao morro, as luxuosas casas de Santa Teresa; mais além o Corcovado e o Cristo Redentor, de braços abertos sobre a zona sul da cidade, de costas para o bairro.

Durante as muitas andanças para esta dissertação (e mesmo antes dela), nunca havia me dirigido ao Passeio Público. Neste dia, no entanto, deixo a curiosidade delimitar os contornos do caminho e resolvo fazer-lhe uma visita.

Cercado por turistas de uma excursão cultural ao centro, ávidos por descobrir histórias através das placas informativas de acrílico espalhadas pelo jardim, deixo-me levar pelos contornos sinuosos das ruas e alamedas do local, com seus vendedores de biscoito Globo, casais namorando e velhinhos caminhando.

Na praça da quietude das árvores, dos sussurros dos amantes e da confusão de vozes da excursão, sobressai a voz do guia da cidade que nunca se cala, contrastando com os roncões do morador de rua que tenta, desajeitadamente, encontrar a posição mais confortável para dormir nos desconfortáveis bancos de madeira espalhados pela praça.

Seu sono inquieto não produz incômodo. Seu corpo imundo é invisível, não interpela as explicações do guia, que para diante de cada placa para encenar e decifrar as histórias do lugar sob o olhar atento das pessoas que o cercam.

Ao passar pelo morador, suas fisionomias de fascínio dão lugar à reprovação e asco. Seu corpo fedido a urina e fezes maculava o cenário de perfeição das árvores, lembrando aos consumidores de saudades de um tempo que não viveram, que a cidade também estava ali.

Durante a minha pesquisa de campo evitei, de forma intencional, incluir a visita ao parque, apesar de fazer parte do bairro da Lapa, pois este daria uma dissertação à parte.

Neste dia lembrei de uma recente reportagem televisiva que anunciava a descoberta das ruínas do antigo Cassino Atlântico¹².

Fruto da restauração realizada no ano de 2005¹³ e do trabalho arqueológico realizado no local, as fundações e o subsolo do cassino foram redescobertas quase que intactos. A preservação das fundações (assim informava a placa) fora obra dos arquitetos da época, que não a demoliram junto com o resto do prédio, enterrando-as intactas na esperança de que um dia o cassino fosse reconstruído. No local ainda restavam o piso e as instalações originais, informava o jornal local. Mas quem passa por ali não vai encontrar as ruínas do subsolo do cassino. Em seu lugar encontrarão apenas um gramado com um estranho e enigmático caminho de pedras marcando os contornos da antiga construção.

Por rigor estético e arquitetônico, visando à preservação das formas planejadas pelos urbanistas, as ruínas¹⁴ que contavam histórias sobre o parque, foram novamente enterradas, devolvidas a seu eterno descanso subterrâneo. Nada deveria manchar a perfeição da praça, de alamedas sinuosas e formas planejadas.

Placas de acrílico, bustos de figuras ilustres e esculturas, transformados em depósito de fezes de pombos, descrevem histórias contadas e recontadas por guias turísticos. Numa das extremidades do parque, as pirâmides de pedra do escultor do século XVIII, que marcam sua antiga entrada, voltada para a Baía de Guanabara, se sobressaem. Suas formas chamam a atenção dos turistas, seu encanto vem de saber da antiguidade da construção e de sua autoria. Pausa para fotos, mais explicações do guia e o ruidoso grupo segue adiante para outra atração turística. As duas placas de mármore branco, fixadas a meia altura das pirâmides nada diziam para os colecionadores de memórias urbanas.

As pás e picaretas do capitalismo contemporâneo “resgataram” a história degradada do Passeio Público. Agora ela poderia ser contada e recontada em todos os seus detalhes. Para os restauradores/urbanistas o “acidente de transmissão” era um problema a ser

¹² Localizado originalmente na entrada do parque, que é voltada para a Baía de Guanabara onde se localizam a fonte dos amores e as pirâmides esculpidas por Mestre Valentim. No antigo porão, que compreendia à cozinha do cassino, jazia enterrado um ornamento há muito tempo dado como perdido. Construída na época da fundação do jardim, no século XVIII, por Mestre Valentim, a Fonte dos Amores (voltada para o interior do passeio) trazia como ornamento dois jacarés de bronze, que jorravam água pela boca.

Enterrado no jardim por quase cem anos, a poucos metros do seu local original, suas bocas escancaradas e seus rabos entrelaçados zombavam da busca dos memorialistas e dos caçadores de história.

¹³ A restauração fazia parte de um conjunto de obras que visavam a construção de um estacionamento subterrâneo, num terreno contíguo ao parque. Neste espaço, hoje chamado Praça Mahatma Ghandi, se localizava o Palácio Monroe, antiga sede do Senado Federal, que fora demolido no período de construção da linha 1 do metrô.

¹⁴ Além das fundações do Cassino Atlântico, foram encontrados os vestígios do aquário de água salgada, construído na gestão do prefeito Pereira Passos, no início do século XX; as fundações do chalé do arquiteto Francês que idealizara o parque, dentre outras.

solucionado. O aparente caos do primeiro Jardim Público do Brasil, onde vários passados se misturavam e narravam os inúmeros fazeres humano, através das marcas deixadas no espaço, impedia que os turistas pudessem admirar a história em todo seu “esplendor”. Pelas ágeis mãos dos restauradores, o passado agora podia ser contemplado em toda sua grandeza atemporal, excluindo do espaço as imperfeições dos inúmeros momentos das intervenções humanas, seus contratempos, suas paixões, angústias e desatinos. O passado, para sempre preservado transformava a praça em museu a céu aberto; um depósito de recordações para as futuras gerações.

Nada deveria escapar ao planejamento dos urbanistas modernos, transformados em restauradores. As intervenções no parque foram planejadas para que os visitantes pudessem obter o máximo de bem estar. O passado do antigo Passeio Público fora meticulosamente esquadrinhado num movimento que visava eleger e classificar a história da praça em momentos relevantes (que mereceriam ser preservados) e os que eram considerados desnecessários (podendo, portanto, serem apagados da memória urbana).

O que era “relevante”, ou seja, a história expressa nos bustos dos heróis em bronze e placas de acrílico (que descreviam a altivez e a nobreza dos grandes feitos e realizações) fora restaurado para servir de exemplo e, ao mesmo tempo, encher de orgulho os herdeiros de um “estilo de vida” da metrópole dos trópicos. Monumentos e imagens que, preservados, deixam os cidadãos da urbe satisfeitos e orgulhosos de seu passado de glórias, ao mesmo tempo em que saciam a curiosidade e aplacam a ansiedade contida na eterna busca das origens do homem contemporâneo.

No espaço purificado que surge, o passado purgado de suas “imperfeições” tornava-se espetáculo, exibindo “memórias urbanas” sem sobressaltos ou espantos; reminiscências transformada em bem “cultural” da metrópole.

Na praça da “previsibilidade” dos especialistas, esquecidas e desprezadas pelos restauradores, as placas de mármore branco, com suas letras desgastadas pelo tempo, diziam: “Ao amor do público” e “À saudade do Rio”.

Fragmentos estranhos, caóticos e incompreensíveis aos guias e tradutores da história. Partículas invisíveis aos olhos desatentos, quase ilegíveis devido a ação do tempo. Cacos de tradição relegados ao esquecimento que, ao serem reincorporados à cidade em misturas improváveis, transformam a história das placas de acrílico, dos bustos de bronze, das pedras sepulcrais, das ruínas enterradas em ornamentos sem nenhum atrativo.

Este pequeno fragmento de cidade, perdido na imensidão do parque, desprezado pelos turistas e guias, ignorado pelos restauradores, tencionava as memórias preservadas pela estética urbana. Narrativas urbanas que não necessitam de autoria nem de explicação, que se misturam ao contemporâneo e narram cidades incompreensíveis aos guias urbanos e consumidores de memória.

Frases talhadas no mármore que conspiram cidades sem o glamour das placas de acrílico, nem exaltam os feitos heróicos da “grandeza humana”. O anonimato de sua autoria não permite dar a elas um rosto, apesar de várias faces urbanas poderem ser lidas nela. Ao amor do público... Mas a que público se referia a pequena placa? Seria esse público as famílias burguesas que visitavam o parque em busca de ares saudáveis, da brisa do mar, da sombra das árvores, ou da praça, enquanto lugar de encontro para as muitas faces da cidade, uma ágora da pólis grega, voltada para o exercício dos inúmeros fazeres da política¹⁵ cotidiana? E a saudade do Rio? A que cidade a saudade se referia? Seria a cidade das placas de acrílico, cuja aura impregna o bairro da Lapa e o centro do Rio?

Com a imagem das pequenas placas de mármore branco na memória, me retiro do parque em direção ao imenso largo na entrada do bairro. Nele o gigantesco lampadário, recentemente restaurado, se sobressai, saudado por palmeiras imperiais, dispostas em filas, ordenadas, para exaltar a grandiosidade das sociedades modernas, representadas pelas intervenções urbanas.

Ao contrário do Passeio Público, a permanência na praça torna-se incômoda. Nada ali incita à permanência. Não há casais namorando, nem vendedores de biscoito Globo, muito menos mendigos fedorentos, pois não existem bancos, nem alamedas cobertas pelas copas das árvores que protegiam do calor da cidade. As elegantes e esguias árvores sem sombra, com seus caules lisos, onde nada se fixa, dispostas no amplo espaço vazio, não convidam à permanência.

Sua imponência transforma o Largo Nelson Gonçalves¹⁶ numa recriação das paradas militares. Soldados/palmeiras, em ordem militar, saudando o Grande Líder: o

¹⁵ Não por acaso o radical grego para cidade, pólis, vai se desdobrar em política, arte de conviver na pólis, e polícia. Pela via latina, a civilis, a cidade romana, conjuga a vida urbana em civil, civilidade. Pecham: 2003.

¹⁶ Historicamente o atual largo Nelson Gonçalves era o antigo Largo da Lapa. Após o período das demolições na ditadura militar, o imenso vazio que se abria na paisagem fora ordenado em duas praças diferentes, separados pelo estreito contorno de uma avenida que corta o bairro. A porção menor, onde se localiza o Lampadário, ganhara outro nome (hoje Nelson Gonçalves), enquanto o antigo quarteirão apelidado de “Ferro de Engomar” próximo aos Arcos, transformara-se em Largo da Lapa.

progresso, representado pelo Lampadário restaurado, na eterna espera do momento triunfal de passar a tropa em revista.

Na lisura da praça vazia, a cidade passa apressada, no movimento dos carros ao redor. Ali o fedor e os roncões não incomodam, assim como não incomoda o olhar triste da vendedora de biscoito Globo. Nada se fixa no lugar que faz fluir corpos e vontades e que exalta as glórias do passado restaurado.

Do outro lado da rua encontro outro grupo de atentos excursionistas, sob o olhar atento de seguranças, que visitam a antiga igreja e o convento de Nossa Senhora da Lapa do Desterro. Novamente câmeras e olhares de fascínio destilam saudades sedutoras, de um passado que não viveram, mas que buscam reviver através dos detalhes contados pelo guia.

As inscrições sem autoria, incrustadas nas pirâmides, assumem tons proféticos, tensos e atuais. Atraídos pela saudade de um Rio idealizado pela estética consumista globalizada, turistas consumidores buscam nos monumentos do passado desvendar suas “origens”, saudosos de um tempo que não é permitido esquecer, protegidos da cidade por guarda-costas, dispostos num cordão de isolamento que os aparta da mesma.

O passado preservado deve ser exaltado, lembrado e relembado infinita e repetidamente. Os turistas consumidores, lamentosos do “desleixo” das gerações anteriores, buscam redimir-se dos “erros” do passado não permitindo que nada se perca.

O “dever da memória” que hoje nos é imposto instaura um estado culpabilizante estimulado pela necessidade moral de rememoração. Não temos mais a liberdade de esquecer, pois isto seria um crime. “Esquecer é ocultar”, tal seria a nova regra de uma boa gestão de memórias. Censuramos as gerações que nos precederam por terem tão facilmente esquecido. É provável que elas tenham achado possível viver o tempo presente tal como ele era. A partir de agora é necessário que a lembrança nos faça sentir culpados, que ela nos provoque vergonha, vergonha causada pelo simples desejo de esquecer. Jeudy : 2006, p. 14.

Ali perto o morador de rua fedorento é acordado e escorraçado para fora do Passeio pela guarda municipal. Sua presença incômoda não deve macular a sensibilidade dos turistas consumidores, nem a beleza sublime da natureza ao redor. A praça histórica fora restaurada para a admiração e deleite. Seus bancos não são para dormir.

A presença do morador de rua nauseabundo, cheirando a fezes e urina manchava a paisagem do lugar. Ao amor do público, dizia a placa de mármore. Mas poderia o mendigo

amar a praça, fazer dela seu lar, zombar da privacidade do lar burguês, tomar o lugar dos guias e narrar as tensões, desgraças, alegrias e angústias da cidade contemporânea?

A Lapa que o capitalismo, através dos projetos urbanos, transforma em objeto de consumo, possui uma “aura” cultural que transforma as memórias, tradições, práticas e vínculos sociais em saudade nostálgica; produtos que exalam recordações prontas para serem deliciadas pelos consumidores globalizados, ávidos por antigas novidades. O morador de rua, fedorento, não faz parte desta cidade: ele está no lugar errado. A Lapa que surge é a da beleza estética, dos aromas e sabores programados. Suas roupas rasgadas e seu odor incômodo não têm lugar no mundo das sensações programadas. Também não existe lugar para a curiosidade das crianças negras, vestidas com roupas puídas, cabelos desgrenhados, moradoras dos pequenos e maltratados sobrados da Rua da Lapa, que correm alegremente em direção aos turistas e suas máquinas fotográficas. Sua presença mancha a perfeição do cenário, traz apreensão aos seguranças, transforma em tensão a exaltação da memória.

A cidade tem os seus “tesouros” – talvez imaginassem os turistas enquanto focam seus olhares nos entalhes da igreja barroca – o problema é que alguns não sabem apreciá-los, não possuem o olhar apurado e apaixonado dos consumidores. Suas sensibilidades cegas, atentas ao ornamento, ignoram a cidade a sua volta, transformam o mendigo nauseabundo em entulho e as crianças que correm alegremente pela Rua da Lapa em ameaça. Bárbaros que não sabem se comportar como consumidores nem apreciar a beleza dos lugares históricos.

Só os turistas demasiadamente “civilizados” conseguem compreender o vazio da praça e o “valor” das antigas construções ao redor: elas servem para apaziguar e entorpecer o espírito, consolar os medos urbanos da violência, dos desencontros e frustrações. O amor do público, transformado em amor ao público é, para os turistas confinados em cordões de isolamento, a expressão de uma cidade construída para ser consumida num ato invariavelmente privado e intimista. Cidade cenário, onde desfila triunfante o homem apartado, repleto de verdades sobre si e sobre o mundo. Para ele o espaço público é o local onde desfilam angústias desconectadas do mundo. Espaço “público” não “civil” onde:

As pessoas possam compartilhar como *personae públicas* (sic) - sem serem instigadas, pressionadas ou induzidas a tirar as máscaras e “deixar-se ir”, “expressar-se”, confessar seus sentimentos íntimos e exibir seus pensamentos, sonhos, angústias. Mas também significa uma cidade que

se apresenta a seus residentes como um bem comum que não pode ser reduzido a um agregado de propósitos individuais é como uma tarefa compartilhada porque não pode ser exaurida por um grande número de iniciativas individuais, como uma forma de vida com um vocabulário e lógica próprios e com sua própria agenda, que é (e está fadada a continuar sendo) maior e mais rica que a mais completa lista de cuidados e desejos individuais – de tal forma que “vestir uma máscara pública” é um ato de engajamento e participação, e não um ato de descompromisso e de retirada do “verdadeiro eu”, deixando de lado o intercurso e o envolvimento público, manifestando o desejo de ser deixado só e continuar só” Baumam : 2001

O mendigo nauseabundo acordado de seu sono, sem sonhos, junta seus trapos, pequenos fragmentos que narram acontecimentos à espera de coautoria: uma surrada carteira de trabalho de capa azul amarelada, amassada, com páginas despencando, alguns recortes de jornal, que nas noites frias servem para aquecer seu corpo, fotos desbotadas e amarrotadas, perdidas entre cartas e anotações, escritas e reescritas, que se misturam a uma trouxa de retalhos e roupas puídas; latas amassadas, transformadas em panelas e copos. Seu lento caminhar, sob os olhos atentos do guarda municipal, espalha pelas ruas o fétido odor que toma todos os lugares, entra nos bares, adentra os salões e narinas, impregnando tudo a sua volta. Os turistas consumidores de memórias, cercados por cordões de isolamento, incomodados com o cheiro, retribuem com olhares de asco. Os cheiros da cidade não podem ser contidos.

Por toda parte a saudade é invocada, repetida incessante e monotonamente, a cada passo, a cada estabelecimento. Na mesmice de suas imagens que retratam cenas do Rio antigo, paredes de tijolos de barro maciço e pregos amassados, arrancados da sua invisibilidade, compõem o cenário onde tudo é programado para produzir os elementos necessários à memória, para saciar a frenética busca das origens que acalentam o indivíduo urbano, indicando o que é ser “carioca”.

Cai a noite e os turistas em êxtase pelas novas descobertas buscam se deliciar nos bares, botequins e restaurantes cenográficos, recriações dos “pés sujos”, devidamente higienizados da presença incômoda dos antigos frequentadores. Nestes espaços tudo é previsto: pequenas mesas, ordenadas simetricamente no espaço, garçons ágeis e impessoais, que servem pequenas porções de petiscos, outrora repugnantes, transformadas em iguarias exóticas, servidas ao som de algum ritmo de “raiz”.

(...) Nessas mesinhas [dos cafés parisienses], a céu aberto, os clientes mais observavam a paisagem do que se envolviam em conspirações. As grandes avenidas abertas pelo Barão Haussmann(.)encorajavam esse uso das calçadas. (...) A clientela constituía-se de pessoas de classe média e alta, pois o preço das bebidas afastava os mais pobres. Além disso, seus frequentadores esperavam ter o direito de ficar a sós e em silêncio – tal como nos trens americanos – o que contrariava os costumes das classes trabalhadoras, que se mantinham fiéis aos *cafés intimes(sic)* das ruas laterais. Os que queriam circular procuravam o serviço mais rápido do bar. Por volta de 1870, por exemplo, os garçons velhos estavam relegados às mesas exteriores dos cafés, cujos fregueses não consideram sua lentidão um defeito; plantados ali, sem falarem com ninguém, ensimesmados, eles se limitavam a olhar a mesa dos passantes. Sennet. 2004, p 278.

Num dos pequenos bares esquecidos pelos ventos da estética, o velho garçom Biriba atende mais um cliente. Saca de seu bolso um grande maço de dinheiro, onde guarda as notas delicadamente dobradas, a “féria”¹⁷ das muitas mesas servidas, que deverá prestar contas ao fim do dia. Molhadas pela mão suada, umedecidas pelos ir e vir de copos e garrafas cheias de líquido, as cédulas colam umas nas outras e exigem atenção ao serem contadas. A bandeja que se equilibra sobre a palma da mão carrega copos gelados, cheios da bebida amarela que brota das serpentinas e escorre, delicadamente, em direção ao objeto cilíndrico de vidro transparente. Corpo do copo amarelo, bolhas de ar subindo pelas laterais e uma faixa branca de espuma. Tudo bem medido e “tirado”, num ritual que se repete ritmadamente, durante toda a noite.

Espaço de largas mesas de madeira, sem logotipo das marcas de cerveja (tão característico nos bares atuais), cobertas com pano branco; petiscos pendurados em cima de um balcão, acumulando uma tênue camada de gordura, proveniente das frituras da cozinha, onde aderem poeira e detritos das ruas: salames, queijo, peças de mortadela... Tudo à mostra dos fregueses. Os turistas apressados passam em frente à porta que dá entrada ao bar - a mesma porta que se abre ritualisticamente às dez horas da manhã, em ponto, há mais de 50 anos, para servir o almoço - mas evitam ultrapassá-las e sentar em suas mesas. O velho garçom de cabelos grisalhos com a fala quase inaudível irrita os turistas que reclamam da lentidão dos seus passos e da atenção dispensada a cada freguês que senta em suas mesas¹⁸.

¹⁷ Em casas comerciais: dinheiro das vendas de um dia.

¹⁸ Um fato interessante e que vale a pena ser ressaltado, é que este bar, situado na esquina da Rua do Lavradio com Mem de Sá, de inspiração alemã (com cardápio de comidas e bebidas típicas da região) era

Nos bares cenográficos, ao contrário dos estabelecimentos tradicionais, os turistas se sentem mais confortáveis. A agilidade e rigidez dos jovens e esguios garçons retiram do consumo a espera. Todos os pedidos são atendidos de forma rápida e “profissional”, não há tempo para conversar com os clientes e nem eles o querem: estão ali para não serem incomodados. Imersos em seus pequenos mundos, eles levantam o dedo, pedem mais algum petisco ou bebida e rapidamente são atendidos. Qualquer demora basta para causar insatisfação e transformar o prazer de consumir em tormento. Garçons sem nome e sem rosto: corpos-máquina que levam e trazem bandejas.

Pelas duas pequenas portas que dão acesso às Ruas do Lavradio e Mem de Sá, o pequeno estabelecimento do garçom Biriba assistira impassível à proliferação dos lugares da previsibilidade: espaços onde tudo é pensado previamente para proporcionar ao turista urbano doses inebriantes da nova droga urbana, a adrenalina. Drogaditos de sensações provocadas pela possibilidade de viver uma vida “marginal”, encenada como num desenho animado ou atração de um parque de diversões: a bruxa malvada dos contos de fadas ameaçava, de fato, aos mocinhos que sempre venciam no final; na montanha russa, carrinhos velozes e suas piruetas proporcionam a sensação de perigo, que termina quando o carrinho para podendo ser revivida ao comprar de mais um ingresso.

Apesar de não apontar para esta construção teórica, o comentário de Baumam(1999, p.91) nos fornece algumas pista para pensarmos a subjetividade na cidade contemporânea.

“Para os consumidores da sociedade de consumo, estar em movimento procurar, buscar, não encontrar ou, ainda não, é sinônimo de mal-estar, mas da promessa de bem-venturança, talvez a própria bem-venturança. Seu tipo de viagem esperançosa faz da chegada uma maldição(...)não tanto pela avidez de adquirir, de possuir, não o acúmulo de riquezas no seu sentido material, palpável, mas a excitação de uma sensação nova, ainda não experimentada, este é o jogo do consumidor. **Os consumidores são os primeiros e acima de tudo acumuladores de sensações; são colecionadores de coisas apenas num sentido secundário e derivativo**”.
[grifo nosso]

chamado Bar Fritz, no período da Segunda Guerra Mundial. Com o aumento das hostilidades que levaram o Brasil a declarar guerra à Alemanha, os imigrantes alemães e os estabelecimentos comerciais que fizessem alusão ao país do regime nazista, passaram a ser hostilizados pela população. A fim de evitar transtornos, os donos resolveram apelar para o patriotismo brasileiro, mudando para o nome para Bar Brasil, mantendo o mesmo nome até hoje.

Na Lapa contemporânea a bruxa perdera seu vestido negro e verruga no nariz dos contos de fadas. Sua fisionomia ganhara terno branco, chapéu Panamá, calças largas, lenço de seda no pescoço e navalha no bolso. Imagem que proporciona aos turistas consumidores um simulacro de marginalidade, inventando mundos onde tudo é racional, artificial e apreensível pelos sentidos.

A alegre sensação de estar num lugar proibido onde se pode triunfar sobre malandros, prostitutas, boêmios, intelectuais e “otários”, transformados em personagens. Espaço onde a fantasia assume contornos de realidade, necessitando disso para ser convincente. Espaço da presença ostensiva dos carros de polícia em cada esquina, do prazer pago dos corpos prostituídos nas ruas afastadas, dos jovens “vagabundos”, que brotam de dentro dos cortiços, morros ou ônibus de várias partes da cidade, que se aglomeram ao redor dos arcos, adentrando praças, ruas e ladeiras.

Coadjuvantes da cidade/cenário dos turistas, os vagabundos¹⁹ habitam uma outra cidade, invisível aos olhos dos turistas cidadãos. Apesar de serem, de certa forma, reféns do sonho de um dia se tornarem turistas e poderem sentar nos bares cenográficos, seus corpos e movimentos em desacordo com cenário denunciam a existência de almas urbanas/humanas transgressoras..

Ao tomar o bairro com sua rebeldia, eles reivindicam para o convívio coletivo o espaço público. A rua é seu refúgio, lugar de encontros inesperados e paixões, onde se encontram os amigos, onde se conhecem pessoas, onde há solidariedade e também isolamento e perigo; lugar de brigas inesperadas, de desatinos, de “duras” (batidas) da polícia. Noites a perambular em busca dos melhores programas, traduzidos pela sigla “grátis” ou a preços módicos, numa tensão dinâmica que se refaz a cada noite.

Eles também são consumidores²⁰. Não de saudades imagéticas, mas das barraquinhas de bebidas “quentes”²¹ e comida gordurosa, espalhadas pelas ruas, ladeiras e praças, que vendem “X-tudo”, “cachorro quente” (de linguiça ou salsicha: a gosto do

¹⁹ Pegando de empréstimo os conceitos de “turistas e vagabundos” desenvolvidos por Baumam: 2003

²⁰ *Tanto o turista quanto o vagabundo foram transformados em consumidores, mas o vagabundo é um consumidor frustrado. Os vagabundos não podem realmente se permitir as opções sofisticadas em que se espera que sobressaiam os consumidores; seu potencial de consumo é tão limitado quanto seus recursos. Essa falha torna precária sua posição social. Eles quebram as normas e solapam a ordem. São uns estragaprazeres meramente por estar por perto, pois não lubrificam as engrenagens da sociedade de consumo. São inúteis, no único sentido de utilidade em que se pode pesar numa sociedade de consumo ou de turistas. E por serem inúteis são também indesejáveis. Como indesejáveis, são naturalmente estigmatizados, viram bodes expiatórios. Mas seu crime é apenas desejar ser como os turistas... Sem ter os meios de realizar os desejos dos turistas.* Baumam(2003, p.105)

²¹ Bebidas que não precisam ser geladas como a cerveja: os diversos tipos e misturas com cachaça, catuaba, conhaques dentre outros.

freguês), “espetinhos de carne” com direito a refresco de origem duvidosa, servido em copos plásticos. Tudo por dois reais e cinquenta centavos, na promoção, dizia a placa do anúncio. Ao amor do público, traduzido por “amor ao (espaço) público”.

Para os turistas, os corpos dos vagabundos dispostos pelas ruas transformam o cenário mais atraente ao consumo. Aumenta a adrenalina provocada pela sensação de perigo, ao mesmo tempo, correm o risco do incômodo programado se tornar real; corpos que impedem o trânsito dos carros, ocupando o espaço dos carros, ameaçando adentrar os redutos da estética: corpos que não compartilham os mesmos ideais de cidade dos turistas. Corpos invisíveis na extrema visibilidade, separados por uma linha tênue que pode a qualquer momento ser ultrapassada, esgarçada e por vezes rompida.

Para os turistas/consumidores a cidade é um shopping a céu aberto, representado pelos estabelecimentos cenográficos de fachadas restauradas. Ao invés das inúmeras tentações e da diversidade de estímulos e mercadorias vendidas nestes estabelecimentos, os shoppings, a “cidade museu” têm em sua vitrine uma única mercadoria cujo rótulo estampa em letras garrafais: “cidade”. Dentro desta embalagem se encontram as memórias e narrativas urbanas transformadas em imagem, onde o lugar maldito da primeira metade do século XX dá lugar a um bairro de malandros domesticados e prostitutas cheirosas no convívio de “intelectuais” famosos (Manuel Bandeira, Villa Lobos, Candido Portinari, dentre outros). Personagens cujas narrativas foram amansadas, engolidas e digeridas em imagens éteres e sem vida.

Tradição cristalizada e travestida em “cultura”; história transformada em objeto; sociabilidade urbana em consumo individual, privado, acessível para quem tem dinheiro para consumir. Espaço público cuja fronteira com o privado torna-se imperceptível. Espaços que se misturam e por vezes se confundem na apropriação privada do público. Amor ao Público traduzido por consumo privatizado.

Na sessão de opinião dos leitores de um jornal carioca, um “turista” conclama ao Poderes Públicos o ordenamento das calçadas da cidade²². Sua indignação nos fala muito da Lapa atual. Ela fora restaurada para o deleite dos turistas.

²² “É uma vergonha a presença de ambulantes em lugares como a entrada do Circo Voador e Fundação Progresso. Nas barraquinhas são preparadas comidas de procedência duvidosa, sem menor controle da vigilância sanitária. Além de oferecerem um risco à saúde pública, ainda atravancam a passagem com seus carrinhos que estão espalhados por toda parte. A prefeitura deveria tomar providências urgentes no sentido de livrar a Lapa destes focos de doenças e confusão” Jornal o Globo, 2 de setembro de 2001, sessão de cartas dos leitores.

Sentados na Pizzaria Guanabara (ou em qualquer outro estabelecimento cenográfico), com sua mesa sob a calçada, cercada por pequenos vasos de flores que marcam os limites da pequena calçada que restara aos pedestres, os “turistas” reivindicam a rua para si. Eles têm razão: são “cidadãos” que pagam seus impostos para ter o direito de poder usufruir os caros shows do Circo Voador ou da Fundação, sem serem incomodados pelo odor das frituras e dos cheiros não programados, nem pela água imunda que escorre dos isopores dos vendedores de bebidas, que suja e mancha seus sapatos. As barraquinhas onde se aglomeram os vagabundos ocupam o espaço que é deles, que serve de estacionamento para os carros dos turistas e existem para seu consumo. Os vagabundos também têm o direito à cidade. Eles só estão no lugar errado.

A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam se não fossem levadas a se mudar para outro, impulsionadas, arrastadas ou incitadas; e é uma visão da ordem, isto é, de uma situação em que cada coisa se acha em seu justo lugar e nenhum outro (...). Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em “sujas”, mas tão somente sua localização e, mais precisamente, sua localização na ordem das coisas idealizadas pelos que procuram a pureza. Baumam :1998. p114

Nestes espaços “públicos”, corpos anestesiados pelo “espetáculo da diferença” premem pela permanência e não pela interação: nas mesas dos estabelecimentos cenográficos, cada mesa é uma ilha formando um arquipélago sem pontes nem comunicação entre si ou com o continente - nada deve desviar a atenção dos turistas consumidores de sua intencionalidade, consumir²³.

Não avisaram à menina pobre vendedora de balas que circula entre as mesas fugindo dos seguranças e garçons que seu lugar não é ali. Sua persistência torna o sorriso amarelo, incomoda, cala momentaneamente as falas despreocupadas. Seus olhos tristes, suas roupas puídas, suas súplicas transformadas em loas, teimam em lembrar aos consumidores que a cidade não pode ser contida pelos diques da estética.

“Aqui nos sentimos mais cariocas” afirma um turista urbano repleto de imagens. “A Lapa é o berço da malandragem”²⁴ comenta outro. Saudades do Rio, dizia a placa. Saudade tranquilizadora de um Rio de Janeiro nostálgico, que invoca passados estéreis na busca de um sinônimo capaz de descrever a “Alma Carioca”. Poderia essa alma conjurar rebeliões

²³Idem,

²⁴ Nota extraída do diário de campo.

invisíveis capazes de romper a letargia da memória? Do que é feita a alma carioca? Que elementos ela comporta? Que forças nela fremem? Seria a saudade do Rio profetizada na placa esquecida das pirâmides, que transformava pessoas em cariocas? O mendigo nauseabundo, expulso dos bancos de madeira do Passeio, a vendedora de balas, as meninas dos cortiços da Rua da Lapa, os vagabundos que vagam pelas noites da Lapa, também são cariocas?

Para responder tais perguntas iremos buscar nas memórias, ou melhor, nas memórias do bairro contadas pelos entulhos e fragmentos deixados pelas intervenções urbanas do século XX, dar corpo à Alma venerada pelos turistas, desmontar a aura etérea que habita os lugares, mapear os momentos em que ela se constitui, seus momentos de insurgência e paradoxos resgatando da letargia as memórias urbanas, fazendo delas ferramenta capaz de fazer ruir a imagem nostálgica e a partir destas ruínas inventar outras cidades.

CAPÍTULO I

II A ALMA VICIOSA DA LAPA DO DESTERRO

“Os tipos por aqui têm uma fisionomia especial, ‘da Lapa’... população noturna vive da crápula, entre os azares da ‘campista’ e as rixas por causa de mulheres”.

- Presta atenção, a maioria destes sujeitos da Lapa são rapazes ainda bem novos. É a flor...
Ribeiro Couto, p 31, 1998.

Historicamente a urbanização do espaço que hoje compreende o bairro da Lapa ocorreu de forma tardia no contexto da zona central da cidade ao qual se insere. Incrustado entre as franjas do morro de Santo Antônio e do maciço de Santa Teresa, povoada de brejos e pântanos até o século XVIII, fora lugar de pequenas chácaras e esparsas casas.

Com o aterramento da Lagoa do Boqueirão²⁵ para a construção do primeiro jardim público do país (Passeio Público) e o saneamento das terras, o bairro começara a crescer. Datam deste período os casarões mais antigos, ocupados por famílias abastadas da sociedade²⁶.

Ao final do século XIX o bairro era ocupado por comerciantes e famílias tradicionais da sociedade, que ocupavam os grandes casarões. Referências ao bairro encontram-se espalhadas por toda obra do escritor Machado de Assis, dando um panorama

²⁵ A disposição geográfica dessa lagoa tinha como localização uma parte do antigo Largo da Lapa e Passeio Público, aterrada pelo Vice Rei Luís de Vasconcellos (século XVIII) devido ao alto grau de insalubridade decorrente dos dejetos do curtume que localizava nas suas margens. O material utilizado no aterro proveio do desmonte do Morro das Mangueiras, primeira demolição do gênero na cidade, que se situava anexo ao Morro do Desterro (antiga denominação do Bairro de Santa Teresa). Neste mesmo período fora construída a Igreja e convento imolados ao culto de Nossa Senhora da Lapa, que, devido ao fato de estar aos pés do Morro do Desterro, passara a compor o nome a este pedaço da cidade “Lapa do Desterro”. Data deste período a construção do aqueduto definitivo em 1750 (o aqueduto provisório construído em 1742 ruína). Esta construção permanece na entrada do bairro, apelidado de Arcos da Lapa. Coaracy: 1988

Com a mudança da capital da colônia para o Rio de Janeiro, em 1763 a cidade assistira um crescimento populacional vertiginoso, que, mais tarde, fora incrementada com vinda da família real e da corte portuguesa, em 1808. Com o aumento do número de moradores tornou-se imprescindível a construção de novas edificações, ampliando os limites da cidade para regiões ainda pouco exploradas, como Lapa, Glória, Catumbi, Cidade Nova e Saúde. Para as análises históricas que seguem fora utilizada como referencia as obras de Velasques : 1994; Coaracy : 1988

dos primórdios do bairro que surgia²⁷. A Lapa machadiana do século XIX, no entanto, em muito diferia da descrita pelos cronistas da primeira metade do século XX²⁸ e que os projetos de intervenção urbana buscam resgatar.

Com as seguidas epidemias de febre amarela ocorridas na metade do século XIX e melhoria nos meios de transporte (surgimento dos primeiros bondes para a zona sul, uma área ainda pouco habitada), a zona central lentamente deixara de ser moradia dessas famílias. Segundo Challoub (1999) os saberes “científicos” que começam a se consolidar no século XIX atribuem aos hábitos, tradições e práticas corporais dos pobres²⁹ (principalmente dos que transitavam, moravam e comercializavam produtos nas ruas da região central e arredores) a fonte de todos os males que assolavam a cidade, sendo estes patologizados, tornando-os alvo das terapêuticas urbanas postas em prática no início do século seguinte.

A heterogeneidade das ruas do centro da cidade, neste sentido, tornara-se perigosa. Bairros ainda pouco habitados como Santa Teresa e outros da zona sul, como Glória, Catete e Botafogo (que ainda mantinham características rurais, tornam-se moradia dos migrantes em busca de ares mais saudáveis e espaços exclusivos, longe das multidões e do contágio dos pobres.

Em meados do século XIX e início do XX os amplos casarões tornaram-se pensões para pobres e pequenos cortiços abrigando uma população em busca de moradia barata perto do centro da cidade (em especial trabalhadores do novo porto do Rio³⁰), bem como pessoas de passagem pela cidade (como os estudantes do Largo de São Francisco, políticos, marinheiros, dentre outros). A concentração desta população no bairro começa a atrair um tipo de comércio diferente do existente até então.

“Constituíam o mundo eclético da Lapa, seus bares, seus cafés, suas pensões e conventinhos, seus ‘rende-vous’, de rameiras disfarçadas em

²⁷ Uma referência ao bairro na obra de Machado de Assis é a descrição da Rua Matacavalos, atual Rua do Riachuelo, moradia inicial do personagem do livro homônimo, Don Casmurro.

²⁸ Dentre a variada literatura sobre este período na Lapa, iremos utilizar como referência a coletânea de texto Antologia da Lapa de Gasparino Damata (1978), a obra de Manuel Bandeira (s/d), Ribeiro Couto (1998) dentre outros.

²⁹ Challoub: 1999

³⁰ Apesar de ser uma cidade portuária com grande comercialização de mercadorias pela via marítima (escoamento da produção de café e importação de mercadorias para o consumo na capital) a cidade do Rio de Janeiro não possuía um porto permanente e de grande porte. No início do século XX foram aterradas as franjas da Baía da Guanabara, próximas ao bairro da Saúde, Gamboa e Santo Cristo para a construção de um porto permanente, que hoje abrange na sua forma mais visível a Avenida Rodrigues Alves e os antigos armazéns do Porto do Rio muitos dos quais abandonados ou utilizados para atividades culturais.

mocinhas de comércio ou colégios. Mais ainda: seus bilhares, suas farmácias, engraxates, vendas, açougues, quitandas e cutelarias” Mário de Andrade, S/D, p.47.

Se durante o dia os moradores do centro buscavam aliviar o calor nos caminhos do Passeio Público e as carolas buscavam a salvação da alma nas igrejas e convento, durante a noite outras formas de comércio começaram a surgir. Cafés dançantes, cabarés, bilhares, bares, bordéis, cassinos e hotéis³¹ marcam presença no bairro e seus arredores, proporcionando intenso movimento noturno e a convivência, nem sempre pacífica ou harmoniosa, de diferentes personagens.

Segundo Damata (1978) “*A partir de 1910 a Lapa tinha dupla personalidade: as residências familiares misturavam-se às pensões das **decaídas**, embora estas de portas fechadas*” (grifo nosso). Mas, se na primeira década do século XX a Lapa começava a ser insone, nos anos seguintes ela seria referência de vida noturna da cidade.

Os inúmeros relatos deste período, resgatados pelos memorialistas da cidade, a partir dos anos 1960³² nos apresentam a descrição de um bairro com intenso convívio social que conjugava intelectuais, artistas, malandros e valentes (de toda espécie), políticos e prostitutas, no espaço público. É neste contexto que começa a surgir um personagem urbano que irá simbolizar a noite do bairro: o boêmio.

Se o Rio da primeira metade do século XX tinha como modelo de cultura, sociedade e cidade a capital francesa, faltava-lhe um bairro que fosse correlato ao bairro boêmio europeu: o Montmatre³³. Com sua origem religiosa, igreja, convento, contraventores, “marginais” e prostitutas, o bairro passou a ser local de confraternização da intelectualidade, transformando-o de lugar obscuro³⁴ e temido, na concretização do ambiente intelectual europeu. A “Montmatre dos trópicos” era a Lapa.

³¹ Devido à localização do bairro, próximo ao palácio do Catete e dos centros do poder político da nação, os hotéis do bairro, com destaque ao “Grande Hotel”, localizado onde hoje é a Sala de música Cecília Meirelles, eram frequentemente ocupados por políticos de todas as regiões do país.

³² Segundo Velasques (1994), após a mudança da capital da república para Brasília, iniciou-se um processo de valorização do passado visando a construção de uma nova “identidade” para o Rio de Janeiro.

³³ Bairro parisiense onde se localiza a Catedral e o convento de Montmatre se tornou famoso devido aos seus bordéis, dentre eles o Molin Rouge, e o convívio de boêmios e intelectualidade. Nas palavras de Manuel Bandeira, tais características muito se aproximam das descritas sobre o bairro francês: “*Basta dizer que a Lapa é um centro de meretrício todo especial (onde vivem as mulatas mais sofisticadas do Rio), esse meretrício se exerce em ambiente místico irradiado da velha igreja e convento franciscanos*”.

³⁴ Dentre estes locais “obscuros” da cidade, com forte presença de prostituição, podemos citar, em especial, a área do Mangue, que hoje compreende a chamada “Cidade Nova”. Após a demolição do casario e das reformas no local, a prefeitura construiu o prédio de sua sede administrativa, que logo foi apelidado de “piranhão” pela população, dando à sede administrativa uma dupla conotação, onde poder municipal a prática de prostituição tornam-se, de forma jocosa, indissociáveis.

Pois a boêmia possui vários componentes, aliás, claramente vistos por Murger, os “amadores”, jovens que desertam do lar da família para viver as aventuras de uma vida errante, mas a título provisório antes de se assentarem, e os artistas. Estes, em sua maioria – a “boemia ignorada”- vivem pobres e desconhecidos, estóicos, passivos, sem nunca alcançar a notoriedade. Eles morrem, em sua maior parte, dizimados por essa doença à qual a ciência não ousa dar seu verdadeiro nome, a miséria (...) Os outros – uma minoria – logram êxito e reconhecimento: ‘seus nomes são famosos’. Perrot apud Velasques, 1994 p.22.

Imbuídos deste “espírito boêmio”, jovens solteiros, através do convívio nas ruas, buscam questionar o modelo burguês de família e sociedade. Seduzidos pela vida noturna, tecem um contraponto entre a vida do trabalhador diurno e a convivência na assepsia do lar burguês, seus “valores”, modelo de família e sociabilidade³⁵.

Fascinados pelo que chamam de “vida intelectual” buscam no contato com a marginalidade e a pobreza uma forma de questionar valores.

A boemia constrói um modelo simetricamente inverso à vida privada burguesa. Primeiramente por sua relação invertida com o tempo e o espaço; vida noturna sem horários – o boêmio não usa relógio – de intensa sociabilidade **tendo como palco a cidade, os salões, os bares e avenidas**. Perrot apud Velasques, 1994, p. 23. (grifo nosso)

Velasques (1994), em suas análises sobre a Lapa boêmia, traça a imagem do boêmio como uma entidade que “paira” acima da cidade, transita por ela de modo incólume, sem se deixar afetar, utilizando as ruas como espaço do transitório e passageiro, de experimentação de prazeres e dramas da juventude.

Assim as almas sujas da cidade não incomodariam, não trariam desassossegos nem questionamentos. Malandros, prostitutas e travestis eram vistos como componentes de um cenário repleto de tensões, mas ao mesmo tempo de encanto e fascínio.

Alguns memorialistas deste período reforçam esta perspectiva, mas se em suas falas estes buscam afirmar que nenhum se “perdeu” para a boemia, o que fica claro é a

³⁵ De forma bem ampla podemos traçar alguns limites desta sociabilidade burguesa através do modelo de família que ela prega. Este modelo, centrado no poder patriarcal, transforma o pai em grande provedor da família, a mulher - esposa, mãe e “rainha do lar”, responsável pelo afazeres domésticos e educação dos filhos. Por último e não menos importante, os filhos, os rezeiros da casa burguesa, futuro da nação e da família, devendo ser educado, corrigido e disciplinado de forma a ser apto a replicar os valores familiares adquiridos e o amor ao trabalho.

constante tensão entre a alteridade e a imprevisibilidade permanente das ruas, proporcionada pela vida boêmia e o determinismo do intimismo burguês.

A boemia estaria então entre a ingenuidade e a criminalidade. Encarnava, portanto, a ambiguidade, o duplo, logo era perigosa. Artistas jovens ou não, radicais políticos, visionários, excêntricos, pobres ou ocasionalmente pobres, os rejeitados por suas famílias, todos estariam vivendo baseados em uma existência marginal que se opunha a admitir uma “identidade social estável e limitada”. O estilo de vida deste grupo acabaria por representar os “conflitos inerentes ao caráter burguês”. Velasques : 1994, p.85.

Fomos boêmios sim, por sermos jovens. Muitos excessos praticamos, algumas loucuras fizemos. Mas as nossas almas e nossos caracteres não se contaminaram, não se macularam, não se deformaram. Permanecemos íntegros e intactos. Continuamos, pela existência a fora, homens de bem, como éramos antes. Luís Martins apud Velasques, 1994, p.26.

Essa “alma boêmia” do bairro inspirava a perversão dos seus frequentadores. A marginalidade³⁶ era o combustível que alimentava a rebeldia transgressora dos jovens. A vida noturna, os hábitos desregrados, a sociabilidade em bares e avenidas se contrapunham aos ditames da moral burguesa, à intimidade, ao conforto do lar e à transcendência do poder disciplinador do trabalho.

A tensão entre a assepsia dos valores burgueses e as insurgências da vida urbana subvertiam os planos de salvação contidos na formação do sujeito moderno repleto de individualidades, construído por si através do acúmulo de sensações e lições que somadas dizem quem ele é.

Longe da proteção do lar intimista, misturado à confusão de corpos da cidade, com suas vontades, volúpias, paixões e desatinos, o espaço público, lar do boêmio, proporcionava a construção de sensibilidades singulares, capazes de desmontar a pretensão do projeto de sujeito heróico, inserindo num campo de infinitas possibilidades, insinuando movimentos imprevisíveis, desestruturando verdades, compondo e recompondo sociabilidades e políticas.

Na vida noturna, personagens narravam o cotidiano do Rio de Janeiro boêmio. Nela habitavam mulheres morenas de sotaque carregado, “cocotes” fugindo da pobreza e da miséria, teciam sonhos na penumbra dos quartos de pensão.

³⁶ No sentido estrito do termo, ou seja, aqueles que vivem à margem da sociedade.

Corpos máquina na busca da realização do desejo alheio. Sonhos negados e relembrados pelo sono tenso, com medo do escuro, pois na espreita da solidão de seus quartos estão as lembranças e desejos de uma vida diferente. Sonhos que se esvaem ao final do expediente. Ao cair da noite, de mais uma noite de trabalho, a esperança é contada e recontada através das escassas moedas. Dinheiro acumulado numa corrida desigual: ter o suficiente para sair da prostituição antes que a tuberculose, a sífilis ou a pior de todas as desgraças abatesse sobre elas - a degenerescência, o fim da beleza ou da juventude.

Também conviviam ali os negros pobres que voltavam para casa retornando da estiva, enquanto outros ganhavam a vida na exploração de corpos para a prostituição, com pequenas bancas de jogos, na venda de proteção para bares, enfim, numa ampla gama de atividades (quase sempre enquadradas como contravenção).

Ali “capoeiras”, “malandros feitos” e outros “valentes” convivem na busca de subsistência, sem conseguir, com algumas raras exceções³⁷, sobreviver à repressão policial ou mesmo às brigas tão frequentes. Alheios à miséria que os cerca, políticos de passagem pela capital, empresários, famílias aristocráticas, traçam os rumos do país em mesas de jogos dos cassinos ou rodadas de conversa no saguão do Grande Hotel da Lapa.

O boêmio, o malandro, as prostitutas, os políticos, fragmentos de histórias que se perpassam, se misturam, se confundem, se estranham em conflitos explícitos ou velados, fazem do cotidiano um espaço de produção de políticas baseadas na negociação, marcadas pela radicalidade da alteridade.

Histórias que se entrelaçam dando contornos sujos e imprevisíveis à alma boêmia impedindo a fixação dos seus limites ou a totalização de suas formas. Colocaremos a construção desta alma urbana/boêmia no plural, manchando a concepção de espaço idílico construído pelos memorialistas. Trataremos este período a partir de agora como o período de gestação das “almas boêmias”, ou seja, como um espaço de infinitas possibilidades, capaz de inventar sociabilidades, tradições e experiências urbanas, através da tensão do espaço público e negociação de políticas cotidianas; misturando prédios, corpos, ruas e praças ao emaranhado das experiências humanas.

³⁷ Um destes casos se tornou famoso na década de 1970, a partir de entrevista no extinto jornal “Pasquim”(nº65, de 24/04/1971). Ali, o malandro Madame Satã conta um pouco de sua vida, bem como do cotidiano da Lapa da primeira metade do século XX. Tal entrevista tornou-se famosa, transformando o malandro uma referência que perdura até os dias atuais, contando, inclusive, com filme homônimo lançado em 2004.

A cidade que surge a partir da abordagem baseada numa “cartografia dinâmica³⁸” – “na tensão entre a racionalidade geométrica” das intervenções urbanas e o “emaranhado de existências humanas” – é a da multiplicidade de estímulos e sentidos que ultrapassam a descrição física do mobiliário urbano ou das vidas transformadas em cenário.

Tomadas nesta perspectiva, as histórias emudecidas, os passados negados, projetos arquitetônicos e políticos ganham corpos, vontades, sensibilidades e desejos que se misturam à frieza das pedras, prédios, praças e ruas. A leitura dos seus muitos momentos tem a marca da incompletude permanente, própria da dinâmica urbana e suas infinitas possibilidades, ou seja, apreendê-la sem que seja apreendida, (ilegível enquanto totalidade) devido à multiplicidade que a compõe³⁹.

Diferente da cartografia que adotamos nesta dissertação, a alma urbana dos memorialistas que retratam este período tem um rosto voltado para a imutabilidade da história, tornando as contingências ou imprevisibilidades em momentos totalizadores e perenes. Para estes a cidade possui uma identidade monolítica que afirma, através dos rastros do passado, uma cidade que não pode vir a ser, mas que É. Tal concepção muito se assemelha à experiência divina da alma cristã, que dissocia corpos, desejos e sensibilidades de uma “essência” pré-determinada e divina, que transcende o corpo físico.

Ao ser aplicada na cidade, essa alma metafísica transforma prédios, ruas, corpos e desejos em objetos de inúmeras intervenções, que visam purgar do espaço as imperfeições do passado, mantendo uma determinada “essência”, tornada imortal, produzindo um presente refém de um futuro imutável, fadado a repetir-se perpetuamente, livre de vícios, pecados e contingências.

Na condição de cidade capital, o Rio de Janeiro viveu uma situação particularmente tensa entre patrimonialistas e rememorialistas [...] Enquanto as representações patrimonialistas tentavam fixar a história através de um discurso estático constituído por objetos e paisagens, a experiência (dos rememorialistas) trazia as cenas naturais humanizadas pelo olhar. Esta perspectiva de pensar a história implica torná-la não apenas um discurso do passado, mas, sobretudo enquanto construção voltada para o presente. Dessa maneira, as identidades passam a ser forjadas no cotidiano, a partir de escolhas e práticas. Veloso : 2004, p. 49.

³⁸ Gomes : 1994

³⁹ Idem, p. 25.

Nesta cidade identitária, repleta de si, o passado, revestido de “auras” de fascínio e adoração, assume contornos transcendentais, torna-se uma entidade de onde emanam verdades universais e eternas, inspirando uma “Ideia de cidade” enquanto salvação dos perigos da barbárie promovidos pelas aglomerações humanas.

Dessa forma, patrimonialistas, memorialistas, dentre outros, inspirados pelo temor dos inesgotáveis fazeres e astúcias dos seres mortais - para quem as belezas e barbáries são frutos não da Ideia, mas dos atos, silêncios, conflitos e experimentações - dão vida a cidades cadavéricas, cuja frieza sepulcral adorna uma alma que diz quem somos, o que devemos ser e para onde devemos ir, indicando a verdade de ser e não ser⁴⁰, aplacando as angústias do indivíduo burguês, que ante aos perigos do apagamento dos rastros que dizem quem ele é, vê na idealização do passado a possibilidade de manter vivas as lembranças de suas origens, preservando para a posteridade as marcas de sua trajetória espalhadas pelo tecido urbano. Podemos, no entanto, estranhar a inserção desta alma neste ponto da dissertação, mas sua presença é proposital, pois é a partir destes discursos que surge a “aura boêmia” do bairro.

Este movimento, que começa a tomar forma no final de década de 1960, vai marcar a literatura e as crônicas que utilizamos nesta dissertação. É nas brechas destes discursos, nos momentos em que ele escapa, que podemos traçar os contornos sempre indefinidos das “almas boêmias”.

Por outro lado, também não podemos deixar de questionar a emergência de uma outra alma que surge no início do século XIX, se insinua nos projetos de reformulação do início do século e deixará profundas marcas na cidade. Chamaremos esta alma etérea, amorfa e quase divina, de alma dos especialistas do **urbano**⁴¹, que inscreve o espaço como agente civilizador articulado em torno de novas formas de conhecer e intervir no campo social.

Segundo Pechmam (1991, p.126).

A irrupção do urbano na cidade só pode ser compreendida se vista numa perspectiva que desconsidera qualquer continuidade no que diz respeito à história da cidade. Ou dito de outra forma, a história da cidade não é a história do urbano(...) o urbano é, em síntese, uma ruptura com a cidade,

⁴⁰ Para o desenvolvimento das análises dos dois parágrafos acima, pegamos de empréstimo algumas idéias desenvolvidas por Baptista (2006) com algumas alterações.

⁴¹ *"Todo o esforço que se observa no século XIX de se elaborar uma visão de mundo e de sociedade terá, portanto, como centralidade, a cidade como expressão física e o urbano, como síntese das múltiplas relações tecidas nesse espaço."* Pechmam: 1991. p.113.

é o produtor e o produto de um vazio que não se preenche, de um discurso sem história porque não remete à cidade como materialidade, mas como um sistema de ideias, com articulações e conceitos inteiramente novos, inventados para nomear uma nova ordem que se gesta.

Em outras palavras, o urbano surge como uma descontinuidade em relação às tradições, memórias e narrativas construídas historicamente. Saberes e práticas forjados a partir do encontro de corpos, vontades e sensibilidades, pelas ruas e esquinas, que se articulam e se desdobram em diferentes políticas, num cotidiano dinâmico, dão vida a múltiplas cidades compreendidas numa só. Ao intervir nesta cidade de políticas e tradições, os especialistas no “urbano” operam uma ruptura radical na dinâmica urbana, recriando o espaço a partir dos ideais civilizatórios dos especialistas e da concepção de espaço racional.

Tradições, narrativas e formas de habitar e viver forjadas a partir da dinâmica urbana e dos múltiplos embates e tensões tornam-se “saberes menores e insuficientemente elaborados”, ou seja, inadequados por não terem o aval da ciência tornado-os Verdades únicas e inquestionáveis.

A cidade que surge a partir do esquadramento do tecido urbano pelos saberes científicos é a dos urbanistas: a cidade objeto, campo de estudos e intervenções de profissionais implicados na construção de sensibilidades mais adequadas ao capitalismo industrial que se gesta a partir do século XIX.

Diferente das almas perenes e estáticas do cristianismo e da alma dos urbanistas, Walter Benjamin (1991), ao afirmar que “*quem conhece a alma humana conhece a alma urbana*” nos remete a uma outra dimensão de cidade.

Se num primeiro momento podemos conceber tal afirmação como ingênua e psicologizante, por entender a alma urbana como reprodução ou projeção de uma “natureza humana”⁴², ao analisá-la melhor, nos deparamos com uma concepção de cidade que permite ir além de concepções totalitárias e estáticas.

Entendemos que a alma Benjaminiana em muito difere destas. Indo ao encontro das análises de Baptista (1997), entendemos as “almas humanas” quanto diferentes sensibilidades, conhecimentos de si e de alteridades historicamente produzidas. Ao invertermos tal sentença, colocando-a no plural, podemos melhor compreender a afirmação

⁴² Baptista : 1997

do filósofo, onde “almas urbanas e humanas” tornam-se indissociáveis, repletas de desejos e marcadas por sensibilidades; produzem gestos, formas de amar, trabalhar, circular, dirigindo o olhar, tecendo inquietações produtoras de sonhos, utopias e memórias, marcadas pelos encontros e alteridades.

Ao optarmos pela indissociabilidade de almas/urbanas forjadas na tensão das cartografias dinâmicas estas assumem outro caráter, onde a cidade é abordada “*não como o cenário de uma humanidade plena de sentido ou como um pedestal inerte onde estaria erguido o ‘herói solitário’*”, repleto de individualidades, completudes e verdades, mas como um humano/urbano composto de “*babáries do silêncio do esquecimento e da reificação e de barbáries de criação*”⁴³ que afirmam contradições e embates capazes de radicalizar as alteridades, intensificar a construção de políticas cotidianas, incitar movimentos, insurgências, revoltas e pequenas revoluções. Em outras palavras, as almas urbanas/humanas que buscamos nesta dissertação apontam para a inesgotabilidade das invenções de si, capazes de desestabilizar, provocar fissuras na carapaça do indivíduo heróico, produzindo brechas onde possam se esgueirar sensibilidades estranhas que afirmam a diferença enquanto potência e a emergência de um sujeito constituído historicamente.

Ao melhor compreendermos a indissociabilidade e a tensão dinâmica das almas humanas/urbanas, retornamos ao Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, indo de encontro às reformas urbanas, inspiradas pela alma do urbano, e implementadas pelo prefeito urbanista Pereira Passos.

A cidade colonial que crescera desordenadamente e sem planejamento, repleta de estreitas e mal iluminadas ruas e vielas, “onde o ar era impedido de circular”, insinuava pecados através do convívio com as práticas morais perniciosas dos pobres. Segundo Challoub (1999), os “maus hábitos” dos pobres, suas tradições religiosas atrasadas e seus “hábitos desregrados e imorais” induziam ao crime, ou seja, as tradições e singularidades tidas como viciosas, se não fossem devidamente corrigidas através das terapêuticas apropriadas, produziriam, inevitavelmente, criminosos⁴⁴.

⁴³ Idem

⁴⁴ “Os pobres carregam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos. Por conseguinte, conclui decididamente a comissão, ‘as classes pobres [...] são [as] que se designam mais apropriadamente sob o título de – classes perigosas’” discurso do parlamento inglês no final do século XIX citado apud Challoub :1999.

Se as multidões na cidade tornavam possível a mistura de diferentes sensibilidades, ameaçando de contaminação a personalidade intimista dos indivíduos, então era ali que as intervenções deveriam se dar.

Personificação do atraso e da decadência da cidade colonial, o centro da cidade continha, em seu território, ex-escravos, ambulantes, condutores de transportes de tração animal, vendedores dos quiosques, engraxates, carroceiros e trabalhadores informais (dentre outros) que faziam das ruas sua forma de subsistência, moradia e convívio social. A presença destes indesejáveis tornava o centro histórico da cidade um ícone da decadência urbana.

Urbanistas, higienistas, engenheiros e uma ampla gama de especialistas do urbano apontavam para a necessidade de implementar amplas e drásticas intervenções que pudessem extirpar da cidade qualquer tipo de prática “atrasada” que remetesse ao passado de arcaísmos, rompendo ou negando todos os rastros de memória: o futuro através da força do progresso.

Insistir na importância de conceitos como “civilização”, “ordem”, “progresso”, e outros afins - correlatos como “limpeza” e “beleza” e os invertidos tais como “tempos coloniais”, “desordem”, “imundície” etc. – não nos levam muito além da transparência dos discursos, da observação da forma como eles se estruturam e daquilo que eles procuram afirmar na sua própria literalidade, e através da repetição *ad nauseam*. O que declara, literalmente, é o desejo de fazer a civilização européia nos trópicos; o que se procura, na prática, é fazer política deslegitimando o lugar da política na história. Challoub : 1999, p35.

Uma segunda vertente da intervenção urbana deste período se articula na desqualificação do espaço público. Ruas estreitas, becos e vielas apertadas são um mal a ser evitado, pois ali habitava o perigo: na imprevisibilidade dos encontros casuais e seu potencial em articular revoltas, tecer rebeliões, aproximar tradições sociais e políticas explosivas e perigosas. Em contraponto a angústia das multidões das grandes cidades, a intimidade da casa burguesa se contrapõem como refúgio capaz de equalizar a ansiedade do indivíduo moderno.

"A casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura [...]; opõe-se à evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão [...]. A identidade do homem é, portanto, domiciliar; eis porque o revolucionário, aquele que não possui

eira nem beira, e, portanto, nem fé, nem lei, condensa em si toda a angústia da vagabundagem[...]. O homem de lugar nenhum é um criminoso em potencial”. Kant Apud Perrot: 1991 p.308.

A casa burguesa, neste sentido, deixa de ser somente um lugar de moradia para se tornar um refúgio moral e estável, longe das multidões, do caos e perigos das ruas. Lugar de proteção e fixação que permitia conhecer os indivíduos e a si mesmo, controlá-los e vigiá-los. Tarefa impossível de ser realizada na multidão de desconhecidos a transitar pelas ruas.

A reforma urbana do prefeito urbanista, neste sentido, tinha como proposta a reorganização do espaço baseada em ideais de racionalidade, progresso e funcionalidade, dando novos significados e usos ao urbano. A cidade reconstruída deveria voltar-se para o futuro rejeitando os múltiplos passados escritos nas ruas; um novo recomeço, colocando cada coisa em seu devido lugar.

“‘Ordem’ significa um meio regular e estável para os nossos atos; um mundo em que as probabilidades dos acontecimentos não estejam distribuídas ao acaso, mas arrumadas numa hierarquia estrita – de modo que certos acontecimentos prováveis, outros menos prováveis, alguns virtualmente impossíveis”. Baumam : 2001 p. 15.

A Lapa deste período (primeira década do século XX) era basicamente um bairro familiar composto de ruas estreitas, construídas ao sabor da expansão e ocupação desordenada, com seus casarões degenerados em cortiços e casas de cômodo, onde se apinhavam pessoas “sem modos, nem moral”: conjunção de fatores que tornavam evidentes as mazelas da cidade colonial suja e feia que se pretendia “regenerar”.

Com a “*modernização da cidade*”, purgando-a dos males do passado colonial, buscava-se inspirar “*a modernização da alma de seus cidadãos*”⁴⁵, ou seja, modernizar o espaço tornava-se sinônimo de modernização das vontades, desejos e sensibilidades dos cidadãos. Almas humanas/urbanas forjadas a partir de uma ordem artificial e sem passado, exaltando o tempo presente e voltada para o futuro. Cidade capaz de reescrever indefinidamente sua história ao apagar os rastros das lembranças tornadas indesejáveis, movendo-se em direção a um futuro de felicidades, nunca realizável, prometido pelo progresso.

⁴⁵ Bermam : 1990, p 143.

A sanha modernizadora do início do século XX transformava a cidade colonial impregnando-a com uma alma de ares modernos e científicos; ares franceses, sensíveis ao toque; ares que se adentravam às narinas e poros; ares onipresentes que impregnavam as almas urbanas/humanas e clamavam a morte de tudo que irritasse os sentidos.

Estas almas etéreas dos urbanistas adentravam ruas moldando espaços, alargando a Rua Evaristo da Veiga e a Avenida Mem de Sá, (demolição dos prédios do lado ímpar), demolindo casebres e cortiços, principalmente os que se localizavam sob os Arcos, dilatando os limites do Largo⁴⁶, aterrando a praia da Lapa⁴⁷ para a construção da Avenida Beira mar, instalando o Lampadário Francês⁴⁸.

Mesmo as reformas não tendo sido tão drásticas como em outras áreas da cidade, (que marcaram profundamente a geografia da cidade, como, por exemplo, a demolição do Morro do Castelo e a abertura da Avenida Rio Branco, no centro) o Lampadário Francês lembrava aos habitantes do bairro que a alma do urbano também estava presente naquele espaço. Instalado no meio do antigo largo as “serpentes da modernidade⁴⁹” e seus olhares vigilantes iluminavam austeras e zelosas a gestação das modernas almas humanas/urbanas.

Se nesta cidade idealizada pelos urbanistas os limites eram o contorno de ruas e prédios e a ordenação de semelhanças pela exclusão de diferenças, no cotidiano da urbe, vontades rebeldes recusam as semelhanças homogeneizantes, ignorando as fronteiras e territórios a elas destinados.

Nos espaços públicos higienizados pela reforma, corpos indisciplinados recriam lugares, reinventam usos, zombam da estabilidade, harmonia e previsibilidade dos urbanistas, tecendo histórias e memórias a partir dos encontros e dos restos da urbanização, reinventando cidades a partir dos entulhos da nova ordem, fazendo da teimosia da memória e da persistência dos corpos ferramentas capazes de instigar sensibilidades destoantes.

Dessa gente muitos trabalham durante o dia. Mas o emprego é o pretexto, o ponto de apoio da vida honrada. A verdadeira vida é aqui, à noite, pelos

⁴⁶ Que somente nas reformas da década de 70 chegará às dimensões atuais

⁴⁷ Antiga praia das Areias de Espanha

⁴⁸ “O Largo da lapa ganha ares afrancesados, com a construção do Lampadário, obra do escultor Bernadelli, além da arborização do seu entorno e do erguimento, nas proximidades da igreja da Lapa, de um bebedouro destinado a animais” Jornal do Brasil, apud Velasques (1994). Restaurado em fevereiro de 2006 como mais uma do projeto urbanístico do projeto Rio Cidade, visando fortalecer o “Corredor Cultural”. Este projeto vem sendo implantado no bairro desde a década de 1990 e será retomado mais adiante nesta dissertação.

⁴⁹ Refiro-me as esculturas que sustentam as lâmpadas superiores do Lampadário, esculpidas no formato de serpentes ameaçadoras.

cafés, pelo pano verde, pelos becos.... aqui é a felicidade(sic). Ribeiro Couto: 1998, p 31.

Foi exatamente nesse dia em que a Iaiá estava se lamentando no Passeio Público para a minha pessoa e outras bichas que eu virei Satã. Em 1938. Depois das conversas sobre a fantasia do bicampeonato [de fantasias carnavalescas] e das lamúrias da Iaiá apareceu a polícia e nós conversávamos tão distraidamente que nem notamos nada

- Vamos todos para o distrito.

As colegas que não iriam reagir mesmo e como eu também não estava querendo confusão, logo depois nós ficamos diante do delegado... . Ele não queria judiar nem prender. Só dar conselhos.

- Não quero que vocês fiquem fazendo rodinha no Passeio Público em pleno dia.

- Sim senhor.

- É muito desagradável para as famílias que passam porque vocês não conseguem se comportar direito.

- Sim senhor.

- De madrugada pode...

(Diálogo entre Madame Satã e um delegado da Lapa em 1938).

Madame Satã: 1978, p.62.

As reformas urbanas da primeira década do século XX não evitaram que a partir da década de 20 começassem a surgir as primeiras “casas suspeitas⁵⁰”, cabarés e cassinos onde a boemia intelectualizada e a malandragem passariam a “dar o tom” da vida noturna da capital até a metade da década de 1940.

Se durante o dia os esforços dos urbanistas em purgar da cidade os vícios e pecados tornavam-se visíveis, à noite a cidade subvertia a sensibilidade da alma urbana/francesa. Nela os sujeitos fugiam dos olhares disciplinadores e transformavam o público em espaço de encontros e subversões.

A beleza das construções erguidas se misturava a uma multidão de almas indóceis que recriavam lugares inventando formas e usos não previstos, recusando a cidade artificial e sem passado que os urbanistas almejam construir.

Sua indolência reconstruía, a partir das suas tradições e memórias, um mundo que deixava de existir a golpes de pás e picaretas. Ao resistir ao determinismo das almas etéreas do urbano, os pobres, os vadios e indesejáveis de ordem faziam do público um campo aberto a infinitas possibilidades, tecendo subjetividades e políticas da contingência das ruas e avenidas, recusando a estabilidade e a fixidez que a nova cidade proporcionava.

A imprevisibilidade e sedução das ruas traziam o medo às almas moralizadas e previsíveis do intimismo burguês. Incomodava a possibilidade dos jovens de futuro

⁵⁰ Casas discretas onde era explorada a prostituição

promissor (futuros doutores em direito ou medicina) e zelosos pais de família se perderem nos vícios da carne e da sedução, no dinheiro fácil das roletas consumindo seus espíritos em desejos não previstos.

Na alma pecaminosa da noite habitavam os perigos capazes de perverter a moral e desvirtuar os caminhos do indivíduo em desejos e sensibilidades não previstos. Ante a iminência, mesmo que virtual, de contágio, tornava-se necessária a implementação de medidas que visassem à salvação das almas burguesas delas mesmas, criando mecanismos capazes de conter as tentações que rondavam o intimismo burguês e que poderiam colocar sua perfeição em xeque.

É nesse contexto que a partir do ano de 1926, com a criação da Delegacia de Costumes, que as estratégias de controle, vigilância e punição começam a se diversificar. A criação desta delegacia tinha como objetivo reprimir comportamentos imorais e perigosos para a sociedade, ficando sob sua responsabilidade a repressão da prostituição (inicialmente tolerada quando restrita a espaços fechados e discretos), da capoeiragem⁵¹ e da exposição de “comportamentos inapropriados para a sociedade” (principalmente os que dizem respeito à sexualidade e práticas religiosas diversas).

É neste processo que ganha (a polícia) o papel da repressão e do controle como mecanismos essenciais na construção da classe trabalhadora. Através da imposição e da violência, o ator burguês cria o seu outro, obrigado a incorporar os valores do trabalho e da disciplina essenciais para a dominação capitalística. Ao mesmo tempo, as manifestações de rejeição ou incapacidade em relação ao modelo desejado são catalogadas pela historiografia no rol de um conceito bastante amplo de ‘resistência’, que incluía desde a rejeição ao trabalho fabril até aos crimes contra a propriedade. Bretas: 1997, p 32.

As estratégias de disciplinarização dos corpos rebeldes do capitalismo se intensificam a partir da década de 1940, no auge do Estado Novo e da implementação do

⁵¹ Apenas para esclarecimento podemos citar que após a abolição da escravatura, negros capoeiras, organizados em grupos – as maltas - causaram grandes problemas para a segurança pública. Ligados a grupos políticos e correntes ideológicas, as maltas se enfrentavam constantemente nas ruas provocando brigas e mortes em cortejos públicos, procissões e festas populares. Tais grupos foram duramente perseguidos, no início do século XX, sendo praticamente extintos na cidade. A prática da capoeira, no entanto, fora mantida através da tradição oral de “malandros” e “valentes”. A capoeira, hoje praticada, em muito difere da exercida neste período do Rio de Janeiro, hoje já extinta. A prática disseminada nos dias atuais é de origem baiana e com uma história particular que foge ao contexto desta dissertação.

trabalhismo no Brasil. Com o objetivo de formar cidadãos aptos ao trabalho nas indústrias que surgiam era necessário articular novas formas de habitar a cidade.

Tudo que pudesse desviar a atenção dos futuros trabalhadores de suas funções fabris ou de seus “compromissos familiares” deveria ser evitado ou banido. A máxima expressão deste período era a sacralização do trabalho através de uma “escala de moralidade” onde o ócio era identificado como fonte de todos os vícios e crimes e o trabalho elevado ao mais alto patamar da “virtude humana”, tornado nobre e dignificante para o espírito.

O que importa notar é o quanto esta construção que desqualifica o Rio de Janeiro é historicamente datada e como ela permaneceu na consciência coletiva, recebendo uma avaliação tanto negativa quanto positiva. O Rio passou a ser visto como a cidade Dionísica por excelência e parece que Dionísio não tem sido facilmente associado à salvação nacional. Ao contrário, tem sido frequentemente identificado como sintoma de decadência Oliveira apud Gardel : 1996, p 39

A construção da imagem do trabalhador se espalhava por todos os cantos. Propagandas exaltando os benefícios do trabalho, paradas cívicas e corpos máquina marchavam compassadamente, marcando a tensão entre o vagabundo (representado pela imagem dos malandros e boêmios), identificado como homem de destino incerto que vivia pelas ruas (por consequência afeito aos “maus costumes”) e o chefe de família trabalhador, máximo exemplo da moral. Embates que repercutiram inclusive nas letras dos sambas da época.

Quem trabalha é que tem razão
Eu digo e não tenho medo de errar
O bonde de São Januário
Leva mais um operário
Sou eu que vou trabalhar
Antigamente eu não tinha juízo
Mas resolvi garantir meu futuro
Veja você
Sou feliz, vivo muito bem,
A boemia não dá camisa a ninguém
O Bonde de São Januário – Batista apud Gardel, 1996

Para que o ideal do novo homem pudesse se concretizar era necessário parir cidades higienizadas de todos os males e contágios que pudessem desviar os caminhos do trabalhador ou incitá-lo a cometer desatinos.

A ordem nas ruas era: fechem os cassinos e proibam os jogos, pois estes são vícios que desviam e distraem os trabalhadores de seus afazeres e obrigações, fazendo-os perder suas economias e desperdiçar forças necessárias à produção industrial; cassem os que vagam pelas ruas, sem rumo certo nem profissão definida, pois estes são potenciais criminosos; encarcerem as prostitutas, pois estas são a antítese da “nova mulher”: a dona de casa - rainha do lar; apaguem da cidade os rastros de tudo aquilo que possa trazer à memória indícios de seu passado de “atraso e decadência”.

Com os cassinos fechados e a criminalização da vida noturna, a Lapa começava a se esvaziar. Após a Segunda Guerra Mundial começa a se instituir um outro tipo de boemia, cheia de bossa⁵², tendo como ícones os luxuosos hotéis da zona sul (em especial o Copacabana Palace com seus hóspedes globais: artistas e celebridades internacionais), o *American Way of Life*, os bairros de Copacabana e Ipanema.

“O que se extinguia aos poucos era a sua alma, esse misterioso espírito dos lugares que lhe dão autonomia, personalidade e caráter. A Lapa se despia de sua fulgurante fantasia boêmia de Pigalle, com que se disfarçara durante um carnaval de dez anos, para entrar numa quaresma de marasmo, pobreza e melancolia”.

Luís Martins Apud Velasques : 1994, p 36.

Em tão pouco tempo como mudara! A ditadura [Getúlio Vargas] parecia querer transformar a fisionomia de todas as coisas, inclusive a de nosso querido e inesquecível bairro.... uma impressão de tristeza, de abandono, de resignada ruína.... os bares vazios. Os cabarés solitários. E nenhum conhecido. A polícia começara a fechar os prostíbulos (...) Idem, p 34.

A “alma boêmia” do bairro assistia à lenta migração dos boêmios para a Zona Sul. Diferente da boemia retratada nos anos 60 pelos memorialistas (por eles definidos como saudosas e nostálgicas décadas de 20 a 40), essa era comportada, cheia de bossa e, principalmente, “sadia”. O convívio com a marginalidade e o perigo das décadas

⁵² Dessa boemia de Copacabana e Ipanema vai surgir um movimento musical da Bossa Nova a partir na década de 1950.

anteriores⁵³ dava lugar ao glamour de Copacabana, local afastado do contágio dos elementos perigosos da boemia Lapiana. A migração para outras paragens possibilitava a criação de um espaço livre de obstáculos onde a alma nova boêmia poderia ser gestada sem sobressaltos.

Tendo por base os memorialistas da Lapa, Velasques (1994) atribui a “decadência” do bairro a três motivos, além dos citados acima, a repressão policial, a sedução das luzes de Copacabana e, ainda, o aparecimento do “gringo”: marinheiros americanos da Segunda Guerra Mundial. Numa visão romantizada e repleta de nostalgia, a autora atribui à invasão dos estrangeiros a descaracterização da “identidade carioca”.

O que apressou mesmo o extermínio de nossa pequena Montmartre improvisada nos trópicos foi a guerra (...) No tempo da guerra, o Rio transformou-se numa base de operações da frota norte americana do Atlântico Sul(...) Naturalmente, invadiram a Lapa(...) isso porém, descaracterizava, modificava, desfigurava profundamente a fisionomia do bairro; uma Lapa ianquizada era impossível(...)A Lapa nunca foi lugar de turista. Nas suas bibocas puxadas à música e chope, era justamente o carioca que se entocava para encontrar a alma típica da cidade. Idem, p 35

Se por um lado a alma boêmia, da noite do bairro, instigava questionamentos às práticas intimistas da vida burguesa e à moral trabalhista, por outro ela fornece os elementos capazes de fundar uma “identidade carioca”, ou seja, é através da cristalização de uma determinada forma de viver e transitar pela cidade que uma determinada “alma carioca” ganha contornos mais nítidos. A invasão dos estrangeiros desvirtuava a pureza desta alma incipiente por não se enquadrarem ao modelo de boêmio carioca da Lapa.

O sociólogo Zigmund Baumam (1998), ao comentar o “sonho de pureza” das sociedades modernas, afirma que “*os estranhos são pessoas que não se encaixam no mapa cognitivo, moral ou estético do mundo*” (p. 27). Eles não fazem parte, não compartilham a mesma forma de vivenciar e relacionar-se com os lugares, não foram forjados pelo hábito, pela naturalização das práticas e sensibilidades ali existentes; não decodificam o espaço da mesma maneira que os que o habitam, inserem no cotidiano práticas e experiências distintas, tornando o natural estranho e estranhando a naturalidade das práticas. Em outras palavras poderíamos dizer, pegando de empréstimo as análises do sociólogo, que o temor

⁵³ “Depois de 1940, Copacabana iniciou a fase mais intensa de seus primeiros music-halls, inferninhos e boites. Aos poucos foi roubando a melhor frequência dos bares e cabarés da Lapa. Alguns boêmios de alto coturno, bons bebedores e farristas mudavam de pouso” Damata : 1978.

que eles provocam vem do fato de que *“Eles obscurecem e tornam tênues as linhas de fronteira que devem ser claramente vistas; tendo feito tudo isso geram a incerteza, que, por sua vez, dá origem ao mal-estar de se sentir perdido”* (idem, p. 27).

Para evitar a descaracterização da vida boemia articulada a uma “identidade carioca”, a vida noturna da cidade assume outras feições. Se não era possível evitar a incômoda presença dos estrangeiros, ao menos seria possível minimizar o seu impacto pela mudança para zonas mais afastadas e ainda pouco habitadas.

Se na Lapa não era possível erigir fronteiras e erguer bastiões capazes de barrar a presença destes seres, a criação de “espaços exclusivos”, afastados da confusão do centro urbano, poderia transformar a presença em incômoda e indesejável, evitando assim o contato físico, a interação e o diálogo.

É no contexto de criminalização e contaminação do bairro que Copacabana e Ipanema surgem como espaços onde seria possível recriar a boêmia em outras bases, livrando-a dos males que levaram à criminalização e ao “esgotamento” da vida noturna do bairro.

Destituída de sua diversidade boêmia, perseguida e criminalizada, invadida por estrangeiros, a vida noturna da Lapa ia desaparecendo com o fechamento dos bares, prostíbulos, cafés e cabarés. Ao final da década de 1940, permaneciam apenas as populações pobres dos pequenos cortiços, sobrados, pensões e da favela existente no morro de Santo Antônio.

I.II A ALMA DECADENTE: LUGAR DOS MALDITOS

Se ainda há restos de boemia em suas ruas, a ela não pertencem; são migalhas de Copacabana ou a curiosidade de forasteiros. A Lapa de hoje é conspícua, sua boemia, estranha ao meio, é de pessoas em trânsito. Eneida in Damata : 1978, p 63.

Nas décadas seguintes os efeitos das práticas de controle e vigilância tornaram-se ainda mais visíveis através das intervenções urbanas que se seguiram às décadas de 50 a 80.

A indissociabilidade das almas urbanas e humanas, associadas ao passado vicioso do bairro e ao perigo iminente da população pobre, as “classes perigosas”, tornavam o bairro uma ameaça para a cidade. Mesmo desvitalizada a Lapa ainda inspirava medo e tensão, incitando a necessidade de evitar o ressurgimento de antigas práticas.

Incrustado no centro da cidade, o morro de Santo Antônio assinalava o limite entre o núcleo urbano (desde as reformas das primeiras décadas, aglutinado ao redor da Avenida Rio Branco) e a região periférica da qual a Lapa fazia parte. Com a demolição do morro do Castelo, na década de 20, o de Santo Antônio era a única favela da região central, pois o morro da “Favela” (atual Providência) e Gamboa, localizadas em áreas mais isoladas, não incomodavam por se situarem nas bordas do centro.

Durante os anos de 40 a 50 várias administrações municipais ocuparam-se com a tarefa do desmonte, que fora concluído somente nos anos 60. No seu lugar (seguindo os mesmos passos das reformas do prefeito Pereira Passos) foram abertas as avenidas Chile e República do Paraguai, transformando o bairro em local de passagem entre a zona norte e a sul, além da construção dos prédios futuristas da sede da PETROBRÁS, do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) e a catedral católica metropolitana do Rio.

Inspirados pelas críticas dos patrimonialistas (que questionavam a demolição do patrimônio histórico do morro do Castelo⁵⁴, no início do século) a demolição do Santo Antônio foi criteriosa, preservando o convento e a igreja de Santo Antônio, monumentos históricos que compunham o cenário do Largo da Carioca.

⁵⁴ Lá estava localizado o núcleo inicial de urbanização da cidade do Rio de Janeiro: o Pelourinho, o Colégio Jesuíta, a Antiga Sé, dentre outros marcos históricos.

As intervenções urbanas das décadas de 50 a 60 isolaram o bairro do resto da cidade. As largas avenidas que o cortavam transformavam a vida das ruas num espetáculo apreciado pelos vidros dos carros que iam e vinham de outros lugares. Lugar de pessoas em trânsito que iam de um ponto ao outro do mapa urbano e também lugar da teimosia da memória que reconstruía a cidade a partir das ruínas e dos passados que se tentava apagar.

Em janeiro de 1977 eu me sentei naquela paisagem lunar em que se transformara a nossa antiga Lapa – aquele deserto em torno dos Arcos e que agora chamam pretensiosamente de “praça colonial” – e tentei lembrar, colocar cada uma das coisas em seu devido lugar. Onde era mesmo o sobrado? E a esquina preferida da Paulista, onde ficava? Em que exato local existira a hospedaria, a bira do Hernandez o vigilante espanhol cuja movimentação noturna eu do meu sobrado espreitava? Quando sim, eu sabia; mas onde? Aguinaldo Silva in Damata : 1978, p.258.

As cobras da modernidade do monumento ao progresso, do início do século XX, dependuradas no Lampadário abandonado, deixavam de ser ameaçadoras. Esquecidas no meio do largo, mergulhadas nas sombras pela depredação das suas lâmpadas, o olhar vigilante e sempre atento aos passos do novo homem que surgia a partir da cidade reconstruída, que foi cegado pelos olhares singelos dos vigias da nova ordem.

Os sentinelas austeros agora eram outros, possuíam asas, rostos pueris e bochechas rosadas cheirando a incenso.

Debruçado no pedaço da janela, eu observava a ruína monumental do outro lado, a Catedral inacabada, e pensava que ela sim jamais cairia (embora fosse eternamente uma ruína), que nós fôramos sacrificados por sua causa – mais do que o urbanismo, era a moral cristã o que sitiava a Lapa e fora ela que causara a sua derrubada. Eu observava aquele monumento à nossa lenta agonia, imaginava quanto sangue e suor fora necessário para construí-la. Há a civilização cristã ocidental, eu quase podia sorrir enquanto pensava nisso, sinceramente o faria, se o cheiro de morte que vinha lá de dentro – e Twist arquejava, gemia – não me entrasse com tanta sofreguidão pelas narinas. Aguinaldo Silva in Damata, 1978, p.257.

A imensa catedral metropolitana lembrava que a moral cristã estava atenta e vigilante. No lugar dos antigos casebres e cortiços das encostas do Santo Antônio, a Catedral metropolitana zelava pela expulsão das almas rebeldes e pecadoras da boemia. A enorme construção transformava o solo profano da favela, com suas práticas religiosas pecaminosas e moral duvidosa, em terreno santo.

As intervenções urbanas dos governos militares do Brasil pós 64, atrelaram aos valores morais do catolicismo o perigo de subversão política que o bairro representava. O passado de convívio dos intelectuais com as camadas mais pobres da sociedade que ali permaneciam era visto com grande temor e desconfiança por parte dos militares.

As ruas estreitas e mal iluminadas, com seus becos e vielas escondidas⁵⁵, habitadas por pobres de passado “vicioso” (em oposição aos pobres dignos: os trabalhadores), impediam a livre movimentação de tropas em caso de revolta, fazendo do quarteirão central do bairro⁵⁶ uma “ameaça” à segurança nacional, justificando a sua demolição na década de 1970. Os moradores dos antigos casebres e cortiços demolidos, removidos para os grandes conjuntos habitacionais, (em especial os construídos na região suburbana da cidade) assistiam à dissolução dos laços de sociabilidade, suas tradições e singularidades sacrificadas em nome dos grandes projetos urbanísticos. Se formalmente tais projetos visavam o tratamento ou embelezamento da cidade, politicamente eles encobriam mecanismos perversos de exclusão e isolamento dos pobres.

Pouco antes eu subira a escada escura que mais parecia um buraco, na Rua dos Arcos semi demolida. Do outro lado, como uma enorme e faraônica ironia, erguia-se inacabada – na verdade já era também uma ruína - a Catedral Metropolitana; do lado de cá, no quarto de trabuque com direito a apenas uma metade de janela, Twist morria. Aguinaldo Silva in Damata, 1978, p.253.

Excluídos do centro urbano, isolados geográfica e fisicamente, a presença dos pobres de moral duvidosa e práticas perniciosas se tornava mais suportável aos olhos do poder público e dos cidadãos “civilizados”, tornando mais fácil o controle sobre esta população.

As grandes intervenções urbanas deste período (1950 a 80) transformaram a região central da Lapa numa grande planície. O largo, antes restrito à porção perto da igreja e ao convento da Lapa (hoje chamado de Largo Nelson Gonçalves), assumira proporções gigantescas, acentuado em alguns casos pela extinção de algumas ruas ou na manutenção do traçado, pondo abaixo todas as construções como na Rua dos Arcos.

⁵⁵ Geograficamente o quarteirão compreendia o espaço entre os Arcos e o antigo Largo. A demolição que se seguiu deu lugar ao imenso vazio que se transformou o atual Largo da Lapa.

⁵⁶ Apelidado pela população de “Ferro de Engomar” conforme descrito em notas anteriores.

O grande espaço aberto na região central do bairro somado às largas avenidas que o cortavam, transformavam a Lapa em lugar de passagem, onde a cidade e seus carros apressados assistiam ao bairro passar pela janela. Imagens borradas e desfocadas pela velocidade que nada fixa na memória dos passantes; assim como não seduzia, não trazia desassossegos ou curiosidades. Imagens que amorteciam o corpo não permitindo que nada a ele se vinculasse. O alisamento das rugosidades do espaço somado à velocidade dos carros tornavam o espaço um vazio onde nada induzia à permanência ou ao encontro.

A velocidade somada ao individualismo, cada vez mais presente, tornavam improvável a construção das artes da “civildade” política, traduzidas enquanto “arte da negociação e convívio”, e da politesse “o espírito da sociabilidade e urbanidade”⁵⁷. O isolamento tornava o lugar um vazio, um borrão, uma descontinuidade em relação ao mapa urbano⁵⁸.

Se por um lado as demolições deste período marcaram profundamente a geografia do bairro, por outro o Rio também assistira, no final dos anos 50 e 60, à transferência do poder político para Brasília. Durante séculos como capital do país, a cidade perdia sua “aura” de centro político e cultural do país.

No período das comemorações do IV centenário de fundação, várias pesquisas e publicações vão buscar no passado as raízes da “essência” carioca. O resgate das origens da vida urbana proporcionava aos memorialistas os elementos necessários à reconstrução da identidade cultural “dilacerada” pela perda do status de capital. O saudosismo nostálgico do passado boêmio idealizado da Lapa, purgado dos pecados e contradições começava a se delinear como sinônimo da alma carioca que se buscava erigir.

Escreve-se para mostrar que, apesar de todas as transformações passadas pelo bairro, a lembrança dos saudosos [áureos tempos da década de 30](sic) e a memória coletiva da cidade sobre a Lapa sobrevivem. E, buscando resgatar um período marcante nas suas vidas, os autores destas obras acabam por formular uma “visão positiva” do bairro. Nesta perspectiva, é constante a presença de uma evocação ao tempo ideal, batizado de nostalgia, e pela esperança de reviver velhos tempos. Velasques, 1994, p.19.

⁵⁷ Pechmam : 1993.

⁵⁸ Não é a toa que os projetos de “revitalização” (dar vida) que se inicia na década de 90 – e serão tratados mais adiante nesta dissertação - terão a marca da “reurbanização”, ou seja, trazer a Lapa de volta à Urbe, ao convívio com o resto da cidade.

Nas obras deste período, o bairro é descrito sob o ponto de vista do boêmio e seu “sedutor” estilo de vida. Escreve-se buscando trazer para o presente um passado idílico, fazendo reviver uma cidade que existia somente na memória dos mais velhos e que deixava de existir com as novas construções que surgiam no centro da cidade. Tais publicações “*expressam a saudade e fixam a memória de uma cidade que aos poucos deixava de existir e que devia, por isso mesmo, ser re-construída material e simbolicamente*”⁵⁹. A busca das “raízes” do carioca transformava moradores, frequentadores, malandros e prostitutas em elementos decorativos, esquadrinhando o espaço, delimitando formas de viver e habitar onde figuravam modelos impregnados de verdades, encarcerando a vida em formas estereis e precariamente finitas. Nesta cidade/cenário, o papel segmentado dos personagens do passado boêmio compunha uma paisagem onde o carioca reinava absoluto.

Se por um lado estes personagens urbanos serviam de objetos decorativos para ornamentar o passado idealizado do boêmio, por outro ao serem tomados enquanto alteridades radicais, eles anunciam diferentes formas de narrar, de ser e habitar o urbano, construindo cidades a partir das memórias sempre cambiantes das ruas.

Nesta Lapa de fragmentos e tradições, os passados “impuros” - memórias urbanas que não foram consideradas relevantes ou importantes para a construção de futuros brilhantes - ganham nova vitalidade, misturam-se ao emaranhado de fazeres humanos, mesclam-se ao espaço público, tencionam o momento em presentes imprevisíveis e futuros improváveis.

A história dos fragmentos que estes diferentes personagens narram difere da reificação das origens. O passado, neste sentido, assume lugar privilegiado, transformado em fonte de experiências que falam das astúcias do homem em sociedade, das suas paixões, impasses e contratempos. A sua importância não é determinada por um “a priori” histórico, mas pelos diferentes usos que ela nos proporciona no cotidiano. Memórias que se repetem sempre de forma diferente, num contar e recontar dinâmico, que mistura o narrador à história que narra, marcando sua indissociabilidade.

O bairro que surge da combinação dos fragmentos da memória e das tradições urbanas nada se assemelham ao discurso totalizante dos memorialistas e sua história linear, onde o passado é encadeado numa sequência de fatos que seguem uma ordem evolutiva, impulsionados pelo progresso. Esta visão de história, precariamente finita e tendenciosa, busca através da construção de discursos “verdadeiros” resgatar a vida dos antepassados à

⁵⁹ Velasques : 1994.

tinta, que possa marcar os contornos e traçar as origens de um “estilo de vida” carioca. História da previsibilidade em permanente tensão com a memória das ruas

Representantes da história, sem sobressaltos, os patrimonialistas vão buscar na preservação do patrimônio arquitetônico e cultural, através da manutenção das fachadas e prédios, manter vivas as lembranças materiais que pudessem encarnar a alma carioca, reelaborando os espaços que a cidade corroeu ou que foram apagados pela “fúria demolidora da burguesia⁶⁰”. É neste sentido que a “lógica patrimonial⁶¹” começa a construir, a partir dos anos 70 e 80, um novo discurso sobre a cidade.

Anteriormente apontávamos para a concepção de história dos patrimonialistas, sua leitura totalizadora sobre o passado e a dificuldade de se trabalhar nas bordas e brechas deste discurso. Retornando a este recorte temporal podemos melhor analisar o momento de sua emergência, a partir da década de 70, atentos à concepção de cidade que este movimento produz, sua influência nas intervenções urbanas dos anos seguintes e a implementação de um processo de busca identitária, capaz de sanar as angústias da imagem carioca destrozada.

Ao dar esse sentido identitário à preservação das memórias coletivas, a lógica da conservação cumpre sua função social e política: todo símbolo patrimonial vem conjurar a “morte das antigas trocas simbólicas” cobrindo, por intermédio da nostalgia compartilhada, o déficit do sentido induzido. O que está em vias de desaparecer deve ser magnificado. O espírito patrimonial oculta, pela imposição de uma conduta retrospectiva, o trabalho arqueológico da memória essa reconstrução incerta do que foi, e que supõe uma destruição parcial do que nos é dado a ver. Jeudy : 2006, p. 26-27.

O processo de “preservação das memórias coletivas”, que conjura a “morte de antigas trocas simbólicas”, buscará na permanência de uma determinada “tradição” o sentido de pertencimento ao urbano.

A alma boêmia que se buscava resgatar era a de um bairro festivo, dos cabarés, bares, pensões e cassinos da Lapa do início do século. Não importava as relações ou sociabilidades articuladas nos inúmeros fazeres e práticas locais ou a singularidade dos lugares.

⁶⁰Gomes, op. cit, p.29.

⁶¹ Jeudy, op cit p.26.

O que estava em jogo era a manutenção da alma carioca, fixando suas raízes para assim poder marcar as “origens” da cidade, impedindo, ou pelo menos tentando barrar a permanente desorientação dos sentidos que a metrópole proporciona.

A cidade que surge sob o signo da manutenção do patrimônio cultural é da cristalização da alteridade em momentos estáticos, desvitalizando seu poder de questionamento, sua capacidade de provocar insurgências e romper com o aturdimento dos corpos urbanos. Sua máxima expressão reifica o boêmio como símbolo carioca: fonte perene onde os cidadãos da urbe, tal como num espelho, se reconhecem e têm suas angústias aplacadas, pois, ao invés de se lançarem “em fazeres inéditos⁶²” podem, confortavelmente, se refugiar nas imagens de um passado idealizado reeditando-o infinitamente.

Segundo Canevacci (1993, p.107) “...*toda construção de um fato histórico é simultaneamente a sua destruição*”. A história reeditada no presente soa como farsa, assume feições incorpóreas e grotescas dada a impossibilidade de tornar o passado atual. O “caráter destrutivo⁶³”, citado acima, nos proporciona uma outra concepção de história, capaz de fazer ruir a formulação da história como um *continuun* linear, dando passagem à construção de novos sentidos através de suas ruínas, onde a história “*deixa de ser um encadeamento de fatos ‘coisificados’ para assumir a forma de uma sequência de passados oprimidos*” (Aggio: 1994, p.6)

Por entre as ruínas da história das origens e dos ídolos representada pelos patrimonialistas, figuram as reminiscências das experiências coletivas próprias do viver em sociedade; memórias que não necessitam de autoria nem de permissão para zombar dos sonhos de grandeza dos urbanistas, tecendo sociabilidades e políticas a partir da convivência no espaço público, capazes de por abaixo os sonhos de uma cidade que elegeu o boêmio do século XX como seu representante e a Lapa como seu lar.

É na tensão da permanência das memórias coletivas articuladas em experiências urbanas e da apropriação da história pelos patrimonialistas que a imagem do boêmio assume as formas que se cristalizarão nas décadas seguintes através da idealização do malandro enquanto ícone da vida boêmia.

⁶² Aggio:1994

⁶³ As reflexões sobre este conceito foram inspiradas na obra do filósofo Walter Benjamin e discutidas anteriormente nesta dissertação.

Este personagem, tão presente nas crônicas policiais do início do século, tem o seu retorno triunfal em reportagem publicada pelo jornal “O Pasquim”⁶⁴, onde figuram os relatos de João Francisco dos Santos, mais conhecido como malandro “Madame Satã”. Festejado pela intelectualidade, sua redescoberta na Ilha Grande⁶⁵ imprimia mais uma marca na imagem do carioca/boêmio que se construía.

A cidade que após a abolição da escravidão gerou as maltas de ex-escravos capoeiras também produziu o malandro, assim como suas metamorfoses e tensões provocariam o seu desaparecimento. O ressurgimento na década de 70, através da idealização da malandragem, permitia novas formas à alma identitária.

Malandro naquele tempo [primeira metade do século XX] não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje. Malandro era quem acompanhava serenatas e frequentava botequins e cabarés e não corria de briga, mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. Respeitava o outro. Madame Satã : 1972, p 115.

(...) *Malandro de antigamente, malandro autêntico, era homem, até certo ponto, honesto. Tinha dignidade, era consciente de seu valor, da sua profissão*”. Damata :1978, p12.

A definição de malandro proposta por Madame Satã, associada à descrição das impressões de uma ex-prostituta da Lapa, por de Gasparino Damata, vão de encontro à definição do dicionário Aurélio, que traduz *malandro* como “*aquele que não trabalha, que vive de expedientes; indivíduo preguiçoso*” logo, se o boêmio questionava a intimidade burguesa e sua idealização do trabalho, o malandro era a máxima expressão deste questionamento, sendo a Lapa a “origem” da malandragem que irradiava a alma carioca.

Acompanhar serenatas, frequentar botequins e cabarés não condiziam com as características do ideal do homem (sinônimo de trabalhador) que se ansiava na década de 40.

A sobrevivência através de expedientes “ilícitos” e não regulamentados como “leão de chácara” em bares e cabares, exploração da prostituição e do jogo (dentre outras atividades atreladas à vida nas ruas), permitia que ele escapasse das malhas da assistência estatal, da caridade cristã e subsistência pelo trabalho assalariado faziam deste uma ameaça

⁶⁴ Edição N°45, 29/04/1971

⁶⁵ Ilha da Baía de Angra do Reis onde existia o presídio de Dois Rios, demolido nos anos 1990, por onde passaram presos políticos das ditaduras militares e os presos considerados como os mais perigosos. Após várias décadas preso, João Francisco passaria a morar na Ilha onde fora redescoberto.

à sociedade. Em outras palavras, podemos analisar a “periculosidade⁶⁶” deste personagem urbano pelo temor que ele produzia ao questionar o modelo de eficiência das malhas disciplinares e dos mecanismos de controle social.

Ante a impotência dos mecanismos baseados na dicotomia trabalhador/inválido, a inclusão deste personagem na nova sociedade que surgia só se tornava possível, dentro desta ótica, através da força: seja pela coação através de leis que criminalizavam a “vadiagem” (instituindo a obrigatoriedade de portar a carteira de trabalho), seja pela punição dos comportamentos através das ações policiais⁶⁷.

Criava-se uma situação contraditória. Fama, reputação e respeito adquiridos nos confrontos, brigas e na “malandragem” funcionavam como mecanismos de sobrevivência no cotidiano das ruas, ao mesmo tempo que inspiravam o acirramento da repressão a estes tipos urbanos. Mesmo se a ameaça não fosse concreta (por “eventualmente” não ter cometido crimes), virtualmente ela continuava existindo, devendo, portanto, ser combatida, corrigida e se possível eliminada da vida social.

Se na primeira metade do século XX esse personagem era o marginal/criminoso que ameaçava a sociedade, o processo de resgate histórico promovido pelos memorialistas fará com que ressurja como o herói incompreendido da metrópole. Absolvido de todos os pecados e reencarnado na Lapa⁶⁸ devido à fama do malandro Madame Satã, a imagem do malandro adentrará os anos 90 como grande ícone de um estilo de vida carioca.

Para tornar o malandro a encarnação da “essência da alma carioca” era preciso eliminar a contradição do seu passado de “vícios e pecados” tornando necessário purificar o espaço onde ele fora personificado, limpando da memória da cidade as imperfeições destas lembranças.

O ressurgimento da imagem do malandro associada à vida do bairro deixam claros os embates e tensões articulados em torno da preservação da memória da cidade, oscilando

⁶⁶ Não objetivamos nestas análises idealizar o malandro e práticas, nem discutir os aspectos legais nelas envolvidas. O que gostaríamos de salientar é a criação de uma determinada categorização social baseada neste personagem onde podem ser incluídas uma enorme gama de comportamentos sociais tidos como perigosos.

⁶⁷ O Decreto Lei nº 3,688, de 2 de outubro de 1941 (Lei das Contravenções Penais - arts 59 e 60), define a vadiagem e a mendicância como contravenção e determina que, a princípio, qualquer pessoa que fosse abordada pela polícia deveria comprovar a sua condição de trabalhador, podendo pegar de 15 a 90 dias de prisão. No entanto, esta lei servia apenas para “enquadrar” as camadas pobres e “marginais” da população, incluindo na categoria de contraventores todos aqueles que não possuísem carteira de trabalho, dentre esses os malandros, as prostitutas e os artistas. Em 1942, outra lei viria complementar essa, proibindo os jogos de azar, enquadrando aqueles que os exploravam ou dele viviam. Lima : 1994.

⁶⁸ Tendo em vista que este personagem tipicamente urbano marcara presença em quase todos os bairros e áreas da cidade, é incorreto afirmar, conforme alguns memorialistas insistem, que a Lapa é que é o “berço da malandragem”. Esta visão da história só reforça os argumentos de crítica a construção da história das origens.

entre a tentativa de resgate de um bairro idealizado pelos saudosistas (que conclamavam seu retorno) e a história suja das ruas articuladas num presente dinâmico, perpassados de passados e futuros repletos de incongruências e incompletudes.

Sob a égide das tensões que reivindicavam a primazia da história do bairro este também foi um período marcado pelo enfraquecimento da ditadura militar (instaurada no golpe de 64), pela abertura lenta e gradual do regime e pelo retorno dos exilados em 1979. Neste contexto surge nas areias do Arpoador, em 1982, o “projeto Verão⁶⁹”, um espaço aberto a artistas e manifestações culturais, chamado “Circo Voador”.

Na lona improvisada (que muitas vezes se rasgava ou se soltava com a força dos ventos - daí o nome) experimentava-se uma proposta de arte e cultura que ia de encontro ao modelo imposto pela ditadura. Através da censura, o regime pregava a arte enquanto manifestação cultural pura, máxima expressão do “brilho eterno da natureza humana” que deveria ser conservada sem contágios de outras práticas, ou seja, deveria ser desvinculada de toda e qualquer crítica social ou conotação política.

Qualquer modalidade artística que expressasse o brilho eterno da natureza humana emocionava-o, deixando-o orgulhoso. Só os fortes de espírito, os sensíveis ao universal, alcançariam a essência genuína da alma. A arte, para ele, era coberta por uma aura particular anunciando quem somos, o que devemos ser e para onde devemos ir; o fulgor do ornamento enaltecendo a quem adorna, somado à representação do humano, compunham o significado profético da arte, indicando a verdade do ser e a do não ser. Baptista, 2006 p. 54.

Agregando artistas de todas as especialidades e classes sociais o Circo, ao ignorar a concepção vigente de cultura que retirava o efêmero da arte aprisionando-a numa dimensão eterna e imutável, compunha outras possibilidades de experimentação, tornando eterna não a arte em si, enquanto expressão da grandeza humana, mas as infinitas possibilidades de reinventar mundos, tecer provocações a articular críticas.

A arte, neste sentido, pode ser entendida, quanto polissêmica, mistura de experimentações corporais de circo com diferentes formas de expressão, tomando-a não como um puro em si, expressão da grandeza de uma “essência humana” eternizada, mas como invenção, ruptura, traduzida em corpos, desejos, sensibilidades e política.

⁶⁹ Inicialmente era provisório, previsto para durar apenas alguns meses; o sucesso alcançado pelo Circo fora tão grande que resolveram torná-lo permanente.

Os espetáculos exibidos sob a lona não exaltavam o balneário de famosos da década de 50, hospedados no Copacabana Palace, nem o movimento musical que marcara o bairro – a Bossa Nova.

O inacabamento marcado pelo provisório da lona (sujeita a ressacas e ventos) e dos espetáculos improvisados confrontavam-se com a harmonia e sensibilidade endurecida da alma urbana da “princesinha do mar”. A presença do picadeiro nas areias do arpoador manchava a perfeição da imagem repleta de verdades, produzindo cenários onde as tensões urbanas e os inúmeros fazeres humanos passavam a integrar a paisagem.

Sob este paradigma arte e cultura tornavam-se ameaçadoras, capazes de fomentar rebeliões, conjurar revoluções, aumentar o tom das discussões, reinventar os fazeres da política e conclamar insurgências. Enquanto potência disruptora elas eram capazes de produzir brechas e provocava sensações nos corpos dormentes por anos de ditadura militar no país. No ano 1982 a ditadura assistia ao enfraquecimento das suas forças, não tendo o mesmo vigor em combater a emergência dos “subversivos” de outros tempos. Mesmo combatida e nos seus estertores finais, outras forças vieram em seu socorro tecendo alianças pontuais.

Se por um lado a sociedade reivindicava o fim da repressão política e da censura, por outro tornava-se contraditória a imposição de medidas repressivas, ainda assim a presença do circo manchava paisagem com suas práticas. A solução apresentada para o problema fora encontrada na ótica dos urbanistas, bastando transpor o incômodo para longe dos olhares dos turistas moradores e admiradores do cartão postal de Copacabana.

É dentro desta lógica que moradores e especialistas do urbano vão conclamar o fim das atividades nocivas que contaminavam a “perfeição da natureza” com sua lona improvisada e remendada que soltava à primeira ventania.

Os discursos que pediam o fechamento da lona traziam argumentos diversos: “aumento do barulho provocado pelas apresentações”, “consumo excessivo de álcool e drogas”, “sexualidade descontrolada” (em especial nas pedras do Arpoador após os shows) os “perigos” à moral que tais práticas representavam para a juventude da zona sul e por fim de ordem estética, pois seu aspecto precário impedia moradores e turistas de apreciar a natureza.

Seguindo a lógica higienista do ordenamento urbano, proposta pelo urbanista Le Corbusier⁷⁰ (“um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”) nada mais apropriado do que erradicar a chaga que manchava a perfeição da paisagem urbana. Se a Lapa era um dos lugares malditos da cidade, nada mais lógico que juntar os “malditos” exilá-los e inseri-los num local apropriado.

Baumam (2001), ao comentar sobre o sonho de pureza da sociedade moderna, nos proporciona uma importante contribuição para compreendermos tal mudança ao afirma que no discurso da ordem as coisas não são más ou sujas em si mesmas, elas só estão no lugar errado.

Não são as características intrínsecas das coisas que as transformam em “sujas”, mas tão somente sua localização e mais precisamente sua localização na ordem das coisas idealizadas pelos que procuram a pureza. As coisas que são “sujas” num contexto podem tornar-se puras exatamente por serem colocadas num outro lugar – e vice versa. (idem p. 14)

Longe dos olhares da cidade o Circo ganhou uma estrutura sólida feita em aço mantendo e ampliando a proposta inicial de “cultura popular”, patrocinando shows de rock de bandas desconhecidas e ritmos pouco tocados nas rádios. Longe dos olhares da cidade a presença era tolerada, não produzia incômodo, não manchava a paisagem cartão-postal por estar localizada no “espaço vazio” que se tornara a Lapa após as demolições da década de 70, ou seja;

“Lugares a que não se atribui significado. Não precisam ser delimitados fisicamente por barreiras. Não são lugares proibidos, mas espaços vazios, inacessíveis porque invisíveis” (idem p.120).

“Nesses lugares que resistem ao significado, a questão de negociar diferenças nunca surge: não há com quem negociá-las” (idem p.121).

⁷⁰ A influência deste urbanista pode ser notada em várias partes do Rio, como no Palácio Augusto Capanema (antiga sede do Ministério da Educação) no centro do Rio e na Cidade Universitária da Ilha do Fundão (Campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Segundo Baumam: 1990 p. 191 (...) *eis a grande contribuição de Le Corbusier: nada de ruas, nada de Povo. Nas ruas da cidade pós Haussmanniana, as contradições sociais e psíquicas fundamentais da vida moderna continuam atuantes, em permanente ameaça de erupção; Contudo, se essas ruas pudessem simplesmente ser riscadas do mapa – Le Corbusier o disse, bastante claro em 1929, ‘Precisamos matar a rua!’- talvez essas contradições nunca venham a nos molestar. Assim, a arquitetura e o planejamento modernistas criaram uma versão modernizada de pastoral: um mundo espacialmente e socialmente segmentado - pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradia acolá; ricos aqui, pobres lá adiante; no meio, barreiras de grama e concreto, para que os halos possam começar a crescer novamente sobre a cabeça das pessoas”.*

O reconhecimento das diferenças traduzidas em políticas de isolamento social e urbano justificava a ocupação dos vazios urbanos. Estas “sobras” da reestruturação dos espaços ou da negligência dos urbanistas tornava a existência de determinados lugares invisíveis ao resto da cidade. Lugares marcados pela visibilidade extrema, mas vazio de significado⁷¹. Nestes lugares a arte da política, enquanto negociação de tensões e conflitos exercida na Praça da Polís grega (da qual deriva o termo política), dá lugar à pacificação e ao consenso pela força da polícia⁷².

A obsessão pelo consenso com o apaziguamento das tensões, a preocupação com a politização das ruas, o medo da multidão e da confusão, o horror das misturas, o pânico das fricções e roçares, desde o século XIX, aponta para a supressão dos espaços de relação para a necessidade de “pacificar” as cidades. Pechmam : 2006

Se nas décadas anteriores não fora possível eliminar o incômodo e a força disruptora dos encontros e imprevistos através de políticas voltadas para a exclusão e aniquilamento das diferenças, uma outra forma de gestão do urbano se articula neste período, tendo como máxima a assimilação dos “refugos” urbanos através da força apaziguadora das semelhanças.

O imenso vazio que se tornara a Lapa permitia que os urbanistas confinassem ali tudo que representasse, mesmo que virtualmente, uma ameaça à ordem, à moral e aos bons costumes, tornando-os visíveis enquanto alteridade, ao mesmo tempo que os excluía do convívio com o resto da cidade

O isolamento e a velocidade das pistas que cruzavam o bairro serviriam para amortecer os impactos subjetivos nos corpos aturdidos do urbano, impedindo que qualquer coisa fixasse ou trouxesse incômodo.

A mudança do Circo das areias do Arpoador para o Largo apontava para uma mudança radical nas políticas de ordenamento urbano: se não era possível apagar o perigo representado pelos “marginais” removendo-os para lugares ermos e longe do olhar, como

⁷¹ “Vazios são os lugares em que se entra e onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos. Baumam: 1998 p.122.

⁷² “A essência do consenso não é a discussão pacífica e o acordo razoável, opostos ao conflito e a violência. A essência do consenso é a anulação do dissenso... o consenso é a redução da política a polícia” Rancière, 1998, p 252 apud Pechmam, 2006 p. 19.

pretendiam os urbanistas do início do século XX, melhor seria reconhecê-los, assimilando-os através da invisibilidade⁷³.

Ao confinar os indesejáveis num mesmo espaço, apartando-os do resto da cidade, reconhecia-se a sua existência tornada visível (na sua fantasmagoria) para melhor poder controlar seus desatinos, desordens, inconstâncias, irreverências e paixões. A diferença transformada em anestesiante espetáculo⁷⁴ aturdiava os cidadãos. Mesmo invisíveis eles estavam lá. A presença nas bordas da cidade e longe dos olhares servia para lembrar que eles existiam e não iriam mais embora.

A neutralidade do lugar apartado permitia que as almas humanas/urbanas pudessem se desenvolver sem sustos ou imprevistos, cercadas por cordões de isolamento que delimitavam as fronteiras e evitavam contágios.

Richard Sennet (2004) ao analisar a Paris da Revolução, em especial os espetáculos que se transformaram as execuções por guilhotina nas praças públicas, aponta que *“a neutralidade permite ao poder operar sem responsabilidade. O espaço vazio é bem apropriado a seu funcionamento evasivo”*.

Tendo em vista tal afirmação e entendendo que os vazios urbanos vão além das fronteiras das praças, podemos compreender que o reconhecimento da alteridade amansada pela força tranquilizadora da semelhança proporcionava garantias contra os ingredientes potencialmente perigosos. O declínio da política em nome de outra forma de gestão urbana: o controle policial.

Para manter as ameaças contidas no seu devido lugar era preciso reforçar as fronteiras, erigir bastiões contra o perigo de transbordamento das ameaças urbanas. A proximidade do Quartel General da polícia militar, na Rua Evaristo da Veiga (a poucos metros do largo), tornara-se insuficiente para proteger do território da Lapa.

Para reforçar as fronteiras o Governo Estadual construiu um grande conjunto habitacional para policiais no grande vazio aberto pela demolição do lado ímpar da Rua Lapa. Se antes a presença da força policial era apenas próxima e até mesmo virtual, a partir da construção do conjunto ela assume feições de ocupação permanente.

O cerco torna-se completo. Por um lado a Catedral Metropolitana e seus anjos incensados; acima o convento e Igreja de Santa Teresa. Em frente o Quartel General da

⁷³ Neste período também começa a surgir como problema social o aumento da população pobre nas ruas, em especial o dos “menores”. Seguindo a lógica de invisibilidade, a Fundação São Matinho, que tem como função o internamento e cuidado destas crianças e adolescentes, recebeu do Governo Estadual um prédio para construir uma unidade no bairro, criando um local de recolhimento dos menores que transitavam pelo centro.

⁷⁴ Baptista: 2003

PM. Na outra ponta o conjunto habitacional delimitava os marcos do lugar maldito. A força das armas e da fé cristã não deixava que nada escapasse.

Mas se por um lado tinha-se a intenção de neutralizar os “malditos” da cidade, condenando-os a uma existência fastamagórica, por outro, tais medidas trouxeram consigo um outro olhar sobre a Lapa.

A estrutura de metal do novo Circo⁷⁵, construída em frente ao prédio da antiga Fundação de Metais Progresso, ampliava a capacidade de abrigar shows de maior porte, principalmente de artistas que começaram suas carreiras na lona do Arpoador⁷⁶. Nos espetáculos dos artistas tornados famosos a cidade reinventava o bairro na presença dos espectadores, transbordando pessoas pelas ruas, inundando os espaços. Corpos que se esgueiravam pelas brechas deixadas pelos olhares vigilantes.

A solução dos urbanistas para aplacar o questionamento pelas diferenças não impedira que a cidade subvertesse o designo a ela imposto, assim como a fronteira erguida no entorno o bairro não impedira que se construíssem outras sensibilidades.

A mesma porosidade que permitia o ir e vir de corpos velozes, confinados em carros apressados, também proporcionava a existência dos homens lentos⁷⁷: Trabalhadores pobres, moradores, frequentadores do Circo Voador que redescobrem o bairro, reinventando o espaço público, reivindicando-o como parte da cidade. Pessoas indiferentes à proposta dos urbanistas. Passadas despreocupadas que rompem os cordões de isolamento fazendo existir cidades onde antes havia vazio. Espaços recriados a partir de fragmentos e memórias de um bairro que recusava a morte ou o encarceramento das intervenções urbanas.

Se com abertura de grandes avenidas e a demolição do casario colonial o bairro se transformara em lugar de passagem ao final da década de 80, com a presença da casa de espetáculos ele voltava a se reintegrar à paisagem urbana, transformando o vazio das décadas anteriores em espaços de sociabilidade. É nos interstícios desse movimento de resistência que a promessa dos patrimonialistas vai encontrar terreno fecundo, inspirando os projetos urbanos de “restauração” do passado nostálgico, quanto forma de incentivo ao turismo e o “consumo cultural”.

⁷⁵ Localizado atrás dos Arcos da Lapa o terreno onde fora construído o circo fazia parte da antiga Rua dos Arcos, local de grande concentração de casas de prostituição das quais nada restara com as demolições realizadas neste período.

⁷⁶ Exemplo disso são as bandas Kid Abelha, Barão Vermelho, os cantores Cazuza, Lobão, dentre outros.

⁷⁷ Pegando de empréstimo a expressão utilizada por Milton Santos ,traduzida em forma de metodologia de investigação nesta dissertação, conforme descrito na introdução.

I.III A ALMA NOSTÁLGICA: A CIDADE OBJETO.

“Não podemos tornar presente o que não é mais, pela simples vontade de rememoração. A atualização do que foi permanece acidental como a visão da morte”
Jeudy : 2005, p51

Ao iniciar a reestruturação do Largo da Lapa, no segundo semestre de 1990, a prefeitura municipal deu início a um amplo projeto que visava transformar o bairro em “espaço de lazer cultural”, ensejando o que hoje é chamado de “renascimento da Lapa”.

Este grande projeto visava restaurar a antiga obra arquitetônica – o Aqueduto colonial - que ameaçava a ruir após os anos de falta de manutenção e sucessivas demolições ao redor.

No grande vazio que se tornara o Largo, lajes de pedras dispostas no chão, imitando as antigas calçadas coloniais; no centro, os grandes Arcos caiados e iluminados; voltado para eles, um pequeno anfiteatro; ao redor, casas de shows e concertos: Asa Branca, Circo Voador, Fundação Progresso⁷⁸, Sala Cecília Meireles e Escola Nacional de Música; no entorno do largo, novos bares e restaurantes vão surgindo no lugar dos antigos botequins e bibocas, atraídos pela aura cultural que invade o bairro; nas ruas transversais e mais afastadas do Largo persiste o casario degradado, muitas vezes invadido, por vezes transformado em pequenos aglomerados, onde corpos pobres se amontoam; restos humanos que o capitalismo contemporâneo esqueceu, resgatados como atrações turísticas ou como indesejáveis, que em breve deverão se mudar para dar lugar a um restaurante de comidas “típicas” do Japão, da China, do nordeste brasileiro ou, seguindo os passos da estetização da memória, uma imitação de “buteco”, imitação que recria os elementos dos antigos estabelecimentos, dando-lhes aspectos coreografados, recriar a aura de um determinado ambiente.

Inspirado nas reformas urbanas de cidades históricas de várias partes do mundo⁷⁹, o recém eleito prefeito César Maia⁸⁰ anunciava como uma de suas principais realizações uma

⁷⁸ As adaptações das antigas instalações da fábrica de fogões e chapas, Fundação Progresso, em shopping cultural - inaugurado no ano de 1996 – vieram a reboque do projeto da Prefeitura Municipal apostando na transformação do bairro em centro de consumo cultural.

⁷⁹ Em especial os projetos de reurbanização de Madri, Barcelona e Nova York.

⁸⁰ A primeira gestão deste prefeito compreende o período de 1992 a 1996.

ampla reforma urbana que atingiria todos os bairros, tendo como objetivo transformar a cidade em sede dos jogos olímpicos de 2000.

Tendo como exemplo as reformas da cidade espanhola de Barcelona⁸¹, o projeto “Rio Cidade” propunha amplas intervenções no espaço público, redefinindo ruas e praças, transformando a confusão e o caos urbano, heranças do período colonial - espaço desordenado que crescera sem planejamento - numa metrópole ágil e moderna. Tal proposta consistia em “limpar” a paisagem urbana, tornando-a mais ampla e transitável, subtraindo do espaço os obstáculos ao pleno fluxo de pedestres e tudo que “poluísse” visualmente o urbano. Cidade da velocidade, voltada para o futuro, preparada para o próximo milênio.

Um dos maiores ícones deste período foram as obras realizadas na Praça XV, principal via de acesso para zona norte e sul, além da importante ligação entre Niterói e São Gonçalo⁸² através da Baía de Guanabara, via Barcas.

Apesar de este não ser o foco da discussão desta dissertação, iremos fazer um pequeno desvio para analisar as implicações políticas desta proposta de cidade como um todo e para a Lapa em especial.

Na grande praça central, vários monumentos, de diferentes períodos históricos, sobressaem ao olhar. Antiga sede do poder central, o Paço Imperial, transformado em centro cultural, do outro o movimento frenético da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro e o prédio onde se localiza o Arco do Teles, antiga sede do Senado Federal e pórtico de entrada da rua do comércio, com seus bares e lojas.

Numa das pontas o prédio do Convento das Carmelitas, onde uma enorme torre de vidro negro ocupa o antigo pátio, transformado em universidade. Ao lado, duas igrejas remanescentes do Rio Colônia. Na outra ponta, o antigo bebedouro, o Chafariz de Mestre Valentin, que matava a sede dos marinheiros de passagem ancorados na baía ou no antigo cais; ali perto a gigantesca escultura de Dom João VI montado em seu cavalo (além desta escultura, existe uma outra, localizada ao lado do paço, em homenagem a Duque de Caxias) e a estação das barcas.

⁸¹ Segundo o noticiado na época, o fator determinante para a realização do evento nesta cidade fora as obras urbanas que transformaram a cidade de características medievais numa cidade ágil e moderna, dotando-a de uma ampla infraestrutura voltada para o consumo turístico.

⁸² O grande movimento entre estas cidades e o Rio deve-se ao grande número de trabalhadores e estudantes que se locomovem, todos os dias, em função da concentração de empresas, comércio, escolas e universidades sediadas no município.

No centro, a imensa estrutura da Avenida Perimetral. Abaixo dela, vendedores, barraquinhas de comida, velhos sentados ao redor das mesas de cimento, que se misturam às imensas e caóticas filas de passageiros dos ônibus e transeuntes em direção às barcas. Corpos em desatino, correndo para pegar a condução, outros lentos, a passar o dia em rodas de bate papo, jogando dominó ou baralho; corpos engravatados, tensos, vindos do pregão da bolsa de valores em busca de pequenos e gordurosos petiscos vendidos nas carrocinhas e bancas; corpos pedintes que fazem da sombra do viaduto casa, misturados aos fiscais das empresas de ônibus, motoristas e cobradores. Lugar do caos, do trânsito lento, onde pedestres disputam as ruas com coletivos e carros de passeio; lugar de passagem e de parada, mistura de corpos e sensibilidades.

Após o “Rio Cidade” restaram os monumentos históricos. O caos das paradas de ônibus deixou de existir. Foram para debaixo da terra, na passagem subterrânea apelidada de “mergulhão” ou para o terminal próximo ao Museu Nacional. Barraquinhas de comidas, vendedores de bugigangas, pregadores evangélicos, velhinhos jogando baralho, profissionais das empresas de transporte e comentários sobre o trânsito e a vida urbana nos coletivos, pessoas indo, vindo e parando. Tudo mudara.

Com a Praça XV não foi diferente. Sua reforma visava transformá-la única e exclusivamente em passagem. Um espaço de pura transitoriedade. Os pontos finais dos ônibus foram transferidos para uma passagem subterrânea, especialmente construída para tal. Assim, a superfície da praça ficou totalmente “desobstruída”, transformada em um grande corredor, sem bancos ou canteiros e por onde quem passa não tem contato com quem está nas estações a espera de sua condução. Os camelôs e a população que ali vivia foram expul... quer dizer, “transferidos” para outros lugares. O ideal de uma cidade asséptica era materializada em um dos locais onde a heterogeneidade carioca era mais manifesta. O controle assumiu a forma de policiamento ostensivo, através da presença constante da Guarda Municipal da Prefeitura que, 24 horas por dia, resguardava o “patrimônio público”: A praça. SOARES, 2002, p106.

Na planície estéril que se abre ao fluxo de corpos, jovens “esqueitistas” encontram nas placas de granito que compõem o piso e os detalhes, um oásis. Suas pranchas de rodinhas reinventam o espaço, transformam a imensidão da praça em pista, as escadas rolantes, que teimam em não funcionar, em ponto de encontro e confraternização e o espaço vazio em política. Jovens tensos pelos constantes embates com a Guarda Municipal, que protegiam o patrimônio público, do público. Sua função era expulsá-los – a cidade que

surge com as reformas é a do fluxo dos corpos e desejos em movimento. Sua persistência em retornar ao espaço é um ato de sabotagem à anunciada “morte” da praça. Os “sabots”, tamancos de madeira que emperravam as engrenagens das fábricas da revolução industrial, ganharam rodas, emperrando os fluxos da cidade.

Na imensa planície chamada “praça”, outros movimentos também se insinuam através das brechas e fissuras das grandes placas de granito. Refugiando-se do calor tropical, à sombra das poucas árvores restantes, corpos insubordinados fazem da persistência um ato de resistência, afirmando a vitalidade do espaço público.

Pequenos atos de transgressão, que montam barracas, inventam feiras, preenchem o vazio da praça com badulaques, músicas, cânticos e conversas, transformando as frias lajes em local de encontro e permanência num tensionamento constante com os órgãos públicos que teimam em reivindicar a funcionalidade do espaço.

Nestes embates cotidianos a cidade ideal dos urbanistas sucumbe lentamente aos pequenos atos de rebeldia e insubordinação que barram fluxos e impedem a velocidade, recriando a praça a partir do vazio da urbanização⁸³.

As políticas públicas que inspiravam a criação da metrópole dos fluxos tinham como meta a reorganização do espaço público, sua “requalificação” e organização para novos usos, tendo por inspiração a alma do urbano, dos especialistas da cidade do início do século XX, reincorporada ao final deste. Mas se por um lado buscava-se construir uma cidade a partir dos delírios de uma cidade “futurista” e veloz, por outro elas tinham como pano de fundo uma maior intervenção do poder público no cotidiano.

[Além dos projetos de urbanização] a outra vertente caracteriza-se pelas ações de cunho administrativo, como a criação de parcerias e a implementação de programas de controle social, popularizados no Rio, pelo Prefeito César Maia, como “ordem urbana”. A existência dessas duas vertentes (...) [refere-se] ao processo de revitalização como a “arrumação da casa” [dividida] em duas partes: a execução de obras como a recuperação de logradouros, ornamentação, iluminação, etc., e a “gerência do espaço público”, em que as prioridades são questões relacionadas à sensação de segurança e à diminuição da sensação de caos e desorganização.

A diretriz adotada pelo Prefeito César Maia, de aliar as intervenções físicas da cidade ao controle urbano, foi também inspirada na atuação do Prefeito Rudolph Giuliani, de Nova Iorque, que a viu como uma forma de controlar a criminalidade naquela cidade. Em 1995, César Maia chegou a

⁸³ *A resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõem em seu lugar antigo*” Bosi, Apud Aggio :1998

sugerir a seus colaboradores a leitura das estratégias do prefeito novaiorquino, de valorização do espaço público.⁸⁴ Magalhães, 2002 p. 11

Na década de 1990 havia na Rua do Lavradio um pequeno terminal com linhas de ônibus para a zona norte e sul da cidade: herança da dedada de 70 e sua inspiração viária. Embaixo das marquises crianças moradoras de rua, ambulantes com suas bugigangas, biscoitos e uma ampla variedade de quitutes, funcionários das empresas de ônibus, misturados aos passageiros... Do outro lado da Rua, a história da cidade contada através dos objetos amontoados dentro das pequenas lojas dos antiquários ganha sucessivas camadas de pó a espera de algum comprador.

As reformas realizadas em 1996 reeditavam o mesmo destino da Praça XV: terminais de ônibus foram removidos assim como os vendedores e moradores de rua. No seu lugar surgiam amplas calçadas sem bancos; sem marcos; sem árvores; sem nada: somente espaços vazios por onde os fluxos urbanos podiam transitar sem contratempos. Do outro lado da rua, amontado nos depósitos dos antiquários a história ganhava novas camadas de poeira.

A ordem urbana da cartilha do prefeito norte americano pregava existência da cidade sem tensão: a cidade consensual⁸⁵. Os pobres, os moradores de rua e discordantes da nova ordem urbana em geral deveriam ser removidos da paisagem, recolhidos para instituições de reabilitação social (abrigos para moradores de rua e para crianças). Os novos equipamentos sociais, frutos da urbanização, deveriam refletir essa tendência, tornando a permanência incomoda e impedindo a fixação.

As muitas ações da prefeitura incluíam o gradeamento das praças e das partes inferiores dos viadutos, a “plantação” de pedras pontiagudas para impedir que se dormisse nestes lugares, a eliminação da maior parte dos bancos das praças e, onde não era possível, a invenção de bancos desconfortáveis, planejados para uma breve permanência.

⁸⁴“The Mayor’s Strategic Policy Statement” recomendado aos integrantes do G54, um grupo formado por Secretários Municipais, Subprefeitos e diretores de companhias municipais. A gestão do prefeito novaiorquino tinha como uma de suas prioridades a política de “Tolerância Zero”, partindo do pressuposto que os pequenos delitos deveriam ser punidos na mesma intensidade que os grandes crimes, pois isso reforçaria o papel de controle e coerção do Estado, diminuindo a ocorrência de crimes de maior expressão. Sua política urbana aliava as obras urbanas a medidas de controle das possíveis ocorrências. Como expressão desta política podemos citar os bancos cilíndricos instalados nas praças que se tornavam desconfortáveis e até mesmo impossível de se deitar, por parte da população de rua, obrigando-as a procurar outros lugares para dormir ou, como se pretendia, os abrigos públicos administrados pela prefeitura

⁸⁵ Para Pecham (2006), a cidade consensual é a morte da política. O conflito, marca fundamental da política, não seria uma forma de violência ou a visibilidade da guerra urbana, mas a sua negação da via da negociação política. Na cidade consensual o grande mote é o silenciamento pela pacificação, onde a alteridade é tida como hostil devendo ser controlada pela imposição da força.

A ergonomia dos bancos traduzia a nova ordem: lugares de breve parada. Os fluxos da cidade não deveriam ser impedidos. A cidade livre dos incômodos sociais e dos nós que obstruíam, o fluxo poderia se desenvolver sem sobressaltos.

As memórias da barbárie do capitalismo refletidas nas pequenas tragédias cotidianas encenadas por gestos bruscos, falas arrastadas e tensas, por farrapos e trapos que narram histórias, tornam-se sinônimos da violência urbana.

Não tratamos aqui de uma ameaça física e sim da violência da invasão do “espaço vital” dos indivíduos intimistas, que se sentem constantemente perturbados em seu direito de estar e permanecer em silêncio, de não serem incomodados pelos pedintes ou pelos vendedores de bala.

A sensibilidade dos habitantes da urbe clama pela imposição da violência como forma de conter a violência, excluindo a possibilidade de convivência pública em favor de uma experiência privada⁸⁶. As tramas da sociabilidade enquanto afirmação política, tornam-se cada vez mais restritas a espaços intimistas, marcados pela indiferença, pelo aconchego da família e do conforto do lar, excluindo do convívio o mundo “inóspito e estranho” das ruas, inventando para si pequenas “cidadelas”: ilhas cercadas de grades e seguranças com o objetivo de manter afastada a cidade e seus perigos. Espaços onde culmina o processo de perda progressiva da principal característica do espaço público, a negociação dos conflitos através da formulação de políticas cotidianas⁸⁷.

Retomando o sentido de “ordem urbana” presente nos projetos de urbanização, podemos concluir que o espaço público que surge da proposta dos especialistas é o da imposição da força traduzida pelo silenciamento das alteridades e a criminalização das diferenças como forma de purificar e valorizar os espaços, parindo cidades amorfas e apolíticas, indiferentes às muitas narrativas urbanas⁸⁸.

Por estes portos eu não saberia traçar a rota nos mapas, nem fixar a data de atracação. Às vezes, basta-me uma partícula que se abre no meio de uma paisagem incongruente, um aflorar de luzes na neblina, o diálogo de dois

⁸⁶ Conforme nos assinala Sennet: 1988

⁸⁷ Pela via grega, o radical polis — cidade — desdobra-se em política, ou seja, a arte de negociação que tem como palco o espaço urbano. Este mesmo radical implicará nos instrumentos de imposição da força da polis traduzido por política.

⁸⁸ Para melhor exemplificar esta proposta de cidade, podemos citar um fato ocorrido no ano de 2005. Neste ano foi alardeada pela imprensa, implementação da operação “Zona Sul legal”, que tinha como principal objetivo o recolhimento da população de rua nos bairros da zona sul. Para total descontentamento dos moradores dos condomínios e prédios do local, bem como da prefeitura, o recolhimento fora um grande fracasso. Retirados das ruas eles logo retornavam para os mesmos locais dias depois, recusando a tutela do estado e a sina de indigentes, fazendo da resistência e insistência um ato de insubordinação.

passantes que se encontram no vaivém para pensar que partindo dali construirei pedaço por pedaço a cidade perfeita, feita de fragmentos misturados com o resto de instantes separados por intervalos de sinais que alguém envia e não sabe quem capta. Se digo que a cidade para a qual tende a minha viagem é descontínua no espaço e no tempo, ora mais rala, ora mais densa, você não deve crer que pode parar de procurá-la. Pode ser que enquanto falamos, ela esteja aflorando dispersa dentro dos confins do seu império. Calvino :1990, p 149

A “cidade perfeita”, de cacos e fragmentos misturados, é a Veneza do viajante Marco Pólo; perfeita porque infinita e vibrante. O imperador Khan ao mandar o genovês pelas cidades de seu império buscava, na racionalidade geométrica da descrição, traçar mapas precisos de tudo que contém seus domínios e assim ter elementos que o permitissem montar estratégias capazes de conter possíveis rebeliões e revoltas.

Ao ignorar a vontade do soberano, o viajante narra cidades feitas de fragmentos soltos, de misturas imprevisíveis, impossíveis de serem mapeadas e reduzidas a um único texto ou descrição: infinitas cidades contidas numa só. Sua narrativa frustra os sonhos do imperador, desmonta os sonhos totalizadores do monarca que buscava prever todas as possibilidades e movimentos contidos em seu império. Se a partir de uma única cidade o narrador encontrara cidades sem fim, logo a leitura de todas as aglomerações urbanas do império seria uma tarefa impossível.

A capital carioca sonhada pelos urbanistas do fim do século muito se assemelha às aspirações do imperador. No interior de suas fronteiras, por entre as brechas deixadas pelos urbanistas, vontades rebeldes e fluxos imprevisíveis constroem cidades impossíveis de serem apreendidas enquanto totalidade ou contidas pelos desígnios de seus governantes. A persistência muda das coisas, misturada à capacidade de criação humanas, sabotam os desejos dos governantes inventando mapas imprecisos e infinitos cotidianos e, ao fazê-lo, reinventam a política recusando sua morte, emperrando a velocidade dos fluxos urbanos, provocando tensões e dissensos.

O ideal urbano, expresso nas reformas do Lavradio e da Praça XV, deixa claro as “boas intenções” do governo municipal: uma boa gestão dos fluxos, que atenda aos anseios de uma população cada vez mais apressada (como nos indica uma máxima do capitalismo : tempo é dinheiro!), ao mesmo tempo que impele ainda mais o movimento dos corpos, restringindo a parada ou a permanência no espaço público.

A ordem urbana conjugada como controle urbano almejava erguer cidades previsíveis, passíveis de serem contidas em mapas precisos e descrições totalizantes, mas

no interior das fronteiras urbanas, fluxos errantes e vontades rebeldes conjuravam cotidianos imprevisíveis e dinâmicos. É na persistência destas existências que a urbe é erguida. Cidades impossíveis de serem descritas nos mapas ou contidas pelas forças da urbanização.

Após este pequeno atalho que utilizamos para analisar a cidade que as intervenções urbanas visavam construir, retomamos a importância das intervenções urbanas, ressaltando a pertinência de uma análise mais ampla do projeto denominado “Rio cidade” e sua repercussão para o centro histórico da cidade. Nos 14 anos de continuidade da gestão municipal⁸⁹, o projeto atingiu grande parte dos bairros do Rio, resultando em outros desdobramentos (como o projeto “Favela Bairro”) e, no que tange a esta dissertação, a retomada do projeto do “Corredor Cultural”, iniciado na década de 1980 e as obras de “revitalização” do centro⁹⁰.

A importância destes projetos para o núcleo histórico da capital tem como justificativa o ordenamento de um espaço que crescera aleatoriamente, resultando numa ocupação urbana “desordenada” e “caótica”, favorecendo a perda da sua importância econômica e social no contexto urbano.

A migração dos núcleos habitacionais para áreas mais afastadas do centro, fizera a cidade expandir seus limites para áreas cada vez mais distantes. Atraídos pela busca de espaços exclusivos para a classe média ou pela expulsão dos pobres para áreas do subúrbio, morros e favelas, a zona central sofrera (durante boa parte do século XX) um processo de migração dos moradores que partiam em direção às áreas mais afastadas.

Libertos das tensões, medos e sobressaltos provocados pela mistura das ruas do centro, a cidade recriada nos poderia erguer novas trincheiras, capazes de conter a alteridade. Um novo recomeço apagando da memória as lembranças de seu passado, com seus olhos voltados para o futuro.

Essa movimentação não teve direção única: primeiro, dirigiu-se para o interior da baía; depois, para o sul; a seguir, para o norte; e, finalmente, para o oeste.(...)

⁸⁹ Através dos mandatos do atual prefeito César Maia (1992 a 1996, 2000 a 2004, reeleito em 2004 com mandato até 2008) ou do seu ex-secretário de urbanismo e ex-aliado político, Luís Paulo Conde (1996 a 2000), a gestão política de reforma urbana permanece inalterada até os dias atuais.

⁹⁰ Cabe salientar que o foco da discussão travada neste tópico não diz respeito a análises aprofundadas sobre este projeto. O que está em jogo nesta discussão é a política de requalificação do patrimônio histórico que ela sustenta.

A cidade foge de sua contradição fundamental, expressa num costume mantido através dos tempos: os ricos, ao mesmo tempo em que pretendem servir-se do trabalho dos pobres, desejam manter uma confortável distância deles. Quando o peso da miséria e do trabalhador ficam difíceis de suportar, a cidade se muda. Carrega sua mudança para outro lugar, fugindo de si mesma - em busca do Paraíso. Nessa fuga, o Rio chegou à zona oeste e a seu último, não derradeiro, refúgio: a Barra da Tijuca, região urbanizada como Brasília, moderna, organizada, com um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar⁹¹:
Josephson : 1994

Sem ter mais para onde se mudar – as fronteiras tornam-se muito distantes – a cidade por volta da década de 80 começa a voltar-se para suas origens: o centro histórico. O processo de abandono, sua transformação em local de passagem e comércio transformaram-se, parte de um grande equívoco das gerações anteriores que deveria ser corrigido. Não era preciso alongar as fronteiras, era mais rentável e produtivo reinventar os espaços internos, reordená-los e reurbanizá-los, reintegrando-os ao resto da cidade, com novos usos.

No caso do centro, a proposta de revitalização, tendo por base o resgate de sua “importância histórica” - articulada pelo discurso da preservação patrimonial como forma de conservar as origens “culturais” do carioca - coloca em questão uma nova forma de gestão pública. Se na Paris de Boudelaire⁹² a cidade era o meio pelo qual as mercadorias poderiam ser expostas, escoadas, negociadas e vendidas, agora ela se torna a própria mercadoria.

Este é um dilema da gestão contemporânea dos patrimônios: se o patrimônio não dispõe de um estatuto “à parte”, se ele se torna uma mercadoria como qualquer outra (os bens culturais), perderá seu poder simbólico. (...) De imediato a perspectiva patrimonial se vê confrontada com uma contradição: por um lado os patrimônios não podem ser tratados como produtos de marketing, mas, por outro, não existe desenvolvimento cultural sem comercialização. Presentemente, as estratégias mais correntes orientam-se na

⁹¹ Neste último refúgio, a Barra da Tijuca, com suas largas avenidas (projetadas para a velocidade dos carros), altos edifícios transformados em condomínios exclusivos, cercados por grades, vigiados 24 horas por guardas armados, transformados em pequenos “bunkers” urbanos a classe média pode voltar a sonhar com a “utopia”, ao reinventar a cidade ideal neste espaço restrito. Apesar dos protestos dos moradores, foi inaugurada, recentemente, uma grande via de acesso ao bairro, chamada Linha Amarela. Este novo caminho diminuía o tempo de locomoção de outras partes da cidade, em especial das áreas mais pobres do subúrbio, facilitando o acesso às praias da Barra e o consumo no comércio local, principalmente o de lazer. O abaixo assinado que percorria o Bairro, coletando assinaturas para impedir a abertura da via, era sustentado por isolados gritos de protesto, mas que expressavam uma opinião generalizada: os pobres iriam invadir o bairro, sujar as praias, “enfear” o bairro.

⁹² Benjamim : 1989

direção de uma combinação que contenha esta contradição: o que é tido como sagrado não impede a circulação de valores materiais. Jeudy: 2006, p. 20.

Sharon Zukin (2004) ao analisar as formas de apropriação da paisagem no capitalismo contemporâneo nos aponta para duas possibilidades que se engendram no capitalismo globalizado e se complementam no ideal patrimonialista: a Disney World – uma paisagem de sonhos, “*cenário de uma fantasia privada compartilhada e um espaço liminar que faz a mediação entre natureza e artifício, mercado e lugar*”. Em outras palavras, uma cidade voltada para a produção de imagens capazes de libertar a vida urbana das amarras temporo- espaciais ao recriar momentos históricos e paisagens distantes. Seu objetivo é desvincular as questões cotidianas (os engarrafamentos do trânsito, vida familiar, trabalho, escola, etc) de seus inconvenientes, transformando a vida em abstração, entretenimento, imagem e sonho. Espaço da técnica, voltado para consumidores cada vez mais exigentes. Espaços para quem pode consumir.

Nestes centros urbanos recentes todos os sonhos podem ser mimetizados. Nele é possível navegar através dos canais de uma Veneza recriada em seus mínimos detalhes, assistir às lutas de um Coliseu Romano revisitado em todo seu esplendor, se deparar com a grandiosidade das pirâmides do Egito, fazer um safari pelas estepes africanas sem correr o risco de ser atacado por animais selvagens, visitar a estátua da Liberdade sem ser necessário ir a Nova York. Paisagens imaginárias voltadas para o consumo visual, onde tudo pode, recriado ao sabor dos desejos dos consumidores. Um mundo de sonhos globalizados, onde as fronteiras forma apagadas ou redefinidas, não sendo necessário ultrapassá-las. Elas estão contidas no território, reinventando cidades nos seus mínimos detalhes, com a comodidade de estar livre dos incômodos e vicissitudes do mundo real⁹³.

Por outro lado, temos uma outra modalidade de paisagem urbana: cidades antigas cujo patrimônio reside na história dos bairros operários, zonas portuárias e industriais abandonadas e, no que tange esta dissertação, podemos ampliar a abrangência desta análise para toda a região central do Rio, da qual a Lapa é parte. Dessa articulação entre “*arcaísmo e beleza, ou autenticidade e design, que por anos permaneceu oculta pelos usos*

⁹³ Podemos citar como exemplo o bairro da Barra da Tijuca. Com suas amplas avenidas planejadas para a velocidade dos carros, seus condomínios/cidadelas e shoppings, o bairro é uma síntese da cidade entretenimento. Nas várias atrações de lazer espalhadas pelo bairro, podemos visitar a estátua da liberdade, exibida na entrada do shopping New York City, andar pelas ruas da cidade baixa americana, no Down Town, ir a um templo da música americana, o Hard Rock Café dentre outras atrações.

da ‘*classe baixa*’” (Idem, p.210) surge um outro tipo de apropriação da história que fascina o sujeito “pós moderno”. A singularidade do lugar, suas tradições, laços de solidariedade e formas de habitar o espaço, transformados em “bem cultural”, necessitam ser preservados para não se perder. Essa forma de apropriação, via mercado, redefine, o termo degradado pelo uso “inadequado” dos pobres, tornando-os lugares nobres, atendendo ao interesse de novos espaços e novidades para o consumo. Este processo consiste em resgatar tudo que for singular, se apropriando dos elementos que lhe são constitutivos, esquadrinhando suas forças e reincorporando-os ao bairro travestido de cultura, “agregando valor” ao espaço.

O lugar enquanto espaço de interação com a cidade, onde se tecem diferentes sensibilidades e políticas, através da mescla daquilo que lhe é próprio, com diferentes estímulos que o perpassam⁹⁴, perde a capacidade de construir novas sensibilidades e sentidos, “*sucumbe no tempo, frente aos altos rendimentos do mercado*” (idem, p211)⁹⁵.

Tradições, vínculos sociais, formas de se relacionar com o espaço, de morar e habitar na cidade, ou seja, os elementos que transformavam os lugares em espaços singulares no contexto urbano ganham status de patrimônio cultural que, para serem preservados, transformam-se em produto de marketing, subjetividades moldadas em roupagens e nomes pomposos: *kitch* (o vulgar transformado em moda) “*cult*”, “*alternativo*”, “*moderno*”; modelos de pensar agir e sentir que colam na pele dos indivíduos consumistas, se misturam, se excluem, reforçam-se mutuamente e diante do primeiro incômodo são descartados por outros mais adequados à satisfação dos desejos. Colecionadores de sensações antes de serem consumidores de produtos.

Pela primeira vez, o status de terra prometida de Manhattan está sendo contestado, rachando a tribo dos modernos. Um êxodo voluntário vem acontecendo em direção ao Brooklyn e hordas de artistas, músicos, estudantes e malucos de todos os tipos se agruparam do outro lado da ponte, criando um centro de agitação cultural, invenção fashion e efervescência noturna. Eles ocuparam as antigas fábricas com galerias de arte, lojas, brechós, restaurantes, teatros e boates, que por sua vez atraíram os criadores mais endinheirados da indústria do entretenimento, num ciclo virtuoso que

⁹⁴ Massey Op. cit

⁹⁵ Um exemplo deste fenômeno de enobrecimento do degradado é o recente “sucesso de vendas” do condomínio “Cores da Lapa”. Após várias décadas sem nenhum investimento habitacional de grande porte na região central, este condomínio, com 638 unidades, após um grande investimento na imagem do bairro da Lapa como centro de lazer cultural, todos os apartamentos foram vendidos em menos de 2 horas. Este fenômeno será mais aprofundado e analisado em outra parte desta dissertação.

acabou criando uma oferta de bens culturais e de consumo extremamente sofisticados.⁹⁶

O processo de construção das paisagens pós-modernas, citado por Zukin (op. cit.), se assemelha na maior parte das cidades históricas ao redor do mundo. Zona periférica do bairro do Brooklyn, a antiga zona industrial da metrópole cosmopolita (Nova York) com seus galpões e antigas estruturas industriais abandonadas, nos oferece uma perspectiva mais ampla sobre as implicações deste processo de consumo cultural pelo processo de revitalização urbana.

Artistas reinventam bairro e corretores faturam: Tradicionalmente um abrigo de incapazes de pagar altos preços para viver em Manhattan, o Brooklyn é agora a meca da indústria imobiliária que no momento tem 130 projetos de construção só em Williamsburg, área que artistas reinventaram e onde corretores faturam aproveitando a nova aura hype⁹⁷. Celestino : 2005

A aura cultural (com suas várias nuances) que envolve as áreas degradadas da cidade podem ser descritas, basicamente, por alguns vieses. O cultural, através da reificação do passado e sua transformação em formatos mais atraentes, possíveis de serem incorporados ao patrimônio. O artístico, que atrai hordas de consumidores atrás das novidades e do fascínio que esta proposta oferece; e por fim os lucros que podem ser aferidos através da valorização do patrimônio, das atrações culturais e toda uma gama de produtos que daí advêm.

Todo esse processo se “traduz” pela “morte das tradições”, trocas simbólicas e relações que se articulam nos lugares. Tudo que lhe é particular torna-se um bem universal, passível de ser recriado ou consumido em qualquer parte do planeta como produto e cenário; novidades solicitadas por consumidores globalizados cada vez mais ávidos por novas sensações.

É neste processo de morte das tradições e da transformação da singularidade do lugar em produtos pré-moldados (tornado visível em roupas, comportamentos, falas e

⁹⁶ “Fama de modernidade dividia por uma ponte : Brooklyn e Manhattan disputam status de maior centro de agitação cultural de Nova York”. Matéria extraída do jornal O Globo, caderno Mundo, de 8 de maio de 2005, (2º edição): “Fama de modernidade dividia por uma ponte : Brooklyn e Manhattan disputam status de maior centro de agitação cultural de Nova York”

⁹⁷ Idem nota anterior.

estabelecimentos comerciais transformados em cenário) que a cidade histórica ganha status de objeto de consumo globalizado.

Nos bares e botequins imundos espalhados pela Lapa, jazia oculta entre os detritos da degradação promovida pelos pobres, a “alma nobre” do bairro. Estes locais transformados, reformados e reformatados ressaltam as belezas e riquezas menosprezadas e subutilizadas pelos pobres bárbaros, “incapazes” de compreender todo o patrimônio cultural que tinham ao alcance de suas mãos.

Nestes espaços purificados os indivíduos poderiam imergir na aura do bairro sem temer a desagregação de sua individualidade. A identidade exuberante e solidamente construída durante toda a vida do indivíduo, numa tarefa infável e solitária, formando uma personalidade resistente às oscilações e contágios pelas multidões urbanas⁹⁸ perdia sua rigidez e amarras, navegando à deriva por entre as formas finitas do sujeito contemporâneo.

O sujeito consumidor do século XXI tornou-se livre, pode consumir identidades e colecionar subjetividades estéreis, descartando-as ao sinal de qualquer incômodo ou saturação. No mundo da velocidade nada se esgota e as tensões urbanas dão lugar ao aturdimento dos corpos e vontades. Nos bares cenográficos os sujeitos podem se travestir de malandros, sem o incômodo da perseguição policial, sentem-se intelectuais, sem nunca terem lido um livro, vivenciam a marginalidade, sem nunca ter sido um marginal. Ao pagar a conta voltarão a ser o que sempre foram: consumidores insaciáveis em busca de mais uma atração.

Se antes estes personagens urbanos eram considerados sinônimos da degradação humana, nesta nova configuração social eles são os protagonistas de uma nova ordem. São os novos ícones da alma nobre que tudo transforma.

Um modo de vida não é fruto de uma adaptação a um espaço já constituído, ele ganha forma ao mesmo tempo em que o espaço propriamente dito. É o “quase nada” que permite tal dinâmica, porque o “acontecimento é a invenção estética da própria vida”. O “evolutivo” é concebido a partir do “quase nada”, como uma multiplicação de acontecimentos da vida cotidiana. A contingência própria da existência cotidiana não é mais um obstáculo à organização da vida, ela se tornou um princípio fundador, impõem-se como uma razão de ser. A arte de viver ao se tornar simplesmente arte, aniquila a distinção entre ator e espectador. O inventor, o criador e aquele que experimenta suas criações constituem o mesmo

⁹⁸ Baumam :1998

indivíduo. Tal idealismo conduz à concepção de um mundo que não vive mais de seu espetáculo, mas que transforma o efeito espetacular em modo de vida, cada detalhe reforçando o prazer coletivo e individual desta maneira de ser. Jeudy: 2006. p. 139.

O espaço nobre contém em seu interior inúmeras possibilidades de vivenciar personalidades pastiche, fruto da “adequação” das singularidades⁹⁹ e das “contingências urbanas” que, ao serem destituídas de suas potências de questionamento, geram existências estéreis e espaços sem vida. Estas formas sem viço transformam a cidade num grande depósito de subjetividades “*pret-a-porter*”, onde as inúmeras artes e fazeres da política são eliminados e as contingências amansadas em nome da estética urbana e do mercado.

Um outro exemplo desta cidade nobre é o processo de fechamento e reabertura do Circo Voador. Se na década de 80, com a mudança para a Lapa, o Circo ganhara uma estrutura mais sólida e ampliada, no início dos anos 90 ele começa a diversificar suas atividade através do ensino de atividades circenses para jovens pobres e meninos de rua, oficinas de grafite, cursos de DJ, além de shows de bandas “não comerciais”, ou seja, que não tocavam nas rádios e programas de televisão. Tais atividades traziam consigo o aumento do número de pessoas que voltam a frequentar as ruas do bairro.

Seguindo na esteira do sucesso da casa de shows, em 1996, o recém eleito prefeito da cidade, Luís Paulo Conde, ex-secretário de urbanismo do prefeito anterior (César Maia), como forma de “prestigiar” o espaço resolve festejar a sua posse num show das bandas de Punk-Rock “Ratos de Porão” e “Garotos Podres”. Durante o show, com manifestações de desaprovação explícitas ao seu mandato, o prefeito acaba atingido por uma lata de cerveja na cabeça. No dia seguinte a casa teve seu alvará de funcionamento cassado sob a alegação de “falta de segurança” e “barulho intenso”, que incomodava os moradores.

Numa breve análise sobre este fato, podemos questionar dois aspectos: desde a fundação a casa de shows fora perseguida, sendo visível o descontentamento com suas atividades através da remoção da praia do Arpoador, planejada de forma a provocar o esvaziamento de suas atividade. Como esta ação não surtiu efeito, pois o circo continuava a existir e aumentar ainda mais as suas atividades, a prefeitura resolve mudar suas estratégias com sucessivas ameaças de fechamento.

⁹⁹ Segundo Jeudy: 145 (op. cit) podemos partir do pressuposto que “*a singularidade renuncia ao falso dilema que obriga ao conhecimento escolher entre o caráter inefável do indivíduo e sua inteligibilidade universal*” Ou seja, uma vez rompido o caráter disruptor das singularidades o que sobra são pedaços artificiais de existência, que serão moldados em outras roupagens, gerando novas estéticas.

Com a proposta de retomada das atividades planejadas no projeto Corredor Cultural da Lapa e a promessa de campanha de manter aberto o Circo, o Prefeito Conde, fortemente identificado com a gestão anterior (da qual era aliado político e se elegera sob a égide da continuidade) fora buscar apoio para a gestão que se iniciava participando de um show.

Apesar de reprovável em alguns aspectos, a manifestação de repúdio ao prefeito sinalizava que o Circo Voador não compactuava com as políticas urbanas que vinham sendo implementadas. Obviamente a alegação de falta de segurança era real, principalmente a políticos que tentavam cooptar o apoio e a simpatia dos frequentadores se aproveitando de um movimento popular.

Por outro lado, a alegação de reclamação de barulho por parte dos moradores é, no mínimo, questionável. No grande vazio que se tornara o Largo e a Rua dos Arcos existem poucas casas próximas à estrutura de metal que justificassem a alegação da prefeitura. Não é difícil deduzir que os motivos eram outros, tendo em vista a realização frequente de shows ao ar livre, pela própria prefeitura, em frente aos Arcos, além do barulho dos bares e da movimentação noturna do bairro, que, curiosamente, não eram motivo de reclamação dos “moradores”.

O bairro que lentamente passava de área degradada a local nobre, transformava a estrutura de ferro que alojava em seu interior crianças e adolescentes, moradores de rua ou pobres que moravam nele e em suas redondezas, participando das atividades ali desenvolvidas, num impedimento ao pleno desenvolvimento da alma enobrecida. As formas assimétricas e shows que misturavam fãs de Punk Rock, com seu visual exótico e música “estranha”, aos adolescentes e jovens sem distinção, (que tinham nos espaço oportunidade de assistir a shows de vários ritmos a preços acessíveis), não combinavam mais com a imagem do bairro que ressurgia. Para que esse novo ideal urbano pudesse se desenvolver sem sobressaltos ou incômodos tornava-se imperativo que este espaço fosse fechado ou forçado a se adequar aos novos parâmetros.

Lugar de jovens, de pobres, de meninos de rua, de movimentos e criação, o Circo mantinha a mesma vitalidade que o transformara em maldito na paisagem do Arpoador. No bairro renascido nobre, sua sina se repetia nas inúmeras polêmicas e embates com o poder público. Sua estrutura enferrujada “desvalorizava” o entorno do largo, impedia a concretização de paisagem de fascínio do ideal estético e da idealização de uma alma carioca. O fechamento que a princípio era temporário se arrastou por vários anos, sendo novamente reaberto no ano de 2004, numa nova estrutura, construída pela prefeitura.

Nos oito anos que se seguiram entre o fechamento e a reabertura, o projeto de “renascimento” do bairro tomara um grande impulso. Com a “redescoberta” da noite do bairro as críticas e manifestações quanto ao fechamento do circo tornaram-se mais escassas e isoladas. Aproveitando o momento propício à reabertura, a prefeitura, como parte do projeto cultural da Lapa, idealizou e construiu um novo espaço para o Circo. A nova lona, ao contrário da estrutura de metal que jaz ao lado, fora projetada para dar maior “conforto” aos frequentadores.

Tudo fora planejado. O isolamento acústico não incomodaria os moradores; os altos muros evitariam que os “penstras”, tão frequentes no antigo Circo, pudessem entrar sem pagar; nos muros vazados, os vagabundos/penstras poderiam ver, com muito esforço, as atrações do novo palco, tudo isso, é claro, se os homens de terno (que vigiam o local e os obstáculos de metal que impedem a chegada), permitissem que qualquer um se aproximasse; o amplo pátio interno permitia que as pessoas pudessem ficar mais “à vontade”, sem precisarem ficar aglomeradas, evitando toques e roçares. Agora elas estavam livres do incômodo de ter que esbarrar em outras pessoas. Também não havia mais a preocupação de ter que optar pelos vários tipos de cerveja, pois a prefeitura pensara em tudo. Não seria mais necessário a angústia de ter que escolher entre várias marcas de cerveja, pois só era permitida a venda de um determinado tipo.

Mas a memória fora preservada. Tudo fora pensado para manter a “aura” da década de 80. Naquele novo espaço que surgia os turistas/frequentadores poderiam desfrutar do espaço e de algumas das antigas características: amplas arquibancadas, dispostas ao redor do palco/picadeiro e o letreiro de lâmpadas da década de 1980. Desfigurado o corpo, preserva-se a “alma”. Tudo isso, é claro tinha um preço que, devido ao alto investimento em infra-estrutura, teria que ser elevado. Pena que os antigos frequentadores não teriam mais acesso ao Circo, renascido como “Espaço TIM”¹⁰⁰. Mas não há problema, eles ainda terão acesso aos shows gratuitos oferecidos pela prefeitura, de tempos em tempos, no grande Largo.

Em novembro de 2005 foi realizado, no bairro, um grande evento musical promovido por uma cervejaria. Na programação, shows de vários ritmos e lugares do Brasil e do Mundo, com atrações espalhadas por vários estabelecimentos. Os shows mais procurados e concorridos, porque não dizer “nobres”, onde se apresentariam os artistas

¹⁰⁰ No início do ano de 2006 uma decisão judicial concluiu que a cessão do espaço para a operadora de celular era ilegal, por se constituir de um espaço construído e administrado pelo poder público.

mais famosos, foram confortavelmente acomodados sob a lona com isolamento acústico para o deleite dos turistas. Para os vagabundos, artistas de menor expressão, que iriam se apresentar “de graça”, no grande palco armado em frente aos arcos.

A poucos passos do Circo Voador uma outra casa de shows foi inaugurada em 1996, a “Fundição Progresso”, outrora Fundação de Ferros, Fogões e Chapas de Metal; a antiga estrutura fora toda reformada se tornando mais um estabelecimento de lazer cultural. Os corpos dos trabalhadores pobres e suados, de outros tempos, davam lugar aos dos jovens em busca de diversão, nos vários palcos espalhados pelo local. Espaço de todos e para todos. O mendigo fedorento, a menina vendedora de balas, os trabalhadores de terno do centro, jovens da zona sul, norte e oeste, todos poderiam conviver naquele espaço, desde que tivessem a senha correta, traduzida em cifrões, é claro. Espaço democrático: para os pobres, trabalho social nas várias oficinas oferecidas; para os que podem consumir: diversão¹⁰¹. A história e memória, duas faces da preservação cultural que transformam a cidade em objeto nobre, era para o consumo dos turistas.

A Lapa é o bairro que melhor traduz a alma carioca, procurado por quem se preocupa em manter viva a identidade cultural da nossa cidade. Aqui imperam a alegria e o lúdico. Perfeito Fontuna, ator e diretor da Fundação Progresso¹⁰².

Se em uma cidade se adicionam as atividades culturais, as intervenções artísticas pontuais, os espetáculos, a organização estética do espaço urbano, termina-se constatando que uma certa sinergia político-cultural passa a ser sustentada por esse ritmo, que é o que dá à cidade boa parte de sua imagem. Há razão para regozijo com este florescimento cultural permanente, mas também é o caso de se afirmar que a singularidade das experimentações propostas, perdendo qualquer possibilidade de ser percebida, pode ser reduzida a uma simples questão de notoriedade. Ou se deve considerar que a exibição cultural basta-se em si mesma, e que, ao se bastar a si mesma forja o que a cidade é? Jeudy : 144 (Op. cit)

Ao analisarmos o processo de retomada e renascimento do bairro através da valorização cultural, não podemos deixar de considerar que esse movimento, apesar das críticas e questões, produziu outras formas de ocupação do espaço do bairro, intensificando

¹⁰¹ Não pretendo me alongar na discussão sobre a importância do trabalho social desenvolvido, tanto neste ou em outros espaços da Lapa, por acreditar que esta discussão não é pertinente ao escopo desta dissertação. Porém, os gigantescos outdoors pendurados na fachada causam certo estranhamento ao anunciar projetos sociais para crianças pobres ao lado de anúncios de shows, que em sua maioria, são proibitivos para esta faixa da população, pelo alto valor dos ingressos.

¹⁰² Citação extraída do folheto promocional de um grande empreendimento imobiliário do bairro.

a criação e o estreitamento de laços com o lugar através das muitas possibilidades de interação e das atrações que o bairro proporciona. O que está em questão é a gestação e afirmação de uma alma urbana carioca como expressão de um passado transformado em bem cultural, da imagem de uma cidade forjada pela égide da cultura que se retroalimenta continuamente de seu passado, bastando a si mesma, reduzindo a singularidade a momentos de pura letargia.

Essa é a Lapa que os processos de revitalização, através da estética e da manutenção cultural/predial, querem resgatar. Uma cidade de imagens estáticas, incapaz de produzir provocações, onde os sentidos são limitados à porção de um urbano visível e previsível. Neste espaço sem sobressaltos ou insurgências, a alma carioca da “Saudade do Rio” poderia florescer sem sustos, mantendo intacta a história das origens de uma metrópole cada vez mais ágil, num mundo de imagens instantâneas.

Mas o mesmo espaço que acomoda estas propostas também subverte a tirania das origens e da previsibilidade, sabotando suas engrenagens, emperrando a produção de espaços sem vida, pois inventa lugares onde a cidade se torna inelegível ao processo de estetização. Longe dos bares cinematográficos e dos espaços assépticos, é na tensão das ruas que o bairro reinventa a polís, resgatando da letargia a convivência social.

A persistência dos corpos em ocupar o espaço público inunda as noites do bairro numa mistura de corpos vindos de todas as partes da cidade. Pessoas que ocupam as escadarias sob os arcos, que transitam por entre os carros, ocupam as ruas e calçadas, num vaivém frenético que se repete a cada noite. O bairro que surge dos encontrões e pisadelas, recusa as boas intenções do capitalismo e a preocupação em preservar a história e a cultura urbana. O passado que eles narram é outro, de um Rio onde a convivência não se restringia aos encontros programados e ao confinamento do lar.

A invasão das ruas subverte o destino de uma capital que vive sob a égide da “Guerra do Rio”¹⁰³. Em recente pesquisa o Instituto Brasileiro de Pesquisa Social afirma que entre os cariocas aumentou a percepção da violência urbana tendo como reflexo a mudança de hábitos, com destaque ao item “sair menos de casa”, 16% e “deixar de sair de casa à noite”, 34%. Como consequência da percepção da violência, assistimos ao retraimento da Polís (enquanto espaço de relações e sociabilidades) em direção ao espaço

¹⁰³ Jornal O Globo, de 16 de abril de 2006. Caderno Rio, p 19. “Criminalidade provocou mudança de hábitos em 63% dos entrevistados”.

intimista do lar, dos espaços exclusivos dos condomínios e a convivência nos espaços fechados¹⁰⁴.

Diante deste quadro, onde o espaço público da negociação pela via política dá lugar à imposição da ordem pela violência policial, a persistência em ocupar o espaço das ruas do bairro inventa uma cidade dinâmica capaz de tecer focos de rebelião e sabotagem no Rio atual. É no espaço público que turistas e vagabundos perdem suas distinções em misturas improváveis, inventando cotidianos a partir dos encontros casuais e da recusa aos ideais da “morte das ruas”.

Se por um lado o renascimento da vida noturna do bairro tinha por objetivo a criação de um espaço de lazer cultural voltado para o consumo, por outro ele também produz espaços onde a “civilidade” é recriada a partir de encontros inusitados onde os estranhos perdem sua aura ameaçadora, provocando estranhas sensações aos corpos aturdidos do contemporâneo.

As cidades são um perigo, por lá as relações pululam incessantemente, incoerentemente e inesperadamente. Ali é o lugar do verdadeiro acontecimento, capaz de chacoalhar a modorra cotidiana. De repente, a rua transtornada, a vida alterada, o destino incerto. Em cada esquina uma surpresa: o abraço que assassina ou a mão que afaga. Pechmam: 2006 P.16

Durante este primeiro capítulo buscamos responder algumas perguntas: Do que é feita a alma da Lapa? Seria esta a alma do urbanista, de seus discursos repletos de nostalgia e estética, uma alma voltada para mercado? Seria o passado resgatado pelos rememorialistas e patrimonialistas a alma da cultura e das fachadas preservadas, do degradado transformado em nobre? Seria esta alma o espelho que reflete a “essência” do carioca: uma cidade do vício e da malandragem? Ao longo deste texto discutimos algumas destas assombrações urbanas na tentativa de abrir caminho para outras cidades.

Mas para que isso seja possível é necessário que deixemos claras as suas intenções. Neste sentido podemos afirmar que se por um lado elas diferem quanto à gênese das almas urbanas, por outro elas apontam para um mesmo objetivo: a unicidade de sentidos e a ausência de provocações, o fim da sociabilidade e das inúmeras artes e fazeres políticos da urbe.

¹⁰⁴ Não podemos deixar de considerar também a influência do tráfico de drogas nos morros e “comunidades”, onde a opressão armada do tráfico de drogas e os confrontos com a polícia tornam a convivência no espaço público um perigo real à vida dos moradores destas localidades.

Ao contrário destas aparições etéreas e sem forma, podemos, provisoriamente, apontar para as tensões da alma multiforme das ruas do bairro quanto à produção de almas dinâmicas e rebeldes. Almas que misturam fragmentos e detalhes em combinações improváveis, gerando espaços onde o “amor do público” pode ser traduzido por amor ao (espaço) público. Espaço que abriga passados negados e futuros esquecidos, memórias e estéticas consumistas, degradação e glamour. É por estes dilemas e impasses que a cidade recusa “a saudade do Rio” e onde a convivência no espaço público tornar-se a moradia de almas dinâmicas e inquietas.

Buscamos dar corpo e forma às pretensões totalitárias desta alma “carioca” do bairro que os projetos de urbanização visam recriar. Ao perder sua fanstasmagoria e ganhar matéria, essa alma deixa de ser assustadora, podendo ser combatida e questionada pela fúria das memórias urbanas, capazes de romper com o imobilismo e a sina das almas humanas, reinventando sensibilidades e políticas a partir da potência dos encontros e da sociabilidade nos espaços públicos da capital fluminense.

CAPITULO II: A Cidade de Fragmentos – Nas Tramas De Uma Cidade Cambiante

No primeiro capítulo desta dissertação buscamos traçar os contornos desta alma “carioca” nostálgica que se insinua no bairro da Lapa de “renascimento”.

Nesta trajetória encontramos no cotidiano do bairro uma multiplicidade de partículas urbanas perdidas à espera de coautorias. Estes fragmentos desprezados pela pressa do capitalismo globalizado encontram-se perdidos entre os entalhes das fachadas, nas brechas das janelas, pelas sarjetas e esquinas, enfim, por todo lugar. Fragmentos que denunciam pequenas sutilezas, detalhes banais que passam despercebidos em tabuletas e anúncio; detalhes insignificantes de uma metrópole que, regatados, tecem tramas humanas/urbanas a partir de pequenas minúcias e ardis urbanos.

Mas a cidade não conta sua própria história¹⁰⁵, ela a contém, mantendo-a intacta à espera de olhares atentos e de narradores que se deixem levar pela infinidade de estímulos que ela proporciona. É destas pequenas e improváveis misturas que, pretensiosamente, construiremos outras cidades. Cidades feitas de letras, de texturas ásperas, de sensações e incômodos capazes de perturbar os sentidos.

É nesse contexto que os textos a seguir estão estruturados. Eles narram algumas trajetórias realizadas ao longo desta dissertação. A descontinuidade do texto é intencional, pois a cada andança por ruas, becos e vielas um novo bairro surgia, de tal forma que a estrutura adotada na escrita nada difere do caminhar. Em outras palavras, a escrita narra o caminhar por ruas infinitas de sentido, que narram um espaço público dinâmico, onde jamais consegui passar pelo mesmo lugar duas vezes.

Ao entrar em uma rua, ao contornar uma esquina, ao andar pelas mesmas calçadas que tantas vezes havia caminhado, a familiaridade com o local se perdia ante a imprevisibilidade dos passos, tornando cada pisadela o descobrimento de paisagens nunca antes vistas, apesar de tê-las visto tantas vezes. É no constante perder-se para poder encontra-se em outras cidades que os textos a seguir serão narrados.

¹⁰⁵ Como nos apontam Calvino (1990) e as obras de Walter Benjamin.

O REBOCO, O VARAL E O RESTAURANTE JAPONÊS

“Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço.”
A rua, João do Rio.

Existem na Rua Joaquim Silva duas antigas casas construídas no final do século XIX. Nesta antiga rua, de cabarés caros, do início do séc. XX, onde habitavam as prostitutas mais caras do bairro, a realidade é a mesma de outras ruas do bairro: terrenos baldios, cercados por altos muros, prédios em ruínas, outros cujo interior há muito desaparecera, fachadas preservadas que se equilibram precariamente e contrastam com os prédios de apartamentos mais “recentes”, casas modificadas para atividades comerciais e outras que ainda são utilizadas como moradia.

Próximo à escadaria que avança em direção a Santa Teresa mora uma velha senhora de cabelos brancos e idade avançada. Ao partir da Rua da Lapa em direção ao Largo me deparei com a velha senhora debruçada sobre o peitoril da janela aberta.

Como na maior parte das casas do fim do século XIX, a janela elevada em relação à calçada abre-se para a rua que se mistura à casa, estendendo-a aos limites infinitos da cidade, convidando a urbe a entrar num simples abrir e fechar da janela.

Na ampla sala um longo varal se estende de ponta a ponta do recinto. Penduradas na corda calcinhas, roupas coloridas de tecido barato e toalhas poídas pelo tempo de uso. Numa das paredes uma imagem de São Jorge Guerreiro, na sua eterna luta contra o dragão, zelando pela moradora, que em sua homenagem mantém acesa uma vela aos pés da pequena imagem.

A pintura desgastada das paredes denuncia a falta de conservação da antiga residência, bem como a queda de um pequeno pedaço de reboco que se descolara da parede e a ausência do revestimento num dos cantos. Os tijolos, de barro vermelho, misturados ao cinza da argamassa, acrescentam um tom de degradação e miséria à cena. Ao contrário das paredes envernizadas e brilhantes que brotam por todos os lados, a história do reboco caído

é cinza. Um tom de cinza indefinível que surge da mistura de restos de argamassa e poeira da rua, das reminiscências do passado, do suor e das melopeias dos antigos obreiros.

Debruçada sobre a janela, a velha senhora observa a rua. São oito horas da noite e os frequentadores noturnos do bairro começam a chegar, misturando-se aos moradores de passos apressados, ansiosos para chegar em casa após o dia de trabalho. O rosto cheio de rugas da velha mistura-se à paisagem, confunde-se com os objetos da pequena sala, mescla-se ao tecido urbano, faz da ruga rua, dando outros contornos ao território urbano.

Benjamim colocou-se no paralelo entre a fisionomia e a cidade; tão caro aos retratistas do século XIX de Boudelaire, ele aprendeu a ver a cidade como um corpo humano e a usar a técnica de sobreposição que faz com que a percepção da cidade e do próprio corpo se confundam. Tentativa de flagrar esse momento em que o sujeito se intera da fisionomia da cidade e ao mesmo tempo de si mesmo. Seu rosto, então, assemelha-se mimeticamente à cidade que ele habita. Essas fisionomias urbanas revelam tanto a silhueta da cidade quanto o perfil dos moradores. Brissac : 1996, p 50

O olhar perdido da velha senhora não denuncia nem alegria nem tristeza. Seus olhos passeiam no vaivém das ruas cada vez mais movimentadas da metrópole. Sua atenção é desviada das pessoas em trânsito que vagam atendo-se ao casal “bem vestido” que acabara de sair da casa ao lado.

Apesar da aparentemente terem sido construídas na mesma época, a imagem da casa ao lado se sobrepõe ao aparente abandono e degradação da residência da velha senhora. A antiga porta de madeira da entrada dera lugar à outra, de vidro transparente, que mesmo fechada, denuncia a decoração do interior. Pelas paredes o reboco fora retirado, deixando a parede de tijolos à mostra. A soma de cada bloco assentado de forma irregular dá forma a uma parede de diferentes texturas.

As paredes de tijolos maciços de barro vermelho, brilhantes pelo tratamento dado pelos restauradores e decoradores estão espalhadas por toda parte. Completando a cena quadros milimetricamente espalhados pelo local com imagens do Rio antigo. Estampado, na porta de entrada, um logotipo com letras estranhas. A antiga casa, na sua totalidade, virou restaurante japonês.

A intimidade da casa/restaurante tornada pública em nada difere de outros estabelecimentos comerciais do bairro. Seus adornos do passado atestam que a notoriedade do fato histórico tornara-se unânime.

Para que um local seja considerado “digno” do passado do bairro ele deve ostentar a história. Um estabelecimento comercial para fazer sucesso no “distrito cultural”¹⁰⁶ precisa enaltecer o passado, dar trato às memórias e lembranças do local ou como nos conta Jeudy (op.cit p. 22):

As memórias são “colocadas em exposição” para que o reconhecimento de sua singularidade seja assegurado. O testemunho tem que ser exemplar. A ideia de “reviver o passado”, de lhe restituir vida, é confirmada por um bom número de antropólogos, de conservadores e mesmo de políticos eleitos que creem no real poder social e cultural da atualização. A gestão contemporânea dos patrimônios só tem essa finalidade se estiver referida a uma vontade supostamente coletiva de reatualização permanente do passado. Inserido em uma atmosfera de resistência comum ao esquecimento, esse trabalho de rememoração impõem-se como dever cívico e como uma fonte moderna de satisfação das massas.

Não basta a cidade narrar seus passados em cada fragmento que a constitui. Para ser importante a história tem que ser “revivida” e ressaltada. Ela tem que ganhar notoriedade para ser importante e assim calar outras vozes e ecos da cidade. Na maioria dos estabelecimentos cenográficos do bairro não se consome petiscos e bebidas, mas memórias mofadas de um passado esgotado, tornadas brilhantes pela estética contemporânea.

Esta história cadavérica não produz desassossegos nem permite fabulações. Todo sentido está dado a priori. Tudo se encontra ao alcance das mãos e do olhar.

Enquanto nas construções de João do Rio (citada na epígrafe) o suor e as tristezas, cantorias dos construtores, se misturavam à argamassa, no presente os operários eram silenciosos; eles possuíam o frescor dos escritórios de arquitetura e restauração. Em suas mãos ferramentas bem mais delicadas que martelos, cinzéis, pás e picaretas do final do século XIX.

Armados de luvas e máscaras, estes novos obreiros têm como missão resgatar das paredes dos prédios o passado escondido. A história liberta das amarras do tempo e da degradação é rasgada das antigas paredes e colocada em exposição permanente. Livre da capa de cimento e cal do reboco que a cobria, a história contada nas imperfeições das paredes poderia ser exposta à visitação do público.

¹⁰⁶ Através de decreto a prefeitura criou o Distrito Cultural da Lapa, no ano de 2005

Cada prego enferrujado uma história. Cada história um adorno. Cada adorno um detalhe na decoração, um elemento a mais a compor o cenário de tijolos envernizados e argamassa de óleo de baleia¹⁰⁷. Pedacos de metal inúteis que ganham função estética quando resgatados de sua invisibilidade.

A regra é clara: para que o passado não seja abolido é preciso que tudo que se vive seja atualizado. As diferenças entre o passado, o presente e o futuro são aniquiladas graças ao simulacro dessa atualização. O passado e o futuro parecem se conjugar no presente, ao passo que o próprio presente se torna o tempo de reprodução antecipada do passado. Jeudy : 2005, p. 17.

A história rasgada das paredes repete-se na maioria das construções reformadas da Lapa. Bares, restaurantes, casas de shows e lanchonetes têm em comum os mesmos tijolos em exposição. Se num primeiro encontro esta imagem nos proporciona momentos de fabulação, a repetição incessante leva à monotonia. Não há nenhuma surpresa ou espanto, nenhuma provocação. Tudo que se precisa saber está exposto. As imperfeições do assentamento de tijolos perdem seu encanto, transformam-se em meras paisagens museu onde a história suja e degradada é resgatada e idolatrada para que ninguém mais se esqueça¹⁰⁸.

O odor de suor dos trabalhadores ao erguer a cantaria dos batentes e o dos antigos pedreiros e ajudantes ao erguer mais uma parede são substituídos por fragrâncias previamente medidas e controladas. A repetição incessante das irregularidades dos tijolos transforma-os em substâncias tão lisas quanto as paredes de mármore e vidro negro dos prédios modernos que surgem pelo centro da cidade.

As portas de vidro dos estabelecimentos ao invés de romperem com a intimidade do lar burguês tornam-se vitrines onde estão expostos os corpos dos consumidores vitoriosos. Tudo no lugar das paredes sem vida incita a uma economia de gestos onde a alteridade dá lugar ao convívio de iguais.

Pode a história dos antigos tijolos irregulares produzir provocações capazes de romperem com o fetichismo do consumo de memórias? Podem as marcas impressas nas

¹⁰⁷ O cimento só começara a ser utilizado nas construções a partir das primeiras décadas do século XX. Até o final do século XIX era utilizado como argamassa um composto de areia e óleo de baleia para assentar os tijolos e rebocos

¹⁰⁸ *Este formalismo de transmissão acentuou-se a tal ponto de tornar puramente maquinal o ato de transmitir, concedendo um valor simbólico enumerável, que pode ser gerado a indefinidamente reproduzível. Não há mais segredo. A transparência do que é transmissível anula a possibilidade de imaginar o que poderia até ser ocultado da memória.* Jeudy : 17 (op. cit.)

cantarias que perfazem o arco de entrada e das janelas, falar das mãos negras, gangrenadas e inchadas dos trabalhadores das pedreiras? Poderiam elas falar do suor e da velhice roubada pelo pó de pedra que adentra os pulmões?¹⁰⁹.

Na sala-varal da velha senhora, o pequeno pedaço de parede nos convida a construir outra Lapa. Nela não há previsibilidade e as rugosidades da parede sem reboco incomodam. A história que o pequeno fragmento de parede conta não se repete. Ela só é visível através das frestas de uma janela aberta para a rua. O tom cinza dos tijolos, misturados ao resto de argamassa, narra memórias de abandono e miséria; fala sobre um bairro onde a tensão dos vários momentos do passado torna-se mais pujante. Passados sujos que não passaram pelas mãos higienizadoras da estética.

Para os consumidores de memória do eterno presente, estes passados esgotam-se rapidamente. Eles não têm glamour, não são brilhantes nem serão imortalizados. Sua presença é um borrão na imagem do recém criado Distrito Cultural. Diante do passado brilhante este pequeno fragmento sujo provoca repulsa e nojo. O passado degradado não merece ser contado, deve ser esquecido (e assim será). Em breve o cinza da parede desaparecerá. O passado degradado será purificado dos maus tratos da velha senhora, dando lugar a mais um templo da memória, gerando “paredes lisas” onde nada se fixa¹¹⁰.

Na Lapa do renascimento cultural não há espaço para a cidade da velha debruçada na janela, ela é apenas um resíduo sem importância. Ao abrir as janelas no fim de tarde, deixando o cheiro de roupa lavada invadir a rua, a velha engastalha as engrenagens que movem a revitalização do bairro e seu processo de transformação das antigas solidariedades em mercadorias. As histórias contidas nas pequenas partículas de sua casa, o cotidiano narrado através do olhar perdido a vagar pela rua permitem descrever a velha senhora como um “tesouro vivo”, ou seja, “aquele(a) cuja totalidade do corpo nunca deixa de se representar como tópico de transmissão de um *savoir-faire*; um corpo maquinal”(Jeudy : 17. Op. cit.). Uma vida transformada em poesia, capaz de romper com o determinismo de um passado sem vida, sabotando a construção de passados gloriosos através da experiência das tradições de um bairro, cuja história fora transformada em vitrine.

¹⁰⁹ Numa de suas narrativas o escritor João do Rio comenta o cotidiano dos trabalhadores das pedreiras da ilha da Conceição, em Niterói. A descrição das mãos negras e gangrenadas e do pó de pedra inalado que se acumula nos pulmões causando a morte, estão contidas no Livro “A Alma Encantadora das Ruas”.

¹¹⁰ Na última visita ao bairro, antes do término desta dissertação, pude constatar que a hipótese levantada se concretizara. As obras na casa apontam para a transformação da casa em mais um estabelecimento cenográfico.

CORES DA LAPA OPERÁRIA

O processo de construção de uma paisagem pós-moderna depende de uma fragmentação econômica de antigas solidariedades urbanas e de uma reintegração que está fortemente alterada pelos novos modos de apropriação cultural. A genialidade dos investidores imobiliários, nesse contexto, consiste em converter as narrativas da cidade moderna em um nexo fictício, uma imagem que é um grande embrulho daquilo que a população pode comprar, um sonho de consumo visual Zukin: 1996, p 205.

Em agosto de 2005 os jornais noticiavam o sucesso do primeiro grande investimento habitacional no centro da cidade, depois de muitos anos. Um grande condomínio, o “Cores da Lapa” seria construído no local onde antes se encontravam abandonadas as instalações de uma antiga cervejaria.

Ao invés do prédio fabril com sua alta chaminé, conjunto de prédios divididos em blocos; blocos em 688 apartamentos, apartamentos em plantas, de dois e três quartos. Por entre os conjuntos de prédios surgem, ao menos virtualmente¹¹¹, alamedas e praças para poder caminhar sem ser incomodado e sem os riscos da violência da cidade; comemorar alguma data também é fácil, basta ir ao amplo salão de festas local ou até às churrasqueiras espalhadas; manter a saúde e o corpo em forma também é fácil: facilidades de um clube com SPA - piscinas abertas para o tempo quente e cobertas para os dias de chuva, salas de balé, fitness, quadra de esporte e muros para escalada; divertir-se também não é problema, basta se encaminhar ao espaço gourmet, ao cybercafé, aos cinemas, ao atelier e à pista de boliche.

A cidade migrara. A fronteira do bairro da Lapa não é mais a Cinelândia ou Santa Teresa. Seus limites encolheram; as divisas entre um lugar e outro não são mais os marcos geográficos da definição geográfica clássica, muito menos as aquisições feitas pelos lugares, que incluíam e repeliam limites através dos usos e tradições. As divisas agora são outras, elas são definidas pelas grades dos prédios que se abrem e se fecham

¹¹¹ Até a conclusão desta dissertação ainda não se havia iniciado as obras de construção. No local existem apenas as placas anunciando o empreendimento, onde estão pintadas várias cenas e fotos de um rio idealizado boêmio, como por exemplo, a imagem de homens negros e mulatos num bar, tocando pandeiro, bebendo cerveja, cercados por negras de bunda grande e lábios carnudos, sambando ao redor. A descrição que segue foi retirada do site da construtora.

apressadamente para que os estrangeiros, vindos do caos e da balbúrdia do mundo exterior, não entrem. O bairro da Lapa tem os seus “encantos”, mas o contato deve ser em doses controladas. O bairro ganhava novas “cores”, tonalidades higienizadas que pintam os contornos das ruas, alamedas e blocos de apartamentos do condomínio. O “condomínio mais charmoso do rio, no mais carioca dos bairros”¹¹² fora totalmente vendido em menos de duas horas.

Mas o grande sucesso das vendas não foi por acaso. Espalhados por todos os estabelecimentos comerciais os folhetos confeccionados pela construtora não anunciavam o empreendimento imobiliário: eles falavam das maravilhas do bairro boêmio, valorizavam a sua alma, o “espírito carioca”, escrevendo pequenas histórias sobre o bairro, distribuindo mapas com as principais atrações do bairro.

Largado numa sarjeta da Rua Mem de Sá, um destes pequenos cadernos me chama a atenção. Impresso na capa, uma frase que dizia “EU SOU DA LAPA¹¹³ - Guia da Lapa: mais de 70 atrações”¹¹⁴. Apesar de querer me perder, a Lapa me achara, sua sarjeta paria um guia para que eu não me perdesse por suas ruas. Mas o que significa ser “da Lapa”?

Do outro lado da Rua do Riachuelo um aposentado debruça sobre o beiral de um frágil sobrado, com suas janelas de tinta descascada que se equilibram sobre a rua, olhando para o terreno vazio onde outrora se erguia imponente o prédio que por tantos anos fora a extensão de sua casa. As mãos calejadas ainda lembram dos dias entre os tonéis de alumínio que armazenavam a bebida amarela de que tanto é fã.

Do alto de sua janela ele vigiara por anos o melancólico prédio. Por anos alimentou a esperança de não ter mais que pegar o trem lotado em direção à baixada. As décadas de abandono deixaram marcas no antigo prédio e não menos implacáveis foram os anos que maltrataram o seu corpo esquelético, corpo de velho que se arrasta lentamente pelo terreno vazio onde será construído o condomínio.

Nos últimos meses tivera a sua esperança renovada: novamente havia movimento dentro do antigo prédio. Operários trabalhavam freneticamente, misturados ao pó das

¹¹² Slogan extraído do site da construtora na página de promoção do condomínio, no dia seis de setembro de 2005

¹¹³ Este movimento artificial fora criado apenas para sustentar a estratégia de marketing, visando a venda dos apartamentos. No site as informações deixam claro que este suposto movimento (numa apropriação explícita do conceito de organizações populares articuladas em torno de um objetivo comum, ou seja, sua intenção era dar um caráter popular e espontâneo ao slogan promocional), visava construir a imagem de um determinado “tipo de Lapa”, atrelando à imagem de artistas populares (como o caso do músico que há anos toca saxofone na entrada do metrô da carioca) e até mesmo às torcidas organizadas pela vida do bairro.

¹¹⁴ Mais informações sobre este “movimento”, criado pela construtora, podem ser acessadas através do site www.eusoudalapa.com.br.

paredes demolidas, para abrir espaço nas novas instalações. Em breve poderia largar o emprego de porteiro na Barra da Tijuca e os bicos de pedreiro na baixada, que complementam a pequena aposentadoria, e voltar a trabalhar na fábrica. Segundo “Seu” Antônio, ele só tivera uma profissão na vida: operário. O resto era bico. Com o passar dos dias mais paredes foram ruindo e o som das britadeiras outrora recebido com alegria, agora se tornava amedrontador. Aos poucos o prédio fora caindo, assim como as esperanças de voltar a ser operário. O valente prédio ainda resistia em alguns pontos, teimando em permanecer de pé, mas a velha estrutura, castigada pelo tempo, não conseguiu resistir. Tombara. A antiga fábrica virou entulho e poeira.

Depois de várias décadas de espera, as sirenes que anunciavam a troca de turno, foram caladas para sempre. O espaço que por tanto tempo fora familiar deixara de existir, restara apenas suas lembranças, um terreno vazio e o pó da demolição que entrava pelas frestas de suas janelas.

Sua caminhada pelo espaço vazio é repleta de lembranças que mesclam corpos e memórias à cidade e introduzem texturas estranhas ao bairro histórico, feito nobre. As mãos enrugadas do pedreiro aposentado da baixada, em lentos e mágicos movimentos, erguem paredes no vazio; nas chaminés por ele edificadas brotam a negra fuligem das caldeiras alimentadas pelo suor de trabalhadores pobres e narram um cotidiano esquecido pelo guia do bairro boêmio.

Seus passos arrastados deparam-se com o anúncio gigante do condomínio. Lembre-se da rotina da guarita do prédio onde trabalha, de onde assiste, invisível, a vida passar tão rápido nas autopistas que cruzam o bairro da Barra da Tijuca. O ritmado apertar de botões que abre e fecha portas de metal muito se assemelham às fotografias penduradas nas paredes dos novos estabelecimentos que surgem no bairro onde mora. Nelas não há vida, suor, sirenes ou fuligem. As imagens congeladas pelo tempo não falam de corpos exaustos dos trabalhadores ao final do expediente, nem da negra fumaça que preenchia os cômodos do pequeno sobrado.

Os moradores do condomínio não se importam se escondido numa pequena guarita existe um homem. Para eles só existe o abrir e fechar das portas de metal. A presença de Seu Antonio é apenas um detalhe somente lembrado quando as portas emperram ou não abrem na hora certa. Nos cartões postais pendurados nas paredes, as formas corpóreas dos trabalhadores da fábrica de cerveja se insinuam na invisibilidade, aparecem como penhascos indesejáveis por entre as recordações do passado.

No guia da Lapa não havia nenhuma informação sobre a antiga fábrica. Existia uma outra no bairro, a Fundação Progresso, mas essa já havia se transformado em casa de shows. No pequeno texto ilustrativo presente no guia, a citação de um antigo samba “A Lapa está voltando a ser Lapa” e conclui, “alguém dúvida?”. As informações do livreto apontavam para os vários bares cenográficos, para restaurantes, escolas e monumentos... Nenhuma informação sobre o passado operário do lugar.

Um dos poucos que ainda se lembram desta outra cidade, Seu Antônio da Conceição pensa em se mudar. Durante os últimos anos assistira de sua janela ao bairro voltar a ser frequentado. Durante os últimos vinte anos ele chega do trabalho de porteiro da Barra e sentado à mesa do pequeno boteco, assiste à Lapa mudar. Mas ele não tinha mais com quem comentar as mudanças, pois os antigos frequentadores do pequeno estabelecimento não são mais os mesmo. Muitos dos amigos de copo, da cervejinha do fim do dia, foram embora.

A mudança trouxera prosperidade. Os imóveis se valorizaram e muitos venderam suas casas, foram expulsos pelos donos que passaram a reivindicar os imóveis para outros usos ou pelo aumento do preço do aluguel. Migraram para lugares mais tranquilos, longe da confusão de pessoas e carros que passaram a fazer parte do bairro.

O progresso chegara apagando os rastros de uma cidade que se tornara desnecessária. Ninguém mais queria saber que o bairro boêmio também era dos trabalhadores pobres da cervejaria, que passavam os dias cobertos de fuligem dos fornos.

Estranhamente o folheto não falava do que se tratava a propaganda. Se o objetivo era promover um lançamento imobiliário, então porque ele não descrevia as vantagens que o comprador iria adquirir? Na última página uma pista “Algo diferente está acontecendo na Lapa”.

Estamos de acordo em pensar que de agora em diante a singularidade está sendo produzida pelas mídias, pelos críticos de arte, pelos próprios artistas, que ela se trabalha, se concebe, se promulga... Ela nada tem de acidental, de imprevisível, ela é, como em uma campanha publicitária, o resultado que confirma uma notoriedade adquirida graças à estratégia de comunicação bem conduzida. Contudo, fica claro que, diante da uniformidade dos produtos culturais, a necessidade de distinção faz parte da gestão cultural. Jeudy, op.cit, p 144

Ao analisarmos atentamente o folheto e as indicações do sociólogo francês, fica claro que o produto que se deseja vender não era apartamento, ele é apenas um bem secundário. O que estava sendo vendido era a imagem do “mais carioca dos bairros”, ou seja, a “diferença” que estava “acontecendo”, não dizia respeito às lembranças da rotina operária nem da vila de casa dos funcionários da fábrica, a diferença era a própria memória do bairro transformada em bem cultural, objeto de propaganda que exaltava a “singularidade” do bairro.

Para uma boa gestão do patrimônio cultural tornava-se necessário exaltar o passado e as lembranças que poderiam ser traduzidas em capital, seja pela venda de apartamentos, seja pelo aumento de frequentadores nos estabelecimentos. Logo, o que estava sendo anunciado no pequeno folheto do guia era o próprio bairro, o que se tentava vender era a imagem de um lugar onde uma determinada concepção de passado se transformava em bem cultural, um espaço singular, onde o conceito de “singularidade” enquanto imprevisibilidade e radicalização da alteridade cedia lugar a um outro onde as diferenças foram amansadas. Singularidade definida por comparação e oposição a valores cristalizados.

Neste processo os passados que não coadunam com o ideal de cidade histórica devem ser apagados, destruídos, para que em seu lugar possam surgir os templos da memória, onde o passado sem máculas pode ser incensado e consumido sem questionamentos ou contradições.

Sentado à mesa do boteco, seu Antônio conta e reconta as mesmas histórias do passado fabril. Fala dos dias de trabalho nos tonéis de alumínio, lembra dos detalhes do prédio, recria a vila operária, ergue a fábrica com as memórias que narra, mesmo que não tenha mais operários a trabalhar nela. Sem o prédio, seu trabalho fica um pouco difícil, mas isso é o que menos importa. O que preocupa o aposentado/porteiro/pedreiro de fim de semana, da baixada fluminense, é que pode chegar o dia em que não tenha mais a quem contar. Neste dia as paredes da fábrica ruirão para sempre, sem deixar rastros da vida operária do bairro boêmio.

AO AMOR DO (ESPAÇO) PÚBLICO – CARTOGRAFIAS E MAPAS URBANOS

Nas ruas da pequena vila do interior do Estado do Rio de Janeiro a vida transcorre sem surpresas. Há anos o cotidiano da pequena aglomeração urbana repete-se monótona e ritmadamente, do nascer ao por do sol. Tudo é familiar e nada escapa aos olhares atentos das carpideiras debruçadas sobre os beirais da janela à espera de alguma novidade que rompa com a mesmice e a lentidão do cotidiano repetido indefinidamente.

O mundo que entra pela pequena janela aberta para o mundo, chamada televisão, traz notícias da Capital. Imagens de mundo estranho e distante que adentram casas e constrói cidades, ora idealizadas, voltadas para a zona sul, ora violentas, com imagens das favelas e subúrbio, ora proibida, misteriosa e paradoxalmente festiva – Lapa.

Nas falas dos viajantes que ousaram se aventurar e ultrapassar as fronteiras que protegem a pequena vila, uma cidade de mistérios é tecida a partir de relatos que descrevem fatos, histórias, contos e fábulas. Fala tensa, marcada por encontros e desencontros, medos e inseguranças que marcam os passos dos pequenos narradores.

Dessas narrativas ficaram as imagens de um local completamente estranho à província: lugar maldito, limite entre a civilização e a barbárie. Lugar misterioso, que na tradição da vila de tempo lento, era descrito através de lacônicas prosas - Lapa.

Os caminhos que saem da vila levam os viajantes por muitos lugares. Um desses leva a uma cidade vizinha à Capital, Niterói. Que fica do outro lado da Baía de Guanabara, a uma distância de apenas alguns minutos do bairro, basta pegar um dos barcos que ligam uma margem a outra. Daí é só descer do grande barco, atravessar a Praça XV de Novembro, seguir pela Rua Sete de Setembro até a Avenida Rio Branco, caminhar até a Cinelândia, contornar o Teatro Municipal, seguir pela Rua Evaristo da Veiga, Largo da Lapa.

Assim estava escrito no mapa da cidade. Basta seguir as trilhas dos nomes nas tabuletas localizadas nas esquinas das ruas. Escritas em algum lugar fora do mapa, notas com conselhos e impressões da Cidade questionavam a precisão do labirinto de nomes e traçados de ruas, deixando no ar a sensação de que a descrição do território não correspondia à cidade.

Conselhos de viagem que diziam: tome cuidado ao transitar pela Praça XV. Ande rápido e sempre atento até a Avenida Rio Branco. Lá chegando fique ainda mais alerta. Se

durante o dia as ruas do centro são dos executivos e transeuntes à noite ela é deserta, “território de ninguém”, onde os perigos correm soltos e despreocupadamente.

Se alguém vier em sua direção e for “suspeito” fique de olho. Às menores minúcias, aos pequenos traquejos, à ansiedade... Tudo pode denunciar um possível perigo. Atravesse a rua, veja se é seguido. Vigie os passos de quem suspeita. Veja se ele atravessa junto. Atravesse de novo. Se ele fizer o mesmo, corra ou mantenha uma boa distância. Procure algum lugar movimentado. Pare. Espere-o passar. Siga adiante.

Na frieza do mapa urbano não havia avisos ou precauções. Suas linhas retas e ângulos que descreviam ruas e praças cheias de nomes não correspondiam à cidade real pela qual se transita. Escrito fora de suas linhas, estavam os atalhos e experiências que narravam formas de viver e transitar pela cidade.

Um deles conta sobre o risco dos extremos: os policiais corruptos e os assaltantes. Em caso de dúvida ou “aperto” manter a tensão entre os extremos: diante de um possível assaltante fique perto da polícia. Se achar que o policial é corrupto, fique um pouco mais perto do bandido. Mantenha a distância entre eles. Pode ser que eles esqueçam de você ao se preocuparem um com o outro.

Dos caminhos para se chegar à Lapa siga pela Evaristo da Veiga: Rua do Quartel general da Polícia militar. Sempre um guarda armado na guarita. A presença do guarda, ao menos, teoricamente, torna o trecho um pouco mais seguro. Falta pouco. Atenção ao atravessar o Largo. Enfim, Lapa.

É noite de sexta feira. Início do fim de semana. Pessoas indo, vindo, parando. Muitos saem dos trabalhos no comércio e escritórios das redondezas e vão se divertir naquele local, misturando-se aos muitos outros que surgem por todo o bairro, ocupando a Ladeira de Santa Teresa, as escadarias sob os Arcos e ruas transversais. Por estas ruas carros não são bem vindos, pois não há espaço para eles. A rua é das pessoas que se encontram, das rodas de bate papo e do consumo de bebidas.

Corpos ao redor de mesas postas na calçada ou espalhadas pela rua disputando o espaço com barraquinhas de ambulantes que vendem bebidas, serpentinas de plástico com algum líquido pastoso e alcoólico dentro, vendedores de bugigangas coloridas vindas da China, via Paraguai, vendidas por um coreano ou mesmo os “homens bancos” que carregam no pescoço seu sustento, traduzido por maços de cigarros e chicletes.

A noite também é dos meninos e meninas pedintes e das crianças com caixas de balas que parecem nunca se esvaziar. Pequenos corpos que se esgueiram pela multidão em

busca de mais um comparador. Se não venderem a cota estabelecida, não podem ir para casa.¹¹⁵

Ao se afastarem um pouco da aglomeração de pessoas eles tentam viver um pouco da meninice, correndo atrás da bola improvisada de uma garrafa plástica. Logo voltarão ao trabalho, entoando as mesmas loas, repetindo as mesmas frases, anunciando os mesmo produtos, os mesmos olhos tristes, a mesma desesperança enquanto cobiçam algum petisco que sobrara em cima da mesa.

Já é tarde da noite quando são perguntados sobre a possibilidade de não terminarem de vender os pequenos tubos de balas e afirmam: *É melhor nem voltar para casa. Quando é assim a gente dorme na rua mesmo*¹¹⁶.

É ao redor dos arcos (e sob eles) que o movimento é maior, Exemplo disso e a Rua Joaquim Silva. Se nos mapas ela aparenta ser uma pequena rua, paralela a Rua da Lapa e ao Largo, o caminhar pelas pedras do calçamento a torna infinita aos sentidos. Ela é a rua dos karaokês, nas biroscas que surgem da derrubada das paredes que antes era divisa de alguma casa, do burburinho das conversas, do som alto que brota dos carros estacionados ou da boate improvisada que toca músicas jamaicanas à noite toda.

Rua da melodia das máquinas caça níquel, das rodas de samba, do bate papo e pagode. Sons que se misturam se somam, tornando-se incompreensíveis, inundando o espaço com sua polifonia caótica contagiando corpos, irritando ouvidos, adentrando casas, misturando-se aos passantes.

Infinitas são as ruas da cidade e do lugar chamado Lapa. Bairro dos hotéis de solteiros (“expressamente proibida a entrada de casais”, dizia a placa), do “Love’s House”, com sua tabuleta branca leitosa e letras vermelhas, amareladas pelo tempo, onde toalhas servem de cortina e proteção contra o frio da madrugada; das aglomerações humanas na entrada das casas de Show: Teatro Odisséia, Carioca da Gema, Asa Branca e tanto outros.

Cada show uma “tribo”, cada “tribo” um som, cada som uma peculiaridade, cada peculiaridade mais uma engrenagem que se move na fábrica de subjetividades.

A noite também é da enxurrada de corpos e vontades que chegam de todas as partes e reescrevem os limites do largo, amontoando-se nas calçadas que traçam seu limite. Ruas da mistura de corpos, das vontades, dos sentimentos, das sensibilidades, fachadas e carros em movimento. Espaços polifônicos e multifacetados.

¹¹⁵ Assim contou o menino que carregava a sua irmã, ainda de chupeta na boca, durante a venda (nota extraída do diário de campo)

¹¹⁶ Nota extraída do diário de campo da pesquisa.

Mas a cidade não é feita somente de movimento. Num outro lugar, distante dali, no subúrbio carioca a noite é tensa e monótona.

No antigo bairro operário da Fábrica de Linhas Aliança não há rodas de conversa, ou de samba batucado em instrumentos improvisados, nem boates com o som da pequena ilha dos trópicos pelas ruas. O som que se escuta na noite é o barulho dos carros em alta velocidade, indo, vindo, fugindo. De tempos em tempos a calmaria tensa da noite é cortada pelos estampidos de tiros espaçados, vindos de algum lugar não muito distante, que vão entoando uma cadência monótona à noite da vila.

Ninguém mais se importa. Os sons de armas disparando foram incorporados ao cotidiano da ex-vila operária do subúrbio. Parado num ponto de ônibus, Wellington espera, apreensivo, a chegada do ônibus 393.

O jovem morador do subúrbio tem seu próprio mapa urbano. Nele os nomes e marcos que descrevem limites no território urbano, bem como o traçado das estradas e os ângulos das esquinas, não têm sentido. Usa-o apenas para localizar um ponto ou outro na imensidão urbana.

Para transitar pela cidade usa suas anotações e conselhos que, misturados com a experiência das ruas de um local do subúrbio, tecem infinitas artes de andar pelas ruas do Rio de Janeiro.

Ao cair da noite evita as ruas sempre desertas do bairro. Cruza esquinas com apreensão, anda sempre no meio da rua, desviando dos carros e perigos. Em caso de dúvida olha, mas não encara. Enquadra e toma cuidado. Sempre mantendo o olhar atento na tensão entre o coletivo que nunca passa e os possíveis perigos do lugar.

Vem um carro. Não é o coletivo que vai em direção ao centro. No alto do carro, luzes rodando. Pode ser que o perigo esteja vestindo farda, afinal como convencer os guardas sobre as intenções de um “cidadão de bem” ao transitar pelas ruas, tarde da noite?

O morador do subúrbio já conhece a rotina. Passara por ela várias vezes durante sua curta vida. Para o carro. Várias perguntas. – Está fazendo o quê? - “Documento”. - “Abre as pernas”. - “Encosta no carro”. - “Mãos no capô”. - “Não tem nada?!”. - “Senta no meio fio”. - “Dá a carteira”. - “Não precisa tirar o documento. Deixa que eu tiro”. (Junto dos documentos vão os poucos trocados da carteira).

- Bafeje aqui (na palma da mão do policial). - Cadê o ‘bagulho’ ”?. - “Tem não?”. - “Vou acreditar!”. - “Tá limpo!”. - “Pode ir”. “Vá para casa! Isso não é hora de estar na rua”. E lembre-se - “Perdeu (o dinheiro da carteira) porque ‘ficou dando mole’ na rua”.

O dinheiro separado num bolso escondido garante o resto da noite. Na carteira só trocados devidamente separados “pro ladrão”, afinal andar pelas ruas da cidade sem dinheiro é risco de vida. Ao ultrapassar as fronteiras do bairro o jovem do subúrbio recusa o encarceramento do toque de recolher das noites do subúrbio.

A apropriação do espaço público em um momento social em que se encontra cada vez mais esvaziado pode estar apontando para diversas potencialidades: formas criativas de resignificar, singular e coletivamente, o espaço geográfico da convivência; ruptura com normas urbanísticas que privilegiam o privatismo e a interioridade – de ambientes e de sentimentos, relações – ou simplesmente uma negação de expressões individualistas de relação voltadas para o interior da vida privada como sinônimo de segurança. Quem sabe, até mesmo, uma reação ao “nada a fazer” que tanto ouvimos dos jovens em nossas muitas visitas às comunidades: já que não há nada a fazer em termos de lazer e atividades, façamos então nada juntos, onde todos possam (se) ver. Soares : 2002 p 111

Se por um lado a vida nestas localidades foge do escopo desta dissertação, pois adentram um território denso e contam cotidianos de uma pretensa “guerra urbana” anunciada pelos meios de comunicação, por outro nos importa destacar a recusa da vida de interiores e da visão fatalista imposta aos moradores do subúrbio carioca. Recusa expressa na sentença “se é para fazer nada, melhor é fazer nada junto” onde o espaço público perde seu caráter ameaçador e se transforma em espaço de relações.

Este nada cheio de intensidades, que ousa movimentos incertos e por vezes perigosos, leva o jovem à Lapa. Ali se pode perambular em busca de mais uma conquista amorosa ou fazer amigos (e talvez inimigos) em situações inusitadas e imprevistas; tão inusitadas quanto as brigas que surgem e desaparecem no meio da noite ou da solidariedade de amigos e estranhos quando a situação “aperta” pela falta de dinheiro.

Nas ruas ele pode ser só mais um jovem a se misturar na multidão, se perder sem ter que pensar no duro cotidiano da família pobre, das barreiras que tem que enfrentar todo dia por ser mais um morador do subúrbio em busca de emprego. Ali não precisa mentir seu endereço, nem aturar os olhares de medo da cidade.

Ao misturar-se na multidão nasce de novo. Vida renascida onde não importa o nome, ou a pretensa imobilidade imposta pela distância e isolamento da sua “comunidade”. Renascido, pode circular pelos caminhos e se embrenhar neles, esquecer os mapas urbanos que delimitam territórios de medo, inventando cidade a partir das linhas

das ruas, corpos, prédios e praças, desvendando trajetos não desenhados e nunca antes percorridos pelos idealizadores dos mapas urbanos.

Trajetórias de esbarrões, desejos e desatinos que se misturam à fisionomia dos corpos e à rigidez do imobiliário urbano, erguendo cidades que recusam a distância do subúrbio ao centro e o isolamento imposto pelos urbanistas, fazendo das ruas um campo de experimentações e sociabilidades.

Os mapas que traçam os caminhos entre a pequena cidade do interior e Niterói ou do subúrbio da Capital para a Lapa, não têm muita utilidade na cidade contemporânea.

Este narrador [Marco Pólo] traz uma forma vazia (uma idéia abstrata de cidade) que é preenchida com formas singulares e sensíveis, descrita com grande abundância de detalhes. Entra, porém, em tensão com a tendência geometrizar, racionalizante, personificada por Kublai Khan (a imagem do cristal) que quer reduzir todo seu império a uma idéia única, representada pelo tabuleiro de xadrez: um emblema do nada. Gomes : 1994, p 41

A cidade dos mapas é a cidade do imperador. Nela os caminhos e rotas podem ser previstos sem surpresas. Cidade que se assemelham ao urbano dos especialistas e planejadores, com seu ideal organizador “um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar”.

A cidade que Wellington cria ao desafiar os limites dos territórios urbanos, rompe com os limites, com os ideais do ordenamento. Sua ousadia em ultrapassar os limites do distante bairro do subúrbio desvenda uma “cidade vazia”, reinventa rotas e reescreve territórios a cada caminhar.

Cidades criadas pela transgressão à anunciada “morte das ruas”.

Sob o olhar atento dos policiais ele segue pelas ruas, munido apenas das experiências que um dia lhe passaram, ele segue pelas ruas guiado pela experiência e conselhos dos mais velhos, dos que conhecem um pouco da cidade e sabem narrá-la. Material que lhe permite preencher o vazio das ruas com relações, sensibilidades, vivências, políticas e alteridades.

Os caminhos que levam e trazem do subúrbio ou Niterói são distantes, traçam rotas diferentes nos mapas urbanos. As cidades que surgem desse caminhar diferem tanto uma da outra que se tornam irreconhecíveis (apesar de iguais). “Forma vazia” preenchida com singularidades e sensibilidades, que conjugadas em diferentes artes de caminhar, criam infinitas cidades de São Sebastião do Rio de Janeiro.

PEQUENOS APONTAMENTAMENTOS DE UMA BREVE CONCLUSÃO

Enquanto escrevo as linhas “derradeiras” desta dissertação, volto um pouco no tempo, ao período de pesquisas e andanças pela Lapa do Desterro. Atento ao Largo, procuro me ajeitar nas pedras semicirculares que dão forma ao “pretense” anfiteatro. Tarefa difícil devido às roupas dos ambulantes a secar e as sobras de papelão empilhadas, restos de uma cidade em constante movimento.

Sobre os Arcos o bondinho para Santa Teresa segue seu rumo cambaleante e incerto. Na esquina, antes de dobrar para as ladeiras do bairro, “caronas” espreitam a chegada do carro do bonde, que pegam em pleno movimento, na ânsia de economizar alguns trocados.

A vida do bairro continua no abrir e fechar das portas e janelas das casas e estabelecimentos comerciais; no movimento de pessoas indo, vindo, parando; no cotidiano dos aposentados e antigos moradores a tomar cerveja e a contar histórias; vida marcada pelo movimento de corpos e carros pelas ruas e calçadas.

Recordo-me de uma sentença do poeta Manuel Bandeira¹¹⁷ que me acompanhara durante toda a dissertação: “*Para compreender a Lapa é preciso viver algum tempo nela e não será qualquer que a compreenda*”. Ao tentar concluir esta dissertação a frase toma outros contornos, apontando para outros desafios. Um deles é a necessidade de construir algumas conclusões tendo em vista que este texto é uma dissertação que tem prazos burocráticos a serem cumpridos. Outro é a impossibilidade de botar um ponto final capaz de sintetizar um cotidiano tão rico e dinâmico de um bairro chamado Lapa.

O tempo que passei ali rendera, além de uma melhor compreensão da memória e dos vários momentos da cidade e do bairro no século XX, histórias e histórias que narram cotidianos diferentes da pretensão de um ideal urbanista, com seus projetos de revitalização e reurbanização, ou dos consumidores de memórias da sociedade contemporânea.

Muitas outras ainda clamam por serem escritas e poderiam sê-las, se mais tempo tivéssemos, mas elas não serão esquecidas. Enquanto houver janelas se abrindo, sarjetas que vomitam guias, mendigos a narrar cotidianos de barbárie, meninas vendendo balas, corpos que se esbarram pelas ruas, enfim, enquanto houver Cidade elas estarão lá, ansiosas por parcerias, a espera de coautoria que lhe deem vozes para serem narradas.

¹¹⁷ Conforme citação contida no preâmbulo desta dissertação.

Elas tecem narrativas a partir da mistura de imprevisíveis fragmentos de um urbano preñado de fabulação, capaz de dar vida a Lapas diferentes, em cada caminhar; bairros onde o passado dos patrimonialistas perde sua força e os tijolos brilhantes o encanto, voltando à condição de adornos sem vida; Lapas onde a velhinha debruçada sobre o parapeito não é o resíduo de um passado desprezado e a janela aberta dá asas à imaginação, abrindo caminho para a construção de cidades que sobrepõem rostos e prédios. Passados e futuros articulados em presentes dinâmicos, apontando para possibilidades imprevisíveis e inimagináveis.

Nestas Lapas a história de um velho operário/pedreiro/porteiro não é só um lamento surdo perdido em algum lugar do bairro. As fábricas que ele ergue com a imaginação muito se assemelham ao bairro por onde caminhei. Lapas que muitas vezes fui obrigado a botar abaixo, transformando-as em ruínas e seguindo entre elas. Lapas que se misturaram ao pesquisador/escritor/caminhante a ponto de não saber onde começa um ou termina o outro.

Muitas vezes foi preciso escapar da sedução de uma cidade cadavérica e do passado que ela conjura. Seguindo as pistas deixadas por Fernando Pessoa (apud Viana:2006), descritas na introdução, repetimos aqui a proposição citada anteriormente onde “Ver é estar distante. Ver claro é parar. Analisar é ser estrangeiro”.

Não foram poucas as vezes que tive que estar distante para observar a sedução da cidade objeto, que parei para tentar ver claro ou me afastei para voltar a ser estrangeiro, estranhando o bairro que me é tão familiar.

Entretanto, mesmo sendo uma tarefa impossível, faz-se necessário colocar um ponto neste texto e ensaiar algumas conclusões provisórias. Neste contexto a afirmação do geógrafo Milton Santos (2002) permite ensaiar algumas possibilidades.

O presente não é um resultado, uma decorrência do passado, do mesmo modo que o futuro não pode ser decorrência do presente, mesmo se este é uma eterna novidade.... O passado comparece como uma das condições para a realização do evento, mas o dado dinâmico da produção da nova história é o próprio presente, isto é, a conjunção seletiva de forças existentes em um dado momento. Na realidade, se o homem é o Projeto, como diz Satre, é o futuro que comanda as ações do presente. Santos : 2002 p 330.

Ao buscarmos na história do bairro as pistas que levam ao “renascimento” da alma boêmia, atento à idealização do seu passado maldito e ao retorno nostálgico ao passado nos

dias atuais, podemos compreender que os passados tornados imprescindíveis pela ótica dos patrimonialistas e a potência dos fragmentos urbanos invisíveis, uma vez conjugados, são a condição para a realização de um “dado dinâmico” chamado presente, capaz de conclamar futuros inesperados.

Partindo desta conjunção de forças podemos depreender que o passado boêmio destituído de seu fetichismo é apenas um momento que, apesar dos esforços dos urbanistas em purificá-lo de seus resíduos sujos, mistura-se em movimentos imprevisíveis a um presente dinâmico. Em outras palavras, podemos dizer que o esforço de transformação da história do bairro em “bem cultural”, visando transformar a cidade num “museu a céu aberto” voltado para o consumo, é, a todo momento, interpelado pelas tensões de um cotidiano dinâmico que recusa a morte de antigas tradições e de diferentes formas de se relacionar com a cidade e suas memórias.

Se por um lado busca-se evitar que o passado desapareça através da preservação da história elevada a patrimônio, por outro, a própria cidade (a cidade da “Saudade do Rio”) subverte estes desígnios reinventando o espaço público, reescrevendo-o num campo de sociabilidade e negociação, onde as memórias de um passado são apenas mais um elemento e não um fim em si mesmas. Cidade que se reinventa indefinidamente nas artes e fazeres das políticas cotidianas.

Neste sentido, não é o passado restaurado que impinge o que a cidade é ou será. É a própria dinâmica do presente e a potência da memória urbana, com seus embates de forças e recusa ao esquecimento dos rastros de passados negados, que dá vida a múltiplas cidades contidas em uma só.

É na articulação destes fatores, presentes ao longo desta dissertação, que podemos apontar para uma cidade que recusa a morte das ruas e, a despeito dos bares cenográficos e dos redutos da memória, inventa cidades onde a pacificação e o consenso do contemporâneo cede lugar ao conflito e negociação entre alteridades.

Iniciamos esta dissertação com uma pergunta: Pode uma alma urbana ser transgressora, rebelde e marginal? Após este longo percurso é possível afirmar que sim. Esta alma é a alma do espaço público, que tem no amor ou, pedindo de empréstimo o sentimento do poeta Pessoa, na ternura pela alteridade das ruas um dado capaz de romper o anestesiamiento das subjetividades contemporâneas.

É na ocupação destes espaços, nos brancos deixados pela urbanização, nos seus momentos de desatenção, na mistura dos restos e fragmentos da memória urbana que

outras cidades (contidas numa só) são construídas todos os dias. Cidades visíveis aos homens lentos que, tecendo fabulações, vão erguendo cidades a partir da recusa da velocidade e do entorpecimento do mundo contemporâneo. Homens e mulheres que não se seduzem pelo fascínio dos projetos arquitetônicos nem pelos arranjos previsíveis e finitos das memórias pasteurizadas.

Durante boa parte desta dissertação discutimos o conteúdo de uma determinada alma “carioca”... Essa alma (que conjugada no plural dá forma a almas cariocas plurais), apesar dos vários contornos que nela se delineiam e afirmam a impossibilidade de ser contida pela vontade dos consumidores, urbanistas, patrimonialistas ou pelo Poder Público Municipal.

Essas Almas contém os anseios, desejos, desatinos e paixões de uma cidade em constante ebulição, um cotidiano imprevisível que articula as tradições dos lugares, aquilo que lhe é próprio e singular, com as provocações e tensões de um mundo globalizado¹¹⁸, que mescla passados esquecidos com imprevisibilidade das ruas e as histórias espetacularizadas do capitalismo em políticas cotidianas. Lapas do “Ao Amor do Público” traduzidas por o amor ao (espaço) público. Assim dizia a placa de mármore branco, fixada em algum ponto do antigo Passeio Público.

¹¹⁸ Conforme Massey (2000)

BIBLIOGRAFIA:

- AGGIO, S. M. *Memória e Cidade em Walter Benjamin*. São Paulo : Revista Caramelo, n°8, 1995;
- ARANTES, A. *A Guerra dos Lugares: Sobre fronteiras simbólicas e liminaridades no espaço público*. Rio de Janeiro : Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n°24, 1994;
- BAPTISTA, L. A. Arte e subjetividade na experiência teatral: Contribuições de Jurema da Pavuna. In. MACIEL A. , KUPERMAM, D. , TEDESCO, S. *Polifonias: Clínica, política e criação*. Rio de Janeiro : Revista do Mestrado em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, 2005;
- ___ *Sujeitos e Subjetividades na Contemporaneidade: Reflexões sobre o anestesiante espetáculo da diferença*. 2003;
- BAUMAM, Z. *Globalização: As conseqüências humanas*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 2003;
- ___ *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 2001;
- ___ *O Mal Estar na Pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1998;
- BENJAMIM, W. *Rua de Mão Única - Obras Escolhidas vol. II*. São Paulo : Brasiliense 1981;
- ___ *Charles Boudelaire: Um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas vol. III*. São Paulo : Brasiliense 1989;
- BERMAM M, *Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar*.
- BRETAS, M. *A Guerra das Ruas: Povo e polícia na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 1997;
- BRISSAC, N. *Paisagens Urbanas*. São Paulo : SENAC ed., 1996;
- CALVINO, I *As Cidades Invisíveis*. São Paulo : Companhia das Letras, 1990.
- CANEVACCI, M. *A Cidade Polifônica: Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana..* São Paulo : Studio Nobel, 1988;
- CASTEL, R. Da indigência à Exclusão, a Desfiliação – Precariedade do Trabalho e Vulnerabilidade Relacional. In *Saúde e Loucura*, n.4. São Paulo : Hucitec, 1993, pp.21-48;

- CELESTINO, H. *Fama de Modernidade Dividida Por Uma Ponte: Brooklyn Manhattan disputam status de maior centro de agitação cultural de Nova York*. Rio de Janeiro : Jornal O Globo, 8 de maio de 2005, Caderno O Mundo, p 43;
- CHALHOUB, S. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo : Companhia da Letras, 2001;
- COARACY, V. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte : Itatiaia; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988;
- COUTO, R. *A Cidade do Vício e da Graça :Vagabundagem pelo Rio noturno*. Rio de Janeiro : Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998. (Coleção Fluminense, V.4);
- CPDOC/FGV *Estudos Históricos, Arte e História*. Rio de Janeiro, n. 30, 2002;
- DAMATA, G. *Antologia da Lapa: Vida boemia no Rio de ontem*. Rio de Janeiro: CODRECI ed., 1978;
- GAGNEBIN, J. M. Memória e Esquecimento: Linguagem e narrativas. In BRESCIANI, S (Org) *Memória e (re)sentimento*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2001;
- GARDEL, A. *O Encontro Entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro : Secretaria Geral de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996;
- GOMES, R. C. *Todas as Cidades, A Cidade: Literatura e experiência urbana* Rio de Janeiro : Rocco, 1994;
- JEUDY, H. P. *Espelho das cidades*. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2005;
- JOÃO DO RIO. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro : Organizações Simões, 1952;
- LIMA, R.K *A Polícia da Cidade do Rio de Janeiro: Seus dilemas e paradoxos*. Rio de Janeiro : Forense, 1995;
- MADAME SATÃ *Memórias* Rio de Janeiro : Lidador, 1970;
- MAGALHÃES, R. A. M. *Preservação e Requalificação do Centro do Rio nas Décadas de 1980 a 1990: A construção de um objeto difuso*. Rio de Janeiro : Revista de Arquitetura da UFRJ, nº 6, 2002;
- MASSEY, D. Um Sentido Global de Lugar. In. ARANTES, A(org) *O Espaço da Diferença*.Campinas, São Paulo : Papirus Ed., 2000;

- PECHMAN, R.M. A Invenção do Urbano. In: PIQUET, R. & RIBEIRO, A.C.T. (Org). *Brasil. Território das Desigualdades*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991;
- ___ *Quando Hannah Arendt vai à cidade e encontra Rubem Fonseca, ou da cidade, da violência e da política*. Mimeo, 2006;
- ___ *Pedra e Discurso: Cidade história e literatura*. Revista Semear n°3. Rio de Janeiro, dez de 2003. Disponível em <www.puc-rio.br/sobrepuc/depto/letras/catedra/revistasemear_3.html>. Acesso em 17 de dezembro 2003;
- SANTOS, M. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002;
- SENNET, R. *Carne e Pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro : Editora Record, 2004;
- ___ *O Declínio do Homem Público: As tiranias da intimidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1988;
- SOARES, A. B. I “Eu conto mais é com os colegas lá da rua”: Comunidades e apropriação do espaço urbano por jovens cariocas In *O Social em Questão: Revista do mestrado de Serviço Social da PUC- Rio*. Rio de Janeiro : Volume 7, N°7, 2002;
- SOUZA, S. J., PASSARELLI, C.A.F. Espaço urbano e constituição da desigualdade social: uma possível leitura das políticas da diferença. In SPINK, M. J. , SPINK, P. (Orgs.) *Práticas cotidianas e naturalização da desigualdade: Uma semana de notícias nos jornais*. São Paulo : Cortes, 2006;
- VELASQUES, M. C. C. *A Lapa Boemia: Um estudo da identidade carioca*. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense. Niterói: 1994;
- VELOSO, M. P. *A Cultura das ruas no Rio de Janeiro (1900-30): Medições, linguagens e espaço*. Rio de Janeiro : Edições Casa de Rui Barbosa, 2004;
- VIANNA, H. Ternura e Atitude Blasé na Lisboa de Pessoa e na Metrópole de Simmel. In VELHO, G (ORG) *Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 1999;
- ZUKIN, S. *Paisagens Urbanas Pós Modernas: Mapeando cultura e poder*. In Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro, n°24, 1996.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)